O PEREGRINO
OU A
VIAGEM DO CRISTÃO
À CIDADE CELESTIAL
POR

João Bunyan

Foi transcrito da 12ª edição de 1969 da Imprensa Metodista

Quem foi João Bunyan



John Bunyan (1628-1888)

João Bunyan

João Bunyan, o autor de O Peregrino, nasceu em Elstow, Bedford, Inglaterra, no ano de 1628. Era filho de pais humildes e foi criado na ignorância, como geralmente acontece às pessoas de sua classe. Na mocidade aprendeu o ofício de funileiro, do qual viveu por alguns anos. Anteriormente ao seu primeiro casamento, Bunyan levava

uma vida livre e escandalosa, que mais tarde foi moderada pela benéfica influência de sua mulher. contudo, só alguns anos depois é que a conversão real da sua alma pôs termo a essa vida desregrada.

As profundas experiências pelas quais passou depois de convertido, ligadas aos dons naturais de que era possuidor, habilitaram-no, de um modo especial, a apresentar os fatos aos outros homens. Assim foi que não demorou a começar o seu ministério, do qual, mais tarde, se ocupou exclusivamente, com uma eficácia não alcançada por qualquer outro ministro do seu tempo.

A sua pregação do Evangelho e a sua ausência nos cultos da Igreja Oficial atraíram sobre ele a atenção das autoridades eclesiásticas da vizinhança, por cuja instituição foi ele lançado em prisão. Aí permaneceu durante doze anos, e, para sustentar a mulher e a filha cega, fabricava cordões para sapatos. E foi aí, na prisão de Bedford, que ele concebeu e deu forma à grande alegoria que imortalizou seu nome.

Cumprida a pena, Bunyan foi posto em liberdade, e então começou a pregar em Bedford, em Londres e em outras cidades.Escreveu diversas obras de grande utilidade e continuou seu ministério até a idade de sessenta anos. Sua última viagem foi feita para apaziguar um pai e um filho que se achavam brigados. Nessa viagem apanhou um grave resfriado que lhe roubou a vida.

Nos fatos assim resumidamente narrados e especialmente no fato de sua prisão, veem alguns escritores a disciplina e o preparo de Bunyan para escrever "O Peregrino". Mas a grande obra de Bunyan não se explica assim. Estudando-se as circunstâncias de sua vida anterior, ninguém diria

que ele viesse a produzir semelhante obra. Bunyan é a grande criação da providência divina, que só se explica como se explica a criação de um mundo. É um fenômeno que só se compreende pelo fato que Deus por processos que nós não podemos explicar e por meios que nos parecem inadequados, faz surgir grandes homens para grandes fins. E não só escolhe as coisas loucas deste mundo para confundir a sábios, e fracos para confundir a fortes, como revela a sabedoria e a força onde menos são estas qualidades suspeitadas.

Bem indica o espírito da Inglaterra cristã o fato de que ela, que deveria ter colocado Bunyan entre os seus mais dignos filhos, houvesse, ao invés, retribuído o seu esforço com perseguições e encarceramento, quando seu único crime foi ausentar-se dos serviços públicos da Igreja oficial, promover reuniões onde pregava o Evangelho, e fazer o culto de um modo que lhe parecia mais de acordo com os princípios do Novo Testamento. E isto no entender das autoridades eclesiásticas, era um grande crime. Assim, foi Bunyan preso em uma reunião, em Sansell, e não podendo prestar fiança, foi recolhido ao cárcere para esperar o processo que só se realizou sete semanas depois. Assim dizia sua acusação: "João Bunyan, de Bedford, operário, diabólica e perniciosamente se tem ausentado da Igreja, promovendo reuniões e ajuntamentos ilegais. que grandemente desnorteiam e perturbam os bons súditos deste reino." Sob esta acusação, sem ser ouvida uma só testemunha, foi ele condenado. O Juiz Keeling num tom brutal que muito distoava da sua dignidade de juiz, lhe disse: "ouve a tua sentença: tens que voltar para a prisão, onde ficarás por três meses. E no fim de três meses, se não tornares a freqüentar a Igreja e se não desistires das tuas pregações, serás banido do reino, onde voltando sem

licença especial do rei, serás enforcado. Atenta, pois no que te digo". E voltando-se para o carcereiro, disse: "Levai este homem".

A resposta de Bunyan foi tão digna do seu caráter cristão quanto a sentença foi indigna do Juiz que a proferiu. "Se eu saísse hoje da prisão", disse ele, "pregaria amanhã, com o auxílio de Deus"! E acompanhando o carcereiro, foi de novo encerrado.

Mas nem todos os horrores da prisão, nem a separação da esposa e dos quatro filhos, abalaram o espírito deste grande servo de Deus. Especialmente sofria ele com a separação da filha cega. "Minha pobre filha", dizia ele, "quão triste é atua porção neste mundo! Serás maltratada, pedirás esmolas, passarás fome, frio, nudez e outras calamidades! Oh!, os sofrimentos da minha ceguinha quebrar-me-iam o coração aos pedaços!" Contudo Bunyan não fraquejou, porque tudo entregou nas mãos de Deus. "Na verdade", dizia ele, "quando deixei a minha casa, levava a paz de Deus no coração. Bendido seja o Senhor, fui para o cárcere com a paz de Deus na minha pobre alma".

Os juízes não sabiam o que fazer com ele. Constantemente mandavam buscá-lo à sua presença e como Bunyan não prometesse mudar de conduta, mandavam-no novamente para a prisão, temendo bani-lo da Inglaterra, conforme a sentença do Juiz Keeling. Os amigos intercediam por ele. Sua esposa, que concordava com suas idéias, foi a Londres com uma petição e apresentou-a à Câmara dos Lordes. Apesar de ser uma moça retraída, apresentou-se perante os juízes e defendeu tão bem seu marido, que qualquer advogado não o faria melhor. Mas foi tudo em vão. A

única condição exigida para a sua liberdade foi uma condição que o prisioneiro não podia aceitar por nada deste mundo. "Teu marido deixará de pregar?" perguntou o Juiz Twisten à esposa de Bunyan. "Meu senhor", respondeu ela, "ele não poderá deixar de pregar enquanto tiver voz para falar".

Bunyan era um homem de consciência extremada. Plenamente convencido de que era chamado por Deus para pregar o Evangelho arrostava os homens que queriam desviá-lo da trilha começada. E para viver em paz com a consciência, estava pronto a sofrer tudo o que lhe foi imposto.

Mais de doze anos passou ele no cárcere. Doze anos! É fácil escrever estas palavras, porém difícil conceber a sua significação. Doze anos representam a quinta parte da sua vida na idade de maior energia. Apesar de seu corpo estar circunscrito ao estreito âmbito de uma prisão, a sua alma estava liberta. Porque foi ali, numa cela úmida em Beford, que Bunyan teve aquelas gloriosas visões, e foi ali que ele as enfeixou magistralmente na sua obra imortal. era-lhe bastante fechar os olhos, e deixava de ser o prisioneiro para se tornar naquele peregrino cuja trajetória descreve com tanto vigor. O cárcere de Bedfod desaparecia e sua alma libertada ascendia ao monte da visão, donde descortina a carreira do peregrino. Dali via ele a Cidade da Destruição e rememorava como saíra dela, com um grande fardo aos ombros. Via o Pântano da Desconfiança e o grande morro vizinho à casa do Sr. Legalidade, com seus precipícios e suas labaredas vivas. Relembrava a sua entrada pela Porta Estreita, sua visita à casa do Intérprete, seu êxtase ao chegar ao pé da Cruz, quando, com os olhos fitos no Crucificado, o fardo caiu-lhe dos ombros. E mais

adiante, via o Palácio Belo, onde encontrara alimento e repouso, e onde despertara cantando no quarto da Paz. Então passeava nas montanhas da Delícias, na companhia dos pastores, onde, do Morro da Luz, com o telescópio da fé, divisava ao longe os pórticos de pérola, as torres de ouro e as muralhas de jaspe da Cidade dos Bem-aventurados, ou demorava na terra de Beulá. Ou então, passando o rio, subia o morro que ia ter às portas da Cidade, e os imortais tomavam-lhe das mãos e o fardo dos seus ombros cansados caía ao rio. As portas se abriam à sua chegada; as trombetas soavam à sua aproximação. Os sinos da Cidade "repicavam de alegria". Os anjos vinham-lhe ao encontro com harpa e coroa de davam-lhe a harpa para cantar louvores e a coroa "em sinal de honra". E a multidão de remidos o rodeavam com aclamações, dizendo: "Entra no gozo do teu Senhor".

E todas estas visões eram reais para ele, - mais reais do que as suas nuas paredes do seu cárcere; porque estas eram sombras que passavam, ao passo que aquelas eram a realidade que permanece para sempre. E despertando do sonho, com o semblante irradiando alegria celestial, traçava aqueles quadros admiráveis que depois de perecidos os seus perseguidores, reduzidas a pó as paredes do seu cárcere e passados os dias de sofrimento, vieram trazer luz e alegria a todas as terras, a todas as gerações, na solidão e nas cidades, no palácio e na choupana, a jovens e a anciãos, a ricos e a pobres, a sábios e a ignorantes.
Sem contestação, a prisão de Bunyan redundou para o progresso do Evangelho. A Providência que sabe conter a ira do homem e afaz contribuir para sua glória, fez com que a malícia dos seus perseguidores servisse à causa que procuravam destruir. Vemos, então, a mão divina usando a prisão de Bunyan para movê-lo a escrever, e vemo-lo tirar

partido das circunstâncias para facilitar-lhe o trabalho. As crueldades que se praticavam em outras prisões talvez tivessem posto termo aos dias do prisioneiro ou talvez o tivessem impossibilitado de escrever; mas o carcereiro de Bedford tratava a Bunyan com tanta humanidade que até chegava a desgostar os juízes. Assim é que, de vez em quando, Bunyan tinha a liberdade para visitar a família. Certa vez, um pároco, tendo notícia dessas visitas, denunciou o carcereiro. Isto deu-se justamente num dia em que Bunyan estava de visita em casa. Ora, aconteceu que Bunyan começou a sentir-se mal, e, por este motivo, voltou para a prisão mais cedo do que pretendia. Mal entrara Bunyan na sua cela, quando chegou o fiscal da prisão e interrogou o carcereiro: "Todos os presos estão aqui?" Respondeu ele: "Sim". "João Bunyan está aqui?" insistiu ele. "Sim", tornou o carcereiro. E como o fiscal quisesse averiguar com seus próprios olhos, logo lhe foi apresentado o prisioneiro. Depois deste incidente o carcereiro dizia a João Bunyan "Podeis sair quando quiserdes porque sabeis melhor do que eu, a hora de voltar". E assim foram conservadas a vida e a saúde daquele homem que proibido de pregar a pequenos grupos em lares de pobres, prega hoje, através dos seus livros, a milhões de criaturas de todas as terras e de todas as gerações, enquanto que aqueles que procuravam tapar-lhe a boca para que não falasse, jazem hoje no pó do esquecimento. E assim são os inimigos do Evangelho: desmancham os seus próprios planos e assim vence o bem, aureolado de glória e resplendor.

A popularidade do livro de João Bunyan, intitulado "O Peregrino", é sem paralelo. Durante a vida do autor, muitos volumes foram vendidos na Inglaterra - naquele tempo em que os livros eram escassos no reino - e diversas

edições foram publicadas na América do Norte. Foi traduzido para o francês, flamengo, alemão, gaulês, irlandês, e para muitas outras línguas, e somente a Bíblia lhe ultrapassa a popularidade.

"O Peregrino" é conhecido como clássico, onde quer que se fale a língua inglesa. É vendido por todos os preços e lido por todas as classes. ricamente ilustrado, elegantemente encadernado, ornamenta a biblioteca do rico. Ou simples e rasgado pelo uso se encontra na prateleira do pobre. As crianças acham profundo encanto nas suas histórias de perigos e conflitos, de desespero e de vitória. Homens, tão ignorantes que mal sabem ler, ficam fascinados com a sua leitura. E homens instruídos, embora não simpatizem com o seu objetivo religioso, sentem o poder do seu gênio e são levados a admirar as suas belezas, as suas terríveis criações e sua alta compreensão da natureza humana. Os crentes novos, no início da carreira, o lêem para conforto e incentivo nas lutas; os veteranos da fé, que ainda permanecem para cá do rio, vêem nele, fielmente retratadas, as dores e as tribulações que já passaram.

"O Peregrino" é um livro universal - apela para todos os povos, todas as classes e todas as religiões de todos os tempos. E o que excita a nossa admiração é saber que foi escrito por um homem sem instrução e descendente de uma tribo vagabunda, que o escreveu espontaneamente, inconscientemente, sem esforço, como se o fizesse mais para expandir o tumulto de imagens que lhe ia no cérebro. Mas, faltar-nos-ia o tempo, e o espaço não permite discorrer sobre todas as belezas deste livro. Quanto mais o estudamos tanto mais vemos nele o segredo da sua popularidade que, excetuando a Bíblia, é sem rival entre

os livros. Com prazer, pois, o recomendamos a todos os amigos da boa literatura, e é nosso sincero desejo que alguns dos leitores sejam levados a começar esta mesma jornada do peregrino e que aqueles que já a começaram, prossigam nela com coragem e galhardia , até completarem a peregrinação que Bunyan tão admiravelmente traçou.

OS EDITORES

CAPÍTULO I

Começa o sonho do autor - Cristão, convencido do pecado, foge à ira vindoura e Evangelista o dirige a Cristo

CAMINHANDO pelo deserto deste mundo, parei num sítio onde havia uma caverna; ali deitei-me para descansar. Em breve adormeci e tive um sonho.

Vi um homem coberto de andrajos, de pé, e com as costas voltadas para a sua habitação, tendo sobre os ombros uma pesada carga e nas mãos um livro (Isaías 64:6; Lucas 14:33; Salmo 38:4; Habacuque 2:2). Olhei para ele com atenção e vi que abria o livro e o lia; e, à proporção que o ia lendo, chorava e estremecia, até que não podendo conter-se por mais tempo, soltou um doloroso gemido, e exclamou: "Que hei de fazer?" (Atos 2:37 e 16:30; Habacuque 1:2-3).

Neste estado voltou para a sua casa, diligenciando reprimir-se o mais possível,a fim de que sua mulher e seus filhos não percebessem sua aflição. Como, porém, o seu mal recrudescesse, não pode por mais tempo dissimulá-lo, e abrindo-se com os seus, disse por esta forma: "Querida esposa, filhos do coração, não posso resistir por mais tempo ao peso deste fardo que me esmaga. Sei com certeza que a cidade em que habitamos vai ser consumida pelo fogo do céu, e que todos pereceremos em tão horrível catástrofe se não encontrarmos meio de escapar. O meu temor aumenta com a idéia de que não encontre esse meio".

Ao ouvir estas palavras, grande foi o susto que se apoderou daquela família, não porque julgasse que o vaticínio viesse a realizar-se, mas por se persuadir de que

o seu chefe não tinha em pleno vigor as suas faculdades mentais.

E, como a noite se avizinhava, fizeram todos com que ele fosse para a cama, na esperança de que o sono e o repouso lhe sossegariam o cérebro. As pálpebras, entretanto, não se lhe cerraram durante toda a noite, que passou em lágrimas e suspiros.

Pela manhã, quando lhe perguntaram se estava melhor, respondeu negativamente, e que a moléstia cada vez mais o afligia. Continuou a lastimar-se, e a família, em lugar de se compadecer de tanto sofrimento, tratava-o com aspereza. Esperava, sem dúvida, alcançar por este modo o que a doçura não pudera conseguir até ali: algumas vezes zombava dele: outras repreendia-o; e quase sempre o desprezava. Só lhe restava o recurso de se fechar no seu quarto para orar e chorar a sua desgraça, ou o de sair para o campo, procurando na oração e na leitura lenitivo a tão indescritível dor.

Certo dia, em que ele andava passeando pelos campos, notei que se achava muito abatido de espírito, lendo, como de costume, e ouvindo-o exclamar novamente: "Que hei de fazer para ser salvo?"

O seu olhar desvairado volvia-se para um e outro lado, como em busca de um caminho para fugir; mas, não o encontrando de pronto, permanecia imóvel, sem saber para onde se dirigir.

Vi, então, aproximar-se dele um homem chamado Evangelista (Atos 16:30-31; Jó 33:23) que lhe dirigiu a palavra, travando-se entre ambos o seguinte diálogo:

Evangelista - Por que choras?

Cristão - (Assim se chamava ele). - Porque este livro me diz que eu estou condenado à morte, e que depois hei de ser julgado (Hebreus 9:27), e eu não quero morrer (Jó 16:21-22), nem estou preparado para comparecer em juízo! (Ezequiel 22:14).

Evangelista - E por que não queres morrer, se a tua vida é cheia de tantos males?

Cristão - Porque temo que este pesado fardo que tenho sobre os ombros, me faça enterrar ainda mais do que o sepulcro, e assim eu venha a cair em Tofete (Isaías 30:33). E, se não estou disposto a ir para esse tremendo cárcere, muito menos para comparecer em juízo ou para esse suplício. Eis a razão do meu pranto.

Evangelista - Então, por que esperas, agora que chegaste a esse estado?

Cristão - Nem sei para onde me dirigir.

Evangelista - Toma e lê. (E apresentou-lhe um pergaminho no qual estavam escritas estas palavras: "Fugi da ira vindoura"). (Mateus 3:7).

Cristão - (Depois de ter lido). E para onde hei de fugir?
Evangelista - (Indicando-lhe um campo muito vasto). Vês aquela porta estreita? (Mateus 7:13-14).

Cristão - Não vejo.

Evangelista - Não avistas além brilhar uma luz? (Salmo 119:105; II Pedro 1:19).

Cristão - Parece-me avistá-la.

Evangelista - Pois não a percas de vista; vai direito a ela, e encontrarás uma porta; bate, e lá te dirão o que hás de fazer.

CAPÍTULO II

Vendo-se abandonado por Obstinado e Flexível, prossegue Cristão a sua viagem. O Pântano da Desconfiança. CRISTÃO deitou a correr na direção que lhe havia sido indicada; mas a mulher e os filhos, ao verem-no fugir, seguiram atrás dele, suplicando que voltasse para casa. Cristão não lhes deu ouvidos, e, continuando a carreira com mais velocidade, gritava em altas vozes: "Vida, vida, vida eterna" (Lucas 14:26). E, sem olhar para trás (Gênesis 19:17; II Coríntios 4:18), continuou até ao meio da planície. Acudiram também os seus vizinhos (Jeremias 20:10). Uns zombavam dele, outros ameaçavam-no, e outros ainda gritavam-lhe que voltasse. Entre estes últimos havia dois que estavam resolvidos a ir agarrá-lo e trazê-lo à força para casa. Chamavam-se estes Obstinado e Flexível. Apesar da considerável distância a que já se achava o fugitivo, os dois vizinhos, redobrando esforços, conseguiram-lhe alcançá-lo.

- Que pretendeis de mim? perguntou-lhes Cristão.

- Queremos que voltes conosco.

- É impossível, respondeu Cristão. A cidade em que habitais, e onde eu também nasci, é a cidade da Destruição. Se lá morrerdes, sereis enterrados num lugar mais fundo do que o sepulcro, onde arde fogo e enxofre.

Eia, pois vizinhos, tomai bom ânimo e vinde comigo.
Obstinado - Que dizes? Havemos de deixar os nossos amigos e as nossas comodidades?

Cristão - Certamente, amigo: porque tudo isso nada é, em comparação com a mais diminuta parte do que eu procuro gozar (Romanos 8:18). Se me acompanhardes, gozareis de tudo isto juntamente comigo, porque no lugar para onde me dirijo há muito, e para todos (Lucas 15:17). Vinde e tereis a prova.

Obstinado - Mas que coisas são essas que procuras, em troca das quais abandonas tudo o que há no mundo?

Cristão - Procuro uma herança incorruptível, que não pode contaminar-se nem murchar (I Pedro 1:4), reservada com segurança no céu (Hebreus 11:16), para ser dada, no devido tempo, aos que a buscam diligentemente. Assim o declara o meu livro; lêde, se quereis, e convencer-vos-ei da verdade.

Obstinado - Ora, deixa-te lá dessa questão do livro; queres voltar para a tua casa, ou não?

Cristão - Isso nunca; porque já pus a mão no arado. (Lucas 9:62).

Obstinado - Nesse caso, vizinho Flexível, deixemo-lo partir, e vamos nós para casa. Há muita gente a quem falta o juízo, em cuja cabeça, encasquetando-se algo, é bastante para que se julgue mais atilada do que os sete sábios da Grécia reunidos.

Flexível - Nada de injúrias. Se o que ele diz é verdade, não pode haver dúvida de que as coisas que busca alcançar são incomparavelmente superiores às que possuímos. Diz-me

o coração que está ele muitíssimo certo no que afirma, e eu me sinto inclinado a acompanhá-lo.

Obstinado - Então, enlouqueceste também? Ora, toma o meu conselho, e vem para casa comigo. Sabes lá onde esse doido seria capaz de te levar? Anda daí.

Cristão - Deixa-o falar, amigo Flexível; acompanha-me e terás não só a prova do que já te disse, mas ainda muito mais. Se duvidas da minha palavra, lê este livro; pela verdade do que nele se contém, responde o sangue daquele que é seu Autor (Hebreus 9:17-21).

Flexível - Amigo Obstinado, a minha resolução está tomada: vou acompanhar este homem e unir a minha sorte à sua. Mas sabes tu (dirigindo-se a Cristão) qual é o caminho que conduz ao luar que buscamos?

Cristão - Quem me indicou o caminho foi um homem chamado Evangelista. Segundo o que me disse ele, havemos de encontrar uma porta estreita, lá, mais adiante, e aí nos dirão o caminho que havemos de seguir.
Flexível - Então, marchemos!

E ambos se puseram a caminho. Obstinado voltou sozinho para a cidade, censurando os erros e as fantasias dos dois vizinhos. estes continuaram a caminhar pela planície fora e conversavam nestes termos:

Cristão - Amigo Flexível, ainda não tive ocasião de me informar da tua saúde. Não imaginas quanta satisfação me causa a tua companhia. Se o pobre Obstinado sentisse, como eu, o poder e os terrores do invisível, e a grandeza das coisas que nos esperam, por certo não se teria apartado de nós tão levianamente.

Flexível - Agora estamos sós, explica-me o que são essas coisas de que me falas, como havemos de as gozar e para onde é que nos dirigimos.

Cristão - Tenho mais facilidade em compreendê-las com o entendimento do que em expressá-las por palavras. Todavia se tens grande desejo de saber o que penso a respeito delas, ler-te-ei o meu livro.

Flexível - E tens certeza de que as palavras do livro são verdadeiras?

Cristão - Tenho sim; porque o seu autor é Aquele que não pode mentir (Tito 1:2).

Flexível - Muito bem. Então leia-me.

Cristão - Entraremos na posse dum reino que não terá fim, e seremos dotados de vida eterna, para podermos possuí-lo para sempre (Isaías 65:17; João 10:27-29).

Ser-nos-ão dadas coroas de glória, e vestidos tão resplandecentes como o sol no firmamento (II Timóteo 4:8); Apocalipse 22:5; Mateus 13:43). Não haverá ali pranto nem dor (Isaías 25:8; Apocalipse 7:16-17, e 21:4), porque o Senhor daquele reino limpará todas as nossas lágrimas.

Flexível - Quadro belo e magnífico! E a quem teremos por companheiros?

Cristão - Estaremos som os querubins e serafins (Isaías 6:2; I Tessalonicenses 4:16-17; Apocalipse 5:11), criaturas cujo brilho nos deslumbrará; também encontraremos milhares e milhares que para ali foram antes de nós, todos inocentes amáveis e santos, que vivem na presença de

Deus para sempre. Veremos os anciãos com as suas coroas de ouro (Apocalipse 4:4), as santas virgens entoando suaves cânticos ao som das suas harpas de ouro (Apocalipse 14:1-5) homens a quem o mundo esquartejou, outros que foram queimados em autos de fé ou devorados pelas feras, ou lançados nas profundezas dos mares, por amor do príncipe daquele reino; vivendo todos felizes, revestidos da imortalidade (João 12:25; II Coríntios 5:2, 3,5).

Flexível - A simples descrição arrebata-me de entusiasmo. E havemos de gozar esse bens? Que faremos para conseguir partilhar deles?

Cristão - O Senhor do reino declara neste livro (Isaías 55:1-2; João 4:37; e 7:37; Apocalipse 16:6; 22:17) quais são esses requisitos; eles se resumem nestas palavras: "Se verdadeiramente os desejamos, Ele no-los concederá de graça".

Flexível - Muito bem, amigo. O meu coração exulta de alegria; continuemos o nosso caminho e apressemos o passo.

Cristão - Infelizmente não posso andar tão depressa como desejo, porque este fardo que tenho às costas é pesadíssimo.

Conversaram ambos neste termos, quando os vi chegar à beira dum lodoso pântano, que havia no meio da planície, onde caíram por não o terem visto, entretidos como iam na conversa. Era o pântano da Desconfiança. Coitados! Atolaram-se no lodo, e Cristão atolava-se cada vez mais por causa do seu pesado fardo. - Onde é que estamos nós

metidos? exclamou Flexível.
- Ignoro, respondeu Cristão.

- Então, replicou Flexível, esta é a felicidade de que tens estado a falar? Se assim começarmos a nossa viagem, não posso agourar-lhe bom fim. Mas eu te prometo que, se me vejo livre desta, dispensarei de bom grado a parte que poderia pertencer-me do tal decantado país.

E, fazendo um pequeno esforço, conseguiu alcançar a margem do pântano que ficava para o lado de sua casa. Logo que se viu fora do pego, deitou a correr na direção de sua casa, e Cristão não mais tornou a vê-lo. Entretanto, debatia-se Cristão no meio do lodo, diligenciando por chegar à margem oposta; mas o pesado fardo, que transportava, embaraçava-o sobremaneira e ele teria irremediavelmente perecido, se não tivesse chegado ali, muito a propósito, um sujeito chamado Auxílio, que lhe perguntou o que fazia naquele local.

Cristão - Senhor, um homem chamado Evangelista ensinou-me esta estrada para eu chegar à porta estreita, dizendo que lá me livrariam da ira vindoura. E, quando vinha caminhando, aqui caí inesperadamente.

Auxílio - Bem. Mas por que não seguiste pelas alpendras, aquelas pedras que ali estão colocadas para se atravessar o pântano com mais facilidade?

Cristão - Foi tal o receio que de mim se apoderou que, sem reparar em coisa alguma, segui pelo caminho mais curto e caí no lodaçal.

Auxílio - Vamos. Dá-me, pois, a tua mão.

Cristão viu os céus abertos. Apoderou-se da mão de

Auxílio, saiu daquele terrível lugar, e, uma vez em terreno firme, continuou o seu caminho, conforme o seu libertador lhe havia indicado.

Acerquei-me então de Auxílio, e perguntei-lh: - Ora, sendo este caminho direito entre a cidade da Destruição e essa porta, por que não mandam arranjar este lugar com mais decência para comodidade dos pobres caminhantes?

- É impossível, respondeu ele; este é o lodaçal para onde afluem as fezes e imundícies dos que se dirigem para a convicção do pecado, por isso se chama o Pântano da Desconfiança. Quando o pecador desperta no conhecimento das suas culpas e do seu estado de perdição, surgem em sua alma dúvidas, temores, apreensões desconsoladoras que se ajuntam e se condensam neste lugar. Eis a razão por que ele é tão esquecido e tão impossível de ser melhorado. Por certo que não foi a vontade de el-rei que ele ficou em tão mau estado (Isaías 35:3-4). Muitos operários tem, por ordem de sua majestade, e sob a direção dos seus superintendentes, durante muitos séculos, envidado todos os seus esforços para o melhorarem. É incalculável o número de caos e os milhões de saudáveis lições que para aqui tem sido enviados de todas as partes e domínios de sua majestade! Mas, apesar da opinião dos entendidos que asseveram ser estes os melhores materiais para a obra do almejado saneamento moral, ainda não foi possível realizá-lo, nem o será para o futuro. P Pântano existe e continuará a existir! Fez-se quando se podia fazer. Por ordem do Legislador, foram colocadas no meio do pântano umas pedra fortes e sólidas, por onde se possa passar mais facilmente; mas, quando o lodaçal se agita, o que sempre acontece nas mudanças de tempo, exala miasmas que sufocam os

viandantes, e estes, não vendo as pedras, caem no atoleiro. O que lhes vale é que, quando conseguem alcançar a porta, já encontram terreno bom e firme.

Depois vi que Flexível chegava à sua casa e que os seus vizinhos acudiam, em tropel, para o verem. Uns chamavam-no sábio, porque abandonara a tempo a empresa; censuravam outros por se haver deixado iludir por Cristão, e alguns chamavam-no de covarde porque, uma vez no caminho, não deveria ter retrocedido pelo fato apenas de se lhe haverem levantado umas pequenas dificuldades, Flexível sentiu-se abatido e envergonhado, mas pouco depois, achava-se senhor de si, e, então, todos em coro escarneciam de Cristão, na sua ausência.
E assim sendo, creio que não tornarei a falar mais de Flexível.

CAPÍTULO III

Cristão abandona o seu caminho enganado por Sábio-Segundo-o-Mundo; mas Evangelista sai-lhe ao encontro, e indica-lhe de novo o caminho a seguir.

CRISTÃO, apesar de se achar só, empreendeu a sua marcha resolutamente, e viu caminhar para ele, no meio da planície, um sujeito com quem pouco depois se encontrou no ponto em que se cruzavam as diferentes direções em que se marchavam. Este novo interlocutor chamava-se Sábio-Segundo-o-Mundo, e habitava numa cidade conhecida por Prudência-Carnal, situada a pouca distância da cidade da Destruição. Tinha ele ouvido falar de Cristão, pois a sua partida da terra natal tinha sido muito falada, e vendo-o agora caminhar tão fatigado devido ao fardo que

conduzia e ouvindo-lhe os gemidos e suspiros, dirigiu-se-lhe nos seguintes termos:

Sábio - Bem-vindo sejas, amigo. Aonde vais com este fardo tão pesado?

Cristão - Dizes bem. É tão pesado que nunca pessoa alguma carregou um peso assim. Dirijo-me para a porta estreita, que vês além, muito além, porque, segundo me disseram, lá é onde me comunicarão o modo de ver-me livre deste fardo.

Sábio - Tens mulher e filhos?

Cristão - Tenho, sim; mas teste fardo preocupa-me e aflige-me tanto que já não sinto por eles o prazer que sentia outrora, e apenas tenho consciência de os possuir. (I Coríntios 7:29).

Sábio - Vamos: escuta-me que posso dar-te muitos bons conselhos.
Cristão - Recebê-los-ei com o maior gosto, porque preciso muito de bons conselhos.

Sábio - Em primeiro lugar, sou de parecer que te desfaças, quanto antes, desse peso. enquanto assim não fizeres, a tua alma não estará tranqüila, nem poderás gozar, como deves, as bênçãos que o Senhor derramou sobre ti.

Cristão - Disso mesmo é que eu vou em busca, visto ser-me impossível faze-lo por mim mesmo, e não haver no pais quem seja capaz de o conseguir. Foi só com esse fim que eu empreendi esta viagem.

Sábio - Quem te aconselhou a empreende-la?

Cristão - Um cavalheiro que me parece muito digno de respeito e de consideração. Lembro-me que se chamava Evangelista.

Sábio - Maldito seja quem tais conselhos dá! Este caminho é exatamente o mais difícil e perigoso que há no mundo. Não começaste já a experimentá-lo? Bem te vejo cheio de lodo do Pântano da Desconfiança. E olha que esse não é senão o primeiro elo da cadeia de males que por esse caminho te esperam. Sou mais velho do que tu, e tenho ouvido muitas pessoas dar testemunho próprio de que por aí fora só há fadigas, penas, fome, perigos, nudez, leões, dragões, trevas, em suma a morte com todos os seus horrores. Dize-me francamente, para que se há de perder um homem por dar ouvidos a estranhos?

Cristão - Da melhor vontade sofreria todos os males que acabas de enumerar, em troca de me ver livre deste fardo que é para mim mais pesado e mais terrível do que todos eles.

Sábio - E como veio esse fardo para cima de ti?

Cristão- Lendo eu este livro que tenho na mão.

Sábio - Logo me quis parecer. És um desse imbecis que se metem em coisas elevadas demais para eles, e que por fim encontram tantas dificuldades e perdem o juízo e são arrastados a desesperadas aventuras para alcançarem uma coisa que nem mesmo sabem o que é.

Cristão - Quanto a mim, sei perfeitamente o que quero; ver-me livre deste pesado fardo.

Sábio - Compreendo isto. Mas para que hás de ir por um

caminho tão perigoso, se eu posso indicar-te outro em que não há nenhuma dessas dificuldades? Tem um pouco de paciência, e ouve-me: o meu remédio está à mão, e em vez de perigos acharás segurança, amigos e satisfação.

Cristão - Então fala; peço-te com muita insistência; descobre-me esse segredo.

Sábio - Olha: nessa aldeia próxima, que se chama Moralidade, vive um homem de muito juízo e grande reputação, cujo nome é Legalidade, o qual é muito hábil em tratar pessoas como tu, o que tem sido provado com numerosos exemplos; além disso, também sabe curar os indivíduos que padecem do cérebro. A casa dele fica daqui a um quarto de légua, quanto muito, e, se ele não estiver em casa, seu filho Urbanidade, que é um mancebo de grande talento, poderá servir-te tão bem como seu pai. Não deixes de lá ir. E se não estás disposto , como não deves estar, a voltar à tua cidade, manda buscar tua mulher e teus filhos, porque na aldeia de que te falo há muitas casas devolutas, e podes arranjar uma por preço muito módico. Outra coisa boa aí encontrarás: vizinhos honrados, de fino trato e bons costumes. A vida é ali muito barata e cômoda.

Ao ouvir estas palavras, Cristão ficou indeciso durante alguns momentos, mas logo lhe acudiu este pensamento: - Se é verdade o que ele diz, a prudência manda-me seguir as suas palavras.

Cristão - Por onde é que se vai à casa desse honrado homem?

Sábio - Depois de passares aquela alta montanha, a primeira casa que encontrares é a dele.

Cristão mudou imediatamente de resolução, para dirigir-se à casa do Sr. Legalidade, em busca do remédio apetecido. Quando chegou às abas da montanha, pareceu-lhe esta tão elevada, e tanto a prumo no sítio por onde tinha de passar, que teve medo de prosseguir, temendo que ela se despenhasse sobre sua cabeça. Parou sem saber que partido tomar. Sentiu então, mais do que nunca, o peso do seu fardo, vendo sair da montanha relâmpagos e chamas que ameaçavam devorá-lo. (Êxodo 19:16-18). Assaltaram-no grandes temores e estremeceu de terror (Hebreus 12:21). Ai de mim! exclamava ele, para que havia eu de fazer caso dos conselhos de Sábio-Segundo-o-Mundo? E, quando estava possuído destes temores e remorsos, viu Evangelista que se aproximava .Que vergonha! Que estremecimentos senti ao encontrar o olhar severo de Evangelista!

Evangelista - Que fazes por aqui?

Cristão não achou palavras para responder. A vergonha paralisara-lhe a língua.

Evangelista - Não foi a ti que eu encontrei a chorar fora dos muros da cidade da Destruição?

Cristão - Foi a mim, sim, senhor.

Evangelista - Então como te perdeste tão depressa do caminho que te ensinei?

Cristão - Assim que passei o Pântano da Desconfiança encontrei um homem que me persuadiu de que na aldeia vizinha encontraria um sujeito que me livraria do meu fardo. Pareceu-me excelente pessoa, e tantas coisas me disse que eu cedi e vim até este lugar: mas quando me

aproximei do sopé da montanha, e a vi tão alta e tão a prumo sobre a estrada, parei subitamente, temendo que ela desabasse sobre mim. Este sujeito perguntou-me para onde eu ia, ao que lhe respondi com a maior sinceridade. Quis também saber se eu tinha família, e eu o afirmei, acrescentando, porém, que este fardo pesado me impedia de encontrar nela a satisfação que outrora me proporcionava. Pois - disse-me ele - é preciso que, quanto antes, te livres desse tormento, e, em vez de te dirigires a essa porta estreita onde esperas que te indiquem a maneira de conseguires esse árduo desejo seguirás por uma estrada mais direta e melhor, onde não encontrarás tropeços, a cada passo, com menos dificuldades que no outro caminho se encontram como o abes por experiência. Se marchares nesta direção, chegarás em pouco tempo à casa de um homem que é muito entendido em tirar os pesados fardos. Acreditei. E, de pronto, abandonei a estrada que tu me havias indicado, e segui por esta, mas quando cheguei a este lugar em que nos achamos, tive medo, estou indeciso e sem saber o que hei de fazer.

Evangelista - Espera um momento, e ouve as palavras do Senhor: (Cristão escutava-o, de pé, e tremendo): "Olhai, não desprezeis ao que fala: porque se não escaparam aqueles que desprezavam ao que lhes falava sobre a terra, muito menos nós outros, se desprezarmos ao que nos fala do céu". (Hebreus 12:25). "O justo vive da fé; mas se ele se apartar, não agradará à minha alma". (Hebreus 10:38). E aplicando estas palavras a Cristão, disse: Esse homem que se ia precipitando na ruína eras tu. Começaste a pôr parte o conselho do Altíssimo, e a retirar o teu pé do caminho da paz, a ponto de te expores a perder-te. Cristão caiu-lhe aos pés, quase desfalecido, exclamando: Ai de mim, que estou morto!

A estas palavras. Evangelista estendeu-lhe a mão, dizendo: "Todo o pecado e blasfêmia serão perdoados aos homens" (Mateus 12:31). "Não sejas incrédulo, mas fiel" (João 20:27).

Algum tanto mais animado, Cristão levantou-se, mas sempre envergonhado e trêmulo.

Evangelista prosseguiu: Presta mais atenção ao que vou dizer-te: vais saber quem foi que te enganou, e para quem te ias dirigindo. O primeiro era Sábio-Segundo-o-Mundo, nome que muito apropriadamente usa: antes de tudo, porque só gosta das doutrinas deste mundo (I João 4:5), pelo que vai sempre à igreja da cidade da Moralidade, e gosta dessa doutrina, porque ela o livra da Cruz (Gálatas 6:12); em segundo lugar, porque sendo carnal o seu temperamento, procura perverter os meus retos desígnios. Por isso há três coisas nos conselhos que esse homem de teu, as quais devem ser execrandas para ti:

1. - Haver-te desviado do caminho;

2. - Haver-te tentado fazer com que aborreças a Cruz;

3. - Haver-te encaminhado por essa vereda que conduz à morte.

Deves, portanto:

1. - Repudiar a quem te desviou do caminho, erro em que caíste, e que equivale a desprezar o conselho de Deus para seguir o do homem. O Senhor disse: "Porfiai em entrar pela porta estreita" (Lucas 13:24). Para essa porta é que te dirigias. "Porque estreita é a porta que conduz à vida, e

poucos são os que acertam com ela" (Mateus 7:13-14). Esse malvado desviou-te daquela porta, e do caminho que a ela vai ter, para lançar-te na perdição. Odeia, pois, o seu procedimento, odiando-te também a ti mesmo por lhe haveres prestado ouvidos.

2. - Detestar aquele que diligenciou que a Cruz te repugnasse, porque deves preferi-la a todos os tesouros do Egito (Hebreus 11:25-26). Além do que, o Rei da Glória disse-te que "aquele que salvar a sua vida perdê-la-á" e "se alguém vem após mim e não aborrece seu pai e sua mãe, filhos e mulher e irmãs, e a sua própria vida, não pode ser meu discípulo" (Marcos 8:35; Lucas 14:26-27; João 12:25; Mateus 10:37-39). Por isso te digo que uma doutrina que busca persuadir-te de que é morte aquilo que a Verdade disse que é indispensável para se obter a vida eterna, é uma doutrina abominável e deves detestar.

3. - Aborrecer aquele que te encaminhou para a senda que conduz ao ministério da morte. Agora podes calcular se a pessoa a quem te dirigias, seria capaz de te livrar do teu fardo.

Essa pessoa chama-se Legalidade, e é um dos filhos da escrava, que ainda está na escravidão, assim como seus filhos (Gálatas 4:21-27) misteriosamente representada pelo monte Sinai, que tu receaste iria cair sobre ti. Ora, se ele e seus filhos estão na escuridão, como poderias tu esperar que te dessem a liberdade? Oh! nunca! não seria capaz Legalidade de te libertar, de livrar-te do teu fardo. Nunca livrou pessoa alguma, nem poderá jamais faze-lo. Não podes ser justificado pelas obras da lei, porque por elas nenhum vivente pode ser aliviado de sua carga. Fica, pois, sabendo que Sábio-Segundo-o-Mundo é um

embusteiro e Legalidade, apesar do seu sorriso afetado, não passa de um hipócrita, sem préstimo para coisa alguma. Crê que tudo quanto ouviste a esses insensatos não foi mais do que uma tentativa para te afastar da salvação, desviando-te do caminho que te havia indicado. Assim falou Evangelista, e, erguendo a voz, pediu aos céus que confirmassem quanto havia dito. No mesmo instante saíram palavras de fogo da montanha de que se aproximara Cristão, cujos cabelos se eriçaram. As palavras que ele ouviu eram estas: "Porque todos quantos são das obras da lei estão debaixo da maldição; porque está escrito: Maldito todo o que não permanecer em todas as coisas que estão escritas no livro da lei, para fazê-las" (Gálatas 3:10).

Ao ver e ouvir isto, Cristão não esperava senão a morte. Começou a lamentar-se em altos gritos, e a maldizer a hora em que encontrara Sábio-Segundo-o-Mundo, chamando-se mesmo de néscio por ter ouvido aos seus conselhos destruidores e perversos.

Era imensa a sua vergonha ao lembrar-se que os conselhos daquele insensato, sendo nascidos da carne, tinham podido prevalecer sobre o seu modo de pensar, a ponto de se ter resolvido a abandonar o caminho direito do Bem. Voltando então para Evangelista, falou-lhes nos seguintes termos:

Cristão - Senhor, haverá ainda alguma esperança para mim? Não poderei voltar para trás e tomar de novo o caminho da porta estreita? Não serei abandonado e expulso dali com infâmia? Pesa-me, sobretudo, haver escutado as palavras desse homem. Poderei, todavia, obter perdão, para o meu pecado?

Evangelista - Na verdade que o teu pecado é bem grande. Levou-te a praticar duas ações más; apartaste do caminho do bem, e entraste nas veredas proibidas. Não obstante, o homem que está à porta, receber-te-á, porque há nele boa vontade para com os homens. Uma só coisa advirto: toma cuidado em não te extraviares outra vez (para que não suceda pereceres no meio do caminho (Salmo 2:12). Cristão dispôs-se a partir, e, tendo beijado o Evangelista, despediu-se dele com um sorriso de felicidade, dizendo: Deus seja contigo.

E começou a andar apressadamente, não falando com pessoa alguma no caminho, nem ainda mesmo respondendo às perguntas que lhe dirigiam.

Parecia que pisava terreno inimigo, e só se considerou a salvo quanto tornou a entrar no caminho que havia abandonado por conselho do enfatuado Sábio-Segundo-o-Mundo.

CAPÍTULO IV

Cristão chega à porta estreita; pede o cumprimento da promessa evangélica, bate, e é recebido com afabilidade

Pouco tempo depois chegava Cristão, felizmente, ao pé da suspirada porta estreita, sobre a qual estava escrito este dístico: "Batei e abrir-se-vos-á" (Mateus 7:7).

Bateu repetidas vezes, dizendo: Ser-me-á permito entrar agora? Aquele que está dentro terá vontade de receber-me, a mim, miserável pecador, apesar de eu ter sido rebelde, e de não ter merecimento algum? Oh! se consigo entrar, cantarei eternamente os seus louvores nas alturas.

Por fim veio à porta uma pessoa, chamada Boa-Vontade, e

perguntou: Quem és? donde vens? que pretendes?
Cristão - Senhor, sou um pobre pecador, cansado e carregado. Venho da cidade da Destruição, e dirijo-me ao monte Sião para escapar à ira vindoura. Disseram-me, honrado homem, que para seguir o meu caminho devia entrar por esta porta, e desejo saber se dás licença que entre.

Boa-Vontade - Ora essa! com todo o gosto. - e, dizendo isto, abriu-lhe a porta.

Quando Cristão ia entrando, Boa-Vontade empurrou-o com força para dentro.

Cristão - Que significa isso?

Boa_Vontade - Há aqui perto do castelo, cujo governador é Belzebu, que juntamente com os seus soldados, está continuamente despedindo setas contra aqueles que se aproximam desta porta, a fim de os matar antes que entrem.

Cristão - Alegro-me tanto quanto tremo por saber que estive em tamanho risco.

Boa-Vontade - Agora que já estas livre e sossegado, responde ao que te pergunto: Quem te mandou para aqui?
Cristão - O senhor Evangelista, que me disse: Vai ali, e bate à porta; lá dirão o que te convém fazer.

Boa-Vontade - Tens aberta uma porta que ninguém poderá fechar-te.

Cristão - Quão venturoso sou! Começo a colher o fruto da minha ousadia.

Boa-Vontade - Então, viste só?

Cristão - Vim; porque nenhum dos meus vizinhos conheceu, como eu, o perigo em que se achava.

Boa-Vontade - Mas souberam alguns da tua vinda?

Cristão - Primeiro, minha mulher e meus filhos, que não queriam deixar-me partir; e às vozes destes acudiram vários vizinhos que também em altos gritos me chamavam; mas, eu tapei os ouvidos e segui o meu caminho.

Boa-Vontade - E ninguém te seguiu para te aconselhares a voltares para casa?

Cristão - Seguiram-me Obstinado e Flexível, mas quando se convenceram da inutilidade de seus esforços, deixaram-me - o primeiro, cobrindo-me de impropérios e o segundo pouco depois.

Boa-Vontade - E por que não veio esse contigo?
Cristão - Quando chegamos ao Pântano da Desconfiança, caímos ambos no lodo, e foi tal o susto do meu vizinho que não atreveu a expor-se a outros perigos. Saiu da lagoa pela banda que ficava mais próxima de sua casa, dizendo-me que me deixava a posse plena do bendito país. Depois seguiu nas pisadas de Obstinado e eu continuei o meu caminho na direção desta porta.

Boa-Vontade - Quão desgraçado é esse teu vizinho! A glória celestial tem para ele tão diminuto valor que lhe parece não valer a pena arriscar-se a alguns perigos para a alcançar.

Cristão - Senhor, é verdade quanto eu disse de Flexível; mas se compararmos o seu procedimento com o meu ... não sei qual deles será o pior. Eu também me apartei deste caminho para seguir o da morte, porque dei ouvidos aos argumentos carnais dum sujeito chamado Sábio-Segundo-o-Mundo.

Boa-Vontade - Que dizes! Encontraste com ele? E depois? Naturalmente aconselhou-te a que procurasses nas mãos do senhor Legalidade o teu alívio e o teu sossego? Que dois embusteiros que são! E seguiste o seu conselho?
Cristão - Segui-o, enquanto tive forças. Ia em busca do tal senhor Legalidade; mas quando cheguei ao pé da montanha que fica próxima de sua casa, tive medo de que ela desabasse sobre mim e detive-me.

Boa-Vontade - Ah! É incalculável o número de mortes que essa montanha tem à sua conta! E quantas causará ela ainda! Feliz és tu, que escapaste de ser esmagado por ela.
Cristão - Verdade, verdade, quem sabe o que teria sido de mim, se naquele momento de incerteza e de receio, não me tivesse aparecido Evangelista. Se não fora ele, nunca eu aqui teria chegado. Mas, por felicidade, aqui me acho tal qual sou, e certamente mais digno de ter sido esmagado pela montanha do que estar falando contigo. Grande favor me fizeste em abrir a porta, depois de tudo quanto de contei.

Boa-Vontade - A ninguém levantamos dificuldades, qualquer que tenha sido a sua vida anterior. A ninguém lançamos fora (João 6:37). Vou dar-te agora alguns esclarecimentos acerca do caminho que hás de seguir. Olha lá adiante. Vês um caminho estreito? É por ali que hás de ir. Por ele passaram os Patriarcas, os Profetas,

Cristo e os Apóstolos: é um caminho tão direito como uma linha reta.

Cristão - Então não tem voltas e desvios por onde se perca um forasteiro?

Boa-Vontade - Sim, tem muitas encruzilhadas, e muitos atalhos bastante largos; mas a regra para distinguir o verdadeiro caminho é esta: sempre reto e estreito (Mateus 7:14).

Segundo observei no meu sonho, perguntou-lhe depois:
Cristão - Não poderei ser aliviado do peso deste fardo que trago às costas? Se alguém não me ajuda, não me será possível ir adiante.

Boa-Vontade - Não desanimes. Continua a levar o teu fardo alegremente, até chegares ao lugar em que hás de ver-te livre dele, pois que por si mesmo te cairá dos ombros.

Cristão começou a cingir-se, preparando-se para a marcha. Boa-Vontade avisou-o de que brevemente encontraria a casa de Intérprete, onde devia bater e ouvir coisas muito úteis e excelentes; e despediu-se carinhosamente de Cristão, desejando-lhe próspera viagem e a companhia do Senhor.

CAPÍTULO V

Cristão em casa de Intérprete. Coisas que lá viu; um bom ministro do Evangelho; regenerado pela fé dum coração por natureza corrompido; a melhor escolha; a vida espiritual sustentada pela graça; a perseverança; a Apostasia; o juízo final.

PÔS-SE Cristão a caminho com muito ânimo, e dentro de pouco tempo, chegava à casa de Intérprete. Bateu à porta repetidas vezes, até que lhe perguntaram quem era.
Cristão - Sou um viajante enviado por um conhecido do dono deste casa, a fim de saber coisas proveitosas. Desejava, portanto, falar ao dono da casa.

Este apareceu imediatamente, e dirigindo-se ao viajante, perguntou-lhe:

Intérprete - Que pretendes?

Cristão - Senhor, eu venho da cidade da Destruição e dirijo-me para o monte Sião. O homem que está à porta da estrada deste caminho, disse-me que eu devia passar por esta casa, e que me ias mostrar muitas coisas excelentes e proveitosas para a minha viagem.

Intérprete - Podes entrar. Serão cumpridos os teus desejos. Em seguida ordenou a um de seus criados que acendesse uma luz, e, tomando pela mão o viajante, introduziu-o numa sala. Abriu depois uma porta, e Cristão viu, pregado na parede , o retrato duma personagem grave e majestosa, que tinha os olhos erguidos para o céu, o melhor dos livros na mão e a lei da verdade escrita nos seus lábios: voltava as costas ao mundo, e estava na atitude de instar com os homens; uma coroa de ouro estava pendente sobre a sua cabeça. Dirigindo-se a Cristão, que não percebia o que significava aquele quadro, disse-lhe:

Intérprete - Este é um entre mil. Este pode tomar para si aquelas palavras do Apóstolo: "Porque, ainda que tenhais dez mil aios em Cristo, não tereis todavia muitos pais; pois eu sou o que vos gerou em Jesus Cristo pelo Evangelho. Filhinhos meus, por quem eu de novo sinto as dores de

parto" (I Coríntios 4:15; Gálatas 4:19). E o apresentar-se com os olhos levantados para o céu, o melhor dos livros na mão, e a lei da verdade escrita em seus lábios, é para te mostrar que se ocupa em conhecer e explicar coisas obscuras para os pecadores; e por isso está de pé, na atitude de quem trata de convencê-los. Tem o mundo atrás das costas, e uma coroa de ouro pendente sobre sua cabeça, para significar que, desprezando e fazendo pouco caso das coisas deste mundo, por causa do serviço do seu Senhor, terá como recompensa, no século futuro, uma coroa de glória. Principiei por te mostrar este quadro, porque a personagem aqui representada é a única autorizada pelo Senhor do lugar para onde te diriges, para te guiar em todos os passos difíceis que hás de encontrar no teu caminho. Não te esqueças do que te ensinei nem do que viste, porque talvez encontres na tua viagem alguém que, inculcando-se guia, te queira encaminhar para a morte.

Depois pegou-lhe na mão e conduziu-o a uma sala cheia de poeira, porque nunca fora varrida, e, tendo ordenado a um dos criados que a varresse, levantou-se tal nuvem de poeira que Cristão ia ficando sufocado. Disse Intérprete então a uma jovem, que os acompanhava, que borrifasse a casa com água, e assim pode varrer-se a casa sem dificuldade.

Cristão - Que significa isto?

Intérprete - A sala representa um coração que nunca foi santificado pela doce graça do Evangelho; a poeira é o pecado original e a corrupção interior, que contamina todos os homens; o que principiou a varrer é a lei, e a jovem que trouxe a água e borrifou a sala é o Evangelho.

Certamente notaste, quando o primeiro começou a varrer, que se levantou tanto pó que foi absolutamente impossível continuar, e estiveste quase a ser asfixiado: isto significa que a lei, em lugar de limpar os corações do pecado, fá-lo reviver cada vez mais (Romanos 7:9), dá-lhe força (I Coríntios 15:56(, e fá-lo medrar na alma (Romanos 5:20), ao mesmo tempo que o denuncia e prescreve, sem dar a força necessária para o vencer. O fato de ter sido possível varrê-lo e limpá-lo depois de o ter a jovem regado, significa que, quando o Evangelho entra no coração, vence e subjuga o pecado com a sua doce e preciosa influência. Limpa a alma que nele crê e torna-a digna de ser habitada pelo Rei da glória (João 15:3; Romanos 3:25-26; Efésios 5:26; Atos 15:29; João 15:13).

Vi mais em meu sonho que o Intérprete tomou, em seguida, a mão do Peregrino e conduziu-o a um pequeno quarto onde estavam dois meninos sentados; o mais velho chamava-se Paixão e o mais novo Paciência; o primeiro estava muito inquieto, e o segundo muito sossegado. Aquele, disse Intérprete, não se resigna a esperar, até ao princípio do ano futuro, pela posse das coisas que mais estima, como lhe aconselha o seu preceptor; queria possuí-las já, e como não pode consegui-lo, esta inquieto. Paciência, porém, resigna-se e espera.

Naquele momento vi entrar um homem com um saco de dinheiro, que colocou aos pés de Paixão. Este recebeu-o com grade interesse e alegria, dirigindo a Paciência um sorriso de escárnio, mas a sua alegria foi pouco duradoura, porque o dinheiro depressa se gastou; nada mais restou a Paixão do que uns miseráveis andrajos.

Intérprete - Paixão é a imagem dos homens deste mundo,

e Paciência a dos homens do século futuro. Paixão quer possuir e gozar tudo agora, neste mesmo ano, isto é, neste mundo, à semelhança dos homens que querem gozar aqui tudo quanto se lhes afigura melhor, e nada desejam para o mundo futuro, ou para a outra vida. O conhecido provérbio - mais vale um pássaro na mão do que dois voando, é para eles de muito maior valor do que todos os testemunhos divinos acerca da felicidade futura. E que lhes acontece? Assim como a Paixão só ficaram uns andrajos depois de gasto o dinheiro, assim a eles sucederá. *Cristão* - Compreendo perfeitamente que Paciência é muito mais sensato: **1.** porque aspira as coisas mais excelentes, e **2.** porque há de gozá-las e ter nelas a sua glória, quando aos outros só restarem andrajos.

Intérprete - E, ao que disseste, deves acrescentar que a glória do século futuro será eterna, enquanto que os bens deste século se dissipam como o fumo. Quem tem incontestável direito para se rir de Paixão é Paciência; porque terá finalmente a sua felicidade, ao passo que Paixão a tem agora. O primeiro há de ceder necessariamente o campo ao último, enquanto que este a ninguém terá que o ceder, porque ninguém se lhe segue. O que recebe o seu quinhão do presente gasta-o no tempo, até que nada lhe reste, e o que recebe no final conservá-lo-á para sempre, porque não haverá mais tempo em que possa gastá-lo.

Assim como foi dito ao rico avarento: "Filho, lembra-te de que recebeste os teus bens em tua vida, e que Lázaro não teve senão males: mas por isso está ele agora consolado e tu em tormentos" (Lucas 16:25).

Cristão - Visto isso, percebo que é melhor não cobiçarmos

as coisas presentes, e ter esperança nas futuras.
Intérprete - Assim é. "As coisas que se vêem são temporais, mas as que não se vêem são eternas" (II Coríntios 4:18). Acontece, porém, que, havendo grande afinidade entre as coisas presentes e os no0ssos apetites carnais, prontamente se tornam amigos; o que não sucede com as coisas futuras, que tão longe estão do sentido da carne (Romanos 7:15-25).

Depois vi em meu sonho que Intérprete conduziu Cristão a um lugar onde viram fogo junto a uma parede, e um homem deitando-lhe água continuamente para o pagar; o fogo, porém, era cada vez mais intenso e ardia com maior força. Surpreendido com o que via, Cristão perguntou o que significava aquele emblema. Intérprete respondeu-lhe: Esse fogo representa a obra da graça no coração humano, e quem quer apagá-lo é Satanás, mas o seu intento é baldado. Segue-me e saberás por que motivo esse fogo arde cada vez mais forte, em lugar de se extinguir. Vês agora aquela outra personagem que está sempre a deitar azeite no fogo, secretamente, aumentando-lhe assim a força da combustão? Essa personagem é Cristo que com o óleo da sua graça, mantém a obra começada no coração, a despeito dos esforços do demônio (II Coríntios 12:9). E o estar ele por detrás da parede ensina-te que é difícil aperceberem-se os tentados do modo por que esta obra da graça se mantém na alma.

Em seguida levou Cristão a um sítio mui aprazível, onde se erguia um soberbo e suntuoso palácio, em cujas ameias estavam pessoas vestidas de ouro; à porta viu uma grande multidão, desejosa de entrar, ao que parecia, mas que não ousava fazê-lo. Viu também, pouco distante da porta, um homem sentado a uma mesa, com um livro e material para

escrever, o qual estava encarregado de tomar nota dos nomes dos que entravam. Além disso, viu no átrio muitos homens armados, guardando a entrada, prontos a impedir, a todo o transe, o acesso aos que pretendessem entrar. Todas as coisas surpreenderam Cristão, mas o seu assombro foi indescritível ao ver que, enquanto todos retrocediam com medo dos homens armados, um, que levava pintada em seu semblante a intrepidez, acercando-se do que estava sentado à mesa, disse-lhe: Escreve lá o meu nome, e, ato contínuo, de espada na mão e a cabeça protegida por um elmo, acometeu os guardas, e apesar da fúria com que receberam, distribuiu com o maior denodo, botes e estocadas para todos os lados. Era tal a sua intrepidez que, apesar de ferido, tendo derribado muitos dos que desesperadamente pretendiam embargar-lhe o passo (Mateus 11:12; Atos 14:22), abriu caminho por entre eles, e penetrou no palácio, com geral aplauso das pessoas que das ameias tinham presenciado a luta, as quais o aclamavam, dizendo: Entrai, entrai, e gozareis a eterna glória; e, recebendo-o depois com inexprimível gozo, vestiram-lhe resplandecentes trajos, semelhantes aos que os adornavam.

- Compreendo perfeitamente, disse Cristão, sorrindo: permiti agora que eu continue o meu caminho. - Não, respondeu Intérprete; ainda tenho algumas coisas a mostrar-te.

E pegando-lhe na mão, levou-o a uma casa escura onde estava um homem encerrado numa gaiola.

Profunda tristeza se notava em seu semblante; tinha o olhar fixo no chão, as mãos cruzadas sobre o peito, e prolongados suspiros e gemidos indicavam a aflição que

lhe ia no íntimo. Que é isto? Exclamou Cristão, tomado de espanto. Ele que to diga, redargüiu Intérprete.

Cristão - Quem és?

Prisioneiro - Ah! Houve tempo que professei ser Cristão, prosperava e florescia a meus próprios olhos, e aos olhos dos meus semelhantes (Lucas 8:13). Julgava-me destinado à cidade celestial, e esta idéia enchia-me de júbilo. Agora, porém, sou uma criatura desesperada encerrado nesta gaiola de ferro, quero sair, e... Ai de mim! Não posso consegui-lo!

Cristão - Mas como chegaste a tão miserável situação?
Prisioneiro - Deixei de velar e de ser sóbrio, soltei as rédeas às paixões, pequei contra o que clara e terminantemente manda apalavra e a bondade do Senhor; entristeci o Espírito Santo, e este retirou-se de mim; invoquei o diabo, e ele acudiu ao meu chamamento; provoquei a ira de Deus, e Deus abandonou-me; o meu coração endureceu-se a tal ponto que já não posso arrepender-me.

Cristão - E não haverá remédio nem esperança para ti? Terás de permanecer encerrado perpetuamente nessa gaiola desesperadora? Não é infinitamente misericordioso Filho Bendito do Senhor?

Prisioneiro - Já não tenho esperança. Em mim mesmo crucifiquei de novo o Filho de Deus. (Hebreus 6:6), aborreci a sua pessoa (Lucas 19:14), desprezei a sua justiça, profanei o seu sangue, ultrajei o Espírito da Graça (Hebreus 10:28-29), eis porque me considero privado de toda a esperança, e só me restam as terríveis ameaças dum julgamento certo e seguro, e a perspectiva dum fogo

abrasador que me devorará. Eis o estado a que me reduziram as paixões, os prazeres e os interesses mundanos, que noutro tempo me proporcionaram gozos e deleites, mas que na atualidade me atormentam e me remordem como vermes de fogo.

Cristão - Mas não podes voltar de novo para Deus e arrepender-te?

Prisioneiro - Negou-me Deus o arrependimento; já na sua palavra não encontro incentivo para crer; o próprio Deus me encerrou nesta prisão, e dela não poderiam arrancar-me todas as forças humanas. Oh! Eternidade! Eternidade! Que poderia eu lucrar com a miséria que me espera para todo o sempre!

Intérprete - Cristão, não olvides jamais a desgraça desse homem; sirva-te essa lembrança de aviso e de lição.
Cristão - E lição bem terrível! Permita-me o Senhor que eu possa velar se ser sóbrio, e não chegue algum dia a sofrer tão grande miséria. Mas, repito, não parece que já é tempo de continuar o meu caminho?

Intérprete - Ainda não. Mais uma coisa tenho a mostrar-te. E, acompanhado por Cristão, entrou numa casa onde estava um homem levantando-se da cama, e que, à medida que se ia vestindo, estremecia e tremia. Intérprete não quis explicar o que significava este quadro, mas ordenou àquela personagem que ela própria explicasse. O homem falou nestes termos: Sonhei esta noite que espantosas trevas obscureciam todo o céu, ao mesmo tempo que o fuzilar de terríveis relâmpagos, e o ribombar dos trovões, me prostravam na mais aflitiva agonia. Vi também as espessas nuvens chocarem-se umas contra as outras, impelidas por impetuoso tufão. Vi um homem sentado

sobre uma nuvem, acompanhado de miríades de seres celestiais, todos em chamas. Parecia que os céus ardiam como em um braseiro, e ao mesmo tempo ouvi a voz duma terrível trombeta, dizendo: "Levantai-vos mortos, e vinde a juízo!" Nesse momento vi que até as rochas se fenderam e os sepulcros se abriram, saindo delas os mortos que encerravam, uns, contentes, com o olhar fito nos céus, outros, envergonhados, tentando esconder-se debaixo das montanhas. Vi então que o homem que estava sobre a nuvem abria um grande livro e mandava que todos se acercassem dele, mas a distância respeitosa, como costuma guardar-se entre o juiz e os réus que ele vai julgar, pois da nuvem saía fogo que a ninguém permitia aproximar-se (I Coríntios 15:1; I Tessalonicenses 4:16; Judas 14-15; João 5:28-29; Apocalipse 20:11-13; Isaías 26:21; Miquéias 7:16-17; Salmo 44:1-3; Malaquias 3:2-3; Daniel 7:9-10). E logo ouvi o homem da nuvem ordenar aos servidores:

"Apartai a cizânia e palha, e lançai tudo no fogo ardente" (Mateus 3:12; 7:19; 12:30; 25:30; Malaquias 4:1). E no mesmo instante exatamente ao pé do lugar em que eu me achava, se abriu o abismo, de cuja boca saíam, com horrível ruído, espantosas colunas de fogo e brasas incandescentes.

E o homem tornou a falar, dizendo: "Recolhei o meu trigo no celeiro" (Lucas 3:17), e vi então que muitos foram arrebatados pelas nuvens, mas eu fiquei onde estava (I Tessalonicenses 4:16-17). Buscava um sítio para me esconder, mas não o encontrava, porque o olhar do juiz estava fito em mim; senti então que os meus pecados se amontoavam na minha memória, e que a minha

consciência me acusava por todos os lados (Romanos 2:15) E despertei.

Cristão - E por que te assustaste tanto ao ver essas coisas?
- Porque julguei que era chegado o dia do juízo final, e eu não estava preparado para ele; e ainda mais porque vi os anjos arrebatarem muitos, deixando-me mesmo à beira do abismo, ao passo que era atormentado pela minha consciência, que o juiz me fitava, e que o seu rosto parecia cheio de indignação.

Quando o homem acabou de falar, Intérprete, dirigindo-se a Cristão que estava flutuando entre a esperança e o temor, disse-lhe: Grava estas coisas na tua memória, e oxalá que elas te sirvam de estímulo para não retrocederes no caminho que vais trilhar. Parte, pois, e que te acompanhe o consolador, sendo sempre o teu guia até a cidade.
Cristão pôs-se a caminho, e repetia amiudadas vezes consigo mesmo: Grandes e proveitosas coisas acabo de ver; apesar de terríveis, são para mim de muito valor. Quero pensar nelas, porque não foi debalde que me foram ensinadas. Muito agradecido estou ao bom Intérprete, pela bondade que me dispensou.

CAPÍTULO VI

Cristão chega à Cruz. Cai-lhe o fardo dos ombros, é justificado, e recebe em vestuário e um diploma de adoção na família de Deus.

O MEU sonho continuava. Vi Cristão marchando por uma estrada que, de ambos os lados, era protegida por duas muralhas, chamadas salvação (Isaías 26:1). É certo que ia caminhando com muita dificuldade, por causa do fardo

que levava às costas, mas o seu passo era rápido e seguro; vi-o chegar a um pequeno monte, onde se erguia uma cruz, junto à qual, e um pouco mais abaixo, estava uma sepultura. Ao chegar à cruz, soltou-se-lhe o fardo, instantaneamente, de sobre os ombros, e, rolando, foi cair na sepultura, donde não tornará jamais a sair.

Quão aliviado e jubiloso ficou Cristão! Bendito seja Aquele que, com os seus sofrimentos, me deu descanso, e com a sua morte me deu a vida! Exclamou ele, e ficou por alguns momentos, extático, ao ver o grande benefício que a cruz acabava de fazer-lhe; olhava para um e para outro lado, cheio de assombro, até que o seu coração se expandiu em abundantes lágrimas (Zacarias 12:10).

Chorava, quando diante dele apareceram três seres resplandecentes, que o saudaram com a: Paz seja contigo. E logo o primeiro dos três lhe disse: "Perdoados te são os teus pecados" (Marcos 2:5). O segundo, despojando-o dos vestidos imundos que trazia, vestiu-lhe um trajo de gala (Zacarias 3:4), e o terceiro, pondo-lhe um sinal na fronte (Efésios 1:13), entregou-lhe um diploma selado, sobre o qual deveria pensar pelo caminho, e entregá-lo quando chegasse à Cidade Celestial. Ao ver todas estas coisas, Cristão experimentou imensa alegria, e continuou o seu caminho, cantando, pouco mais ou menos, estas palavras: Oprimido andei sempre sob o peso de meus pecados, sem encontrar lenitivo ao meu sofrimento até que cheguei a este lugar.

Onde estou eu? Oh! aqui é por certo o princípio da minha bem-aventurança, visto que aqui se quebraram os laços que me prendiam aos ombros o fardo que me oprimia. Eu te saúdo, ó cruz bendita! Bendito sejas, santo sepulcro!

Bendito seja para sempre Aquele que em ti foi sepultado pelos meus pecados.

CAPÍTULO VII

Cristão encontra Simples, Preguiça, entregues a profundo sono; é desprezado por Formalista e por Hipocrisia; sobe o Desfiladeiro da Dificuldade; perde o diploma e torna a achá-lo.

TERMINADA esta cena, Cristão continuou o seu caminho, e, ao descer a encosta do monte em cujo cimo tiveram lugar os acontecimentos que deixo relatados, viu, a pequena distância da estrada, três indivíduos chamados Simples, Preguiça e Presunção, entregues a profundo sono e com os pés ligados por cadeias de ferro. Dirigiu-se a eles para os acordar, e bradou-lhes: Despertai, que sois como os que dormem no topo dum mastro. (Provérbios 23:34), tendo aos pés o Mar Morto, que é um abismo sem fundo. Erguei-vos, e vinde comigo, que vos ajudo a livrar-vos dessas cadeias, porque,se passa por aqui o leão rugidor, caireis por certo nas suas terríveis garras (I Pedro 5:8). Todos os três acordaram; olharam para Cristão, mas nenhum caso fizeram do que ele dizia. Não vejo que haja perigo algum, disse Simples. Deixe-me dormir um bocado, acrescentou Preguiça, e Presunção disse-lhe que não se metesse coma sua vida e deixasse estar quem estava sossegado. E continuaram a dormir, deixando Cristão seguir estrada em fora. Este continuou a andar, posto que triste e pesaroso por ver aqueles homens, em perigo tão iminente, recusaram-se, com tal pertinácia, a aceitar o generoso oferecimento que lhes fizera, de os ajudar a livrar-se das cadeias, depois de os haver acordado do seu funesto sono e de lhes dar conselhos salutares.

Entregue a estes pensamentos, caminhava Cristão: eis senão quando, com grande surpresa sua, viu saltar do muro que protegia o caminho estreito, dois homens que aparentemente, se dirigiam para ele; chamavam-se Formalista e Hipocrisia. Chegados que foram ao pé de Cristão, travou-se entre eles o seguinte diálogo:

Cristão - Donde vindes, senhores, e para onde ides?

Formalista e Hipocrisia - Somos naturais da terra de Vanglória, e vamos em busca de louvores ao monte Sião.

Cristão - Mas como não entraste pela porta que está no princípio da estrada? Ignorais que está escrito: "O que não entra pela porta, no aprisco das ovelhas, mas sobe por outra parte, esse é ladrão e salteador?" (João 10:1).

Formalista e Hipocrisia - O povo de nosso país considera, e com razão, que é preciso fazer um grande rodeio para chegar à porta, e sabe que é mais fácil saltar o muro. É verdade que, procedendo deste modo, transgridem a vontade revelada do Senhor, mas estão nesse costume há mais de mil anos, e bem sabeis que o costume faz a lei. Não pode haver dúvida de que,se esta questão fosse levada perante um tribunal, um juiz imparcial seria a nosso favor. Demais, do que se trata é de entrar no caminho; por onde se entra é o menos. Vós entrastes pela porta, nós saltamos o muro: mas o certo é que todos estamos no caminho, e não compreendemos que haja vantagem do vosso lado.
Cristão - Não posso concordar convosco. Eu sigo a regra estabelecida pelo Amo, e vós vos deixais guiar pelo impulso dos vossos caprichos, sendo considerados, com toda a razão, pelo Senhor do caminho, como uns salteadores. Estou certíssimo de que no fim da vossa viagem não sereis tidos na conta de homens de fé e de

verdade. Entrastes sem a anuência do Senhor, saireis sem a sua misericórdia.

Formalista e Hipocrisia - Pode ser muito verdade tudo quanto dizeis, mas o melhor é cada um tratar de si e deixar os outros em paz. Ficai sabendo que guardamos as leis e os mandamentos, tão escrupulosamente como vós, e a única diferença que entre nós existe é apenas esse vestido que trazeis, provavelmente porque alguém vo-lo deu, para cobrir a vergonha da vossa nudez.

Cristão - Enganai-vos redondamente, se supondes que vos salvarão as leis e os mandamentos, e não entrastes pela porta estreita (Gálatas 2:16). Este vestido, que chamou a vossa atenção, deu-mo o Senhor, para com ele cobrir a minha nudez, e tenho-o por uma grande prova de sua bondade, pois dantes não possuía senão andrajos. Quando chegar à porta da cidade, Ele há de reconhecer-me como bom e merecedor de lá entrar, por este vestido de que me fez presente no dia em que me limpou da minha miséria. Além disso, trago na fronte um sinal, que talvez ainda não notastes, o qual me foi imposto por um dos amigos mais íntimos do senhor, no dia em que de meus ombros caiu o fardo que tão oprimido me trazia. E também tenho um diploma selado, que igualmente me deram, com o duplo fim de me consolar a sua leitura durante a jornada e de me servir de apresentação para ser admitido na Cidade Celestial. Desconfio que todas estas coisas vos hão de fazer falta, e não as tendes porque não entrastes pela porta. Eles não responderam a estas observações de Cristão; tão somente olharam um para o outro e sorriram. Depois que todos os três seguiram pelo caminho, Cristão ia na frente, falando consigo mesmo, ora triste, ora consolado e satisfeito, e lendo de vez em quando o diploma que

recebera e que tanto vigor lhe proporcionava.
Assim chegaram ao pé de desfiladeiro onde havia uma fonte e, além do caminho que começava na porta, mais duas veredas, chamadas Perigo e Morte Eterna. O caminho que atravessava o desfiladeiro chamava-se Dificuldade. Cristão chegou-se à fonte (Isaías 55:1), bebeu e refrigerou-se. Começou depois a subir o desfiladeiro pelo caminho Dificuldade, dizendo: O caminho é íngreme e áspero, mas vai direto à vida: é preciso envidar nesta empresa todo o esforço e decisão. Ânimo, coração meu, não te assustes nem vaciles; é melhor seguir pelo caminho verdadeiro, apesar de escabroso, do que tomar pelo mais fácil, que conduz à eterna desgraça!

Os outros caminhantes chegaram também ao princípio do desfiladeiro, mas quando contemplaram aqueles penhascos e alcantis, e viram que havia mais dois caminhos muito mais fáceis, que provavelmente iam terminar ao mesmo sítio em que acabava aquele por onde Cristão seguia, resolveram tomar cada um pelo seu. Assim, foi um pelo caminho Perigo, indo enterrar-se num tenebroso bosque; o outro foi por Morte Eterna, que o conduziu a um extenso campo, cheio de negras montanhas, onde tropeçou e caiu para não mais se erguer.

Volvi o meu olhar para Cristão, a fim e o contemplar na sua perigosa ascensão.

Que trabalho! que fadiga a sua! não podia correr, e ocasiões havia em que até o andar lhe era difícil, tendo de ajudar-se com as mãos. Por felicidade, havia, à meia-encosta, um lugar de descanso, preparado pelo Senhor do caminho para o conforto e refrigério dos viajantes fatigados. Chegando ali, Cristão sentou-se a descansar.

Tirou do bolso o seu diploma, para se recrear e consolar com a sua leitura, e para examinar o vestido que lhe tinham dado ao pé da cruz. Mas, enquanto descansava, sobreveio-lhe o sono, durante o qual o diploma lhe caiu das mãos, e só acordou perto da noite. Ainda estava adormecido, quando alguém se aproximou e lhe disse: "Vai ter, ó preguiçoso, com a formiga, e considera os seus caminhos, e aprende dela a sabedoria" (Provérbios 6:6). A esta advertência acordou e levantou-se imediatamente, continuando a sua marcha, com maior pressa, até chegar ao cume do monte.

Quando ia chegando, saíram-lhe ao encontro Timorato e Desconfiança, que retrocediam correndo. - Por que voltais para trás? perguntou-lhes Cristão.

Timorato - Nós íamos para a cidade de Sião, tendo já vencido as dificuldades deste desfiladeiro; mas, à medida que avançávamos, íamos encontrado maiores dificuldades, a ponto de nos parecer mais prudente retroceder e abandonar a empresa.
Desconfiança - É a pura verdade. A pequena distância daqui encontramos dois leões na estrada; se dormiam ou velavam não sabemos, mas tememos aproximar-nos, porque poderiam fazer-nos em pedaços.

Cristão - As vossas palavras atemorizam-me; mas para onde poderei eu fugir, com segurança? Se volto para o meu país, é certa a minha desgraça, porque aquela terra está condenada ao fogo e ao enxofre; mas, se consigo alcançar a Cidade Celestial, ficarei seguro para sempre. Avante, pois, tenhamos confiança! Retroceder é ir ao encontro da morte certa; avançar é apenas temer a morte, mas com a vida eterna em perspectiva. Avante, pois!

E continuou seu caminho, ao tempo que Timorato e Desconfiança iam já monte abaixo.

As palavras, porém, daqueles dois indivíduos preocupavam-no, e, para se animar e consolar, procurou no peito o diploma, mas não o encontrou! Grande foi a sua aflição e embaraço, por lhe faltar aquele diploma que tanto o consolava e era o seu salvo-conduto para entrar na cidade Celestial. Recordou-se então de ter dormido no caminho e caindo de joelhos, pediu perdão ao Senhor, e voltou atrás, em busca do documento que perdera. Pobre Cristão! Quem poderá exprimir a amargura que lhe ia na alma? Suspirava, derramava abundantes lágrimas, e a si mesmo se exprobrava por haver cometido a loucura de se ter deixado vencer pelo sono num lugar unicamente destinado a descanso e refrigério. Olhava cuidadosamente para um e outro lado do caminho, procurando o seu diploma, e assim chegou ao sítio onde adormecera. Ali, a sua dor tornou-se mais intensa, e agravou-se a chaga do seu pesar ao contemplar o local que lhe recordava uma desgraça tão sensível (Apocalipse 2:4-5); I Tessalonicenses 5:6). Prorrompeu nos seguintes lamentos: Miserável e desgraçado que sou! Deixar-me adormecer durante o dia! adormecer no meio de tantas dificuldades! condescender assim como a carne, e dar-lhe descanso num lugar unicamente destinado ao repouso momentâneo dos viajantes! Assim aconteceu aos israelitas, que, pelos seus pecados foram obrigados a voltar pelo caminho do Mar Vermelho! Infeliz de mim! que me vejo na necessidade de dar estes passos com tanto sentimento, o que não aconteceria se não tivesse cedido a esse sono de pecado; como eu iria a esta hora adiantado no meu caminho! Ver-me obrigado a percorrer três vezes o espaço que só uma vez devia ter andado; e, o que é pior ainda, ser

provavelmente surpreendido pela noite, porque o dia está quase a findar! Quando mais útil me teria sido haver resistido ao peso do sono!

Absorto nestes pensamentos, ei-lo chegado ao lar de descanso. Sentou-se por alguns momentos, para dar mais livre curso ao seu pranto, até que, por fim, permitiu a Providência que, volvendo o olhar em torno do banco em que estava sentado, se lhe deparasse o diploma; apanhou-o pressurosamente e tornou a guardá-lo junto ao peito.

Ser-me-ia impossível descrever o júbilo que se apoderou deste homem, ao ver-se de novo na pose daquele precioso documento, garantia da sua vida e sal-conduto para o porto que anelava. Guardou-o no peito, deu graças a Deus por haver permitido que o encontrasse, e, chorando de alegria, tornou a pôr-se a caminho, já risonho e ligeiro, mas não tanto que o ocaso do sol não viesse surpreendê-lo antes de chegar ao cume do monte.

Funesto sono, dizia Cristão, no meio da sua dor, tu foste a causa de eu ter agora de fazer a minha jornada de noite. O sol deixou de alumiar-me. Os pés não saberão que caminho pisam, e aos meus ouvidos só chegarão os rugidos dos animais noturnos. Ai de mim! É de noite que os leões que Timorato e Desconfiança encontraram no caminho vão em busca da sua presa. Se os encontro no meio das trevas, quem me salvará das suas garras? (Apocalipse 3:2; I Tessalonicenses 5:7-8).

Tais eram os pensamentos de Cristão. Levantando, porém, a vista, deparou com um magnífico palácio, situado na frente da estrada, o qual se chamava o Palácio Belo.

CAPÍTULO VIII

Cristão passa incólume por entre os leões, e chega ao Palácio Belo, onde é acolhido afavelmente e tratado com a maior atenção e carinho.

VI, em meu sonho, que ao avistar o palácio, Cristão apressou o passo, na esperança de encontrar ali pousada. Mas antes de chegar encontrou uma passagem muito estreita, a uns cem passos do palácio, e viu, de cada lado da estrada, um terrível leão. Eis aqui o perigo, disse Cristão consigo mesmo, que obrigou Timorato e Desconfiança a retroceder. (Os leões estavam com grossas correntes, mas Cristão não se deu por isso). E eu também devo retroceder, porque vejo que aqui só a morte me espera. Mas porteiro do palácio, cujo nome era Vigilante, tendo percebido a indecisão de Cristão, bradou-lhe:

- Tão poucas forças tens? (Marcos 4:40). Não temas os leões, porque estão acorrentados, e só aí estão para provar a fé ou a incredulidade; passa pelo meio da estrada, e nenhum mal te sobrevirá.

Cristão resolveu, então passar,. Ainda que transito de medo, cumpriu à risca as instruções de Vigilante, e, conquanto ouvisse os rugidos das duas feras, nenhum dano recebeu delas. Bateu palmas de alegria, e, em quatro pulos, chegou à portaria do palácio, e assim interrogou a Vigilante.

Cristão - A quem pertence este palácio? Dar-me-ão licença para pernoitar aqui?

Vigilante - Este palácio pertence ao Senhor do Desfiladeiro, e foi construído expressamente para servir de

descanso e de asilo aos viandantes. E tu, donde vens, e para onde vais?

Cristão - Venho da cidade da Destruição e dirijo-me para o monte Sião; fui surpreendido pela noite, e desejava passá-la aqui; caso não houvesse inconveniente.

Vigilante - Como te chamas?

Cristão - Chamo-me agora Cristão; outrora chamei-me Privado-da-Graça. Sou da linhagem de Jafé, a qual Deus persuadira a habitar nos tabernáculos de Sem (Gênesis 9:27).

Vigilante - Chegas muito tarde. Há muito que o sol chegou ao seu ocaso.

Cristão - Aconteceram-me grandes infortúnios. Em primeiro lugar, deixei-me vencer pelo sono no lugar do descanso, que está na encosta do desfiladeiro. Apesar disso, poderia ter chegado aqui mais cedo se, enquanto dormia, não tivesse deixado cair das mãos o meu diploma, de que só dei pela falta quando cheguei ao alto do monte. Tive de voltar atrás, e graças dou a Deus por haver permitido que eu encontrasse o precioso documento. Eis as causas da minha demora.

Vigilante - Bem está. Agora vou chamar uma das virgens que habitam o palácio, para falar contigo e para te apresentar ao resto da família, segundo o costume da casa, se a tua conversação lhe agradar.

Tocou uma campainha, ao som da qual apareceu uma donzela, grave e formosa, que se chamava Discrição, e que tratou de perguntar para que a chamavam.

Vigilante - Este homem é um viandante que, da cidade da Destruição, se dirige para o monte Sião. A noite surpreendeu-o no caminho, e está muito fatigado; deseja saber se lhe poderão dar agasalho aqui, esta noite. Discrição interrogou-o acerca da sua jornada e dos acontecimentos que se havia dado durante ela, e como recebesse respostas satisfatórias a tudo quanto desejara saber, perguntou-lhe:

Discrição - Diga-me o seu nome.

Cristão - Chamo-me Cristão. E, como me disseram que este edifício foi construído expressamente para segurança e abrigo dos viandantes, desejava que me permitísseis passar aqui a noite.

Discrição sorriu, o mesmo tempo que algumas lágrimas deslizavam pelas suas faces, e acrescentou: Deixe-me chamar algumas pessoas da minha família. E chamou Prudência, piedade e Caridade, que depois de terem falado com ele durante alguns momentos, o introduziram no palácio. Muitos dos seus habitantes saíram a receber Cristão, cantando: Entra, bendito do Senhor; para viandantes como tu é que este palácio foi edificado. Cristão fez-lhes uma reverência, e seguiu-as para o interior da casa. Assentou-se, e serviram-lhe uma ligeira refeição, enquanto se aprontava a ceia. E, para aproveitar o tempo, entraram no seguinte diálogo:

Piedade - Bom Cristão, presenciaste o nosso carinho e benevolência com que te temos tratado; conta-nos, pois, para nossa edificação, algumas aventuras da tua viagem.

Cristão - Com muito gosto. E folgo de vos ver em tão boa disposição para comigo.

Piedade - Conta-me qual foi a causa que te moveu a empreender esta peregrinação.

Cristão - O que me obrigou a deixar a minha pátria foi uma voz tremenda que continuamente bradava aos meus ouvidos; Se não saíres daqui, infalivelmente perecerás.
Piedade - Por que escolheste este caminho?

Cristão - Porque Deus assim o quis. Eu estava trêmulo e chorando, sem saber para onde fugir, quando me saiu ao encontro um homem, chamado Evangelista, que me encaminhou para a porta estreita, que eu, sozinho, nunca teria encontrado, e me indicou a estrada que diretamente me trouxe a este lugar.

Piedade - E passaste pela casa do Intérprete?

Cristão - Passei, e por muito que eu viva jamais esquecerei as coisas que lá aprendi, principalmente três: **1)** Como Cristo mantém no coração a obra da graça, a despeito dos esforços de Satanás; **2)** como o homem, pelo excesso dos seus pecados, chega a desesperar da misericórdia de Deus; **3)** a visão do que, sonhando, presenciava o julgamento universal.

Piedade - Ouviste contar esse sonho?

Cristão - Ouvi, e era, na verdade, terrível. Agora, porém, muito folgo de o ter ouvido contar.

Piedade - E nada mais viste em casa de Intérprete?

Cristão - Vi um magnífico palácio, cujos habitantes estavam vestidos de ouro. À entrada do palácio vi um homem ousado que, abrindo caminho por entre a gente

armada que se lhe opunha, conseguiu entrar, ao mesmo tempo que ouvia as vozes dos habitantes, que o animavam a conquistar a glória eterna. De bom grado teria ficado um ano inteiro naquela casa, mas ainda tinha muito que andar, e por isso parti dali e continuei o meu caminho.

Piedade - E depois, que viste?

Cristão - Pouco tinha andado, quando vi um homem pregado numa cruz, todo cheio de feridas e de sangue. Ao avistá-lo, caiu dos meus ombros um peso muito incômodo, sob o qual eu ia gemendo. Foi grande a minha surpresa, porque nunca tinha visto coisa semelhante. E, enquanto, admirado, olhava para aquele homem, acercaram-se de mim três personagens resplandecentes; um disse-me que os meus pecados ficavam perdoados; outro tirou-me os andrajos que cobriam, e deu-me este esplêndido vestido que vês, e, finalmente, o terceiro selou-me na fronte e deu-me este diploma.

Piedade - Continua. Mais alguma coisa hás de ter visto.

Cristão - Já vos referi o principal e o melhor. Também encontrei três indivíduos, Simples, Preguiça e Presunção, adormecidos fora da estrada, com cadeias aos pés e a quem debalde tentei acordar. Encontre depois Hipocrisia e Formalista, que saltaram por cima do muro, pretendendo ir para Sião; mas perderam-se pouco depois, por não quererem dar-me ouvidos. Também achei muito penosa a subida do desfiladeiro, e ainda mais terrível a passagem por entre as bocas dos leões. Se não fosse o porteiro, que me animou com as palavras, talvez tivesse voltado para trás. Mas, graças a Deus, eis-me felizmente aqui, a e agradeço-vos a bela hospedagem que me dispensais. Prudência, tomando então a palavra, perguntou-lhe:

Prudência - Não pensas algumas vezes no país que deixaste?

Cristão - Sim, senhora, posto que com muita repugnância e vergonha. Se eu o tivesse desejado, poderia ter voltado para trás, porque bastante tempo e bastante ocasião tive para o fazer; aspiro, todavia, a uma pátria melhor, a pátria celestial (Hebreus 11:15-16).

Prudência - Não trazes contigo algumas coisas com que estavas familiarizado antes de partir?

Cristão - Trago, sim, senhora; mas bem contra a minha vontade, especialmente os meus pensamentos carnais, que tanto me agradavam e aos meus patrícios. Agora, porém, todas estas coisa me pesam tanto que, se apenas dependesse da minha vontade, nunca mais pensaria nelas. Entanto, quanto mais quero fazer o que é melhor, tanto mais pratico o pior (Romanos 7:15-21).

Prudência - E não sentes, algumas vezes, quase vencidas as coisas que, em outras ocasiões, te enchiam de confusão?

Cristão - Sinto, mas poucas vezes; apesar disso, quando tal me sucede parece-me que as horas são para mim de ouro.

Prudência - E te recordas dos meios pelos quais vences esses males em tais ocasiões?

Cristão - Se me recordo? Quando medito no que vi, e no que passou junto à Cruz; quando contemplo este vestido bordado; quando me alegro em olhar para este diploma, e quando penso no que me espera, se tiver a felicidade de chegar alo lugar para onde me dirijo, então parece-me que

esse males, que tanto me afligem, todos desaparecerão para mim.

Prudência - E por que motivo tanto anelas por chegar ao monte Sião?

Cristão - Oh! porque espero encontrar lá, vivo, Aquele que há pouco vi pregado na cruz; espero, quando lá chegar, ver-me livre do que tanto me oprime agora, porque ali não entra a morte, e porque terei nesse lugar a companhia que mais me agrada (Isaías 25:8; Apocalipse 21:3-4). Amo muito Aquele que, com sua morte, me livrou do fardo que me sobrecarregava. As minhas enfermidades interiores tem-me afligido muito. Desejo chegar o país onde não haverá mais morte, e anseio ter companheiros aos que estão cantando sem cessar: Santo, Santo, Santo! Caridade tomou então a palavra:

Caridade - Tens família? É casado?

Cristão - Tenho mulher e quatro filhos.

Caridade - Então por que não os trouxeste contigo?

Cristão - (Chorando). Da melhor boa vontade os teria trazido; mas, infelizmente, todos cinco eram contrários à minha viagem, e opuseram-se a ela com todas as suas forças.

Caridade - Mas tu devias ter-lhes falado, e te esforçado por convencê-los do perigo que corriam.

Cristão - Assim fiz, patenteando-lhes também o que Deus me havia declarado acerca da ruína da nossa cidade. Mas julgaram-me louco, e não me prestaram ouvidos (Gênesis 19:14); advertindo que juntei a este conselho uma

fervorosa oração ao Senhor, porque eu queria muito à minha mulher e a meus filhos.

Caridade - Suponho que lhes falaste com bastante energia da tua dor e do medo que tinhas da destruição, porque creio que vias claramente, quão iminente estava a tua ruína.

Cristão - E, na verdade, assim, fiz, não uma, mas muitas vezes, e, além disso, o meu temor era bem patente no meu semblante, nas minhas lágrimas e no receio que me infundia a idéia do julgamento que pesava sobre nossas cabeças. Mas nada foi bastante para os persuadir a que me seguissem.

Caridade - E que razões alegaram para não te seguirem?

Cristão - Minha mulher temia perder este mundo, e meus filhos estavam inteiramente entregues aos prazeres da juventude; eis o motivo por que, me deixaram empreender, sozinho, a minha viagem.

Caridade - E não serias tu quem, pela tua vida vã, inutilizasse os conselhos que lhes davas, de te seguirem?

Cristão - Verdade é que nada posso dizer em defesa da minha vida, porque conheço quanto ela tem sido imperfeita, e também sei que qualquer homem pode anular, pela sua conduta, o que procura persuadir a outrem pela palavra , para seu bem. Mas o que eu posso garantir é que evitava cuidadosamente dar-lhes ocasião, com qualquer ação menos conveniente, para que eles se esquivassem a acompanhar-me na minha peregrinação; e tanto assim que me acusavam de exagerado e de privar-me, por causa deles, de coisas em que, a seu ver, não havia

mal algum; e posso ainda acrescentar que, o que viam em mim, era a minha grande preocupação em não pecar contra Deus e em não causar prejuízo ao meu próximo.

Caridade - É certo que Caim aborreceu seu irmão (I João 3:12), porque as obras de Abel eram boas, e as dele eram más; e foi essa a causa porque tua mulher e teus filhos se indispuseram contigo; mostraram-se, por esse procedimento, implacáveis para com o bem, e tu livraste a tua alma do sangue deles(Ezequiel 3:19).

Observei mais, em meu sonho, que assim continuavam a conversar até que a ceia se aprontou, depois do que se assentaram à mesa, que estava provida de substanciosos manjares e excelentes vinhos.

A conversação, durante a ceia, versou sobre o Senhor do Desfiladeiro, sobre o que Ele tinha feito e as razões que o haviam determinado a edificar aquela casa. Pelo que ouvi, pude compreender que tinha sido um grande guerreiro, e que combatera e vencera aquele que tinha o poder da morte (Hebreus 2:14-15), mas não sem correr grande perigo, o que he dava jus a ser tanto mais amado. Porque, segundo disseram, e eu julgo ter ouvido dizer a Cristão, o Senhor conseguiu esta vitória a custa de muito sangue; mas o que tornou esta graça mais gloriosa foi ter Ele feito só pelo amor que consagrara a este país. E a alguns da família ouvi mesmo dizer que o tinham visto e lhe haviam falado depois de Ele ter morrido na cruz e também afirmavam ter Ele dito que não era possível encontrar outro igual, do oriente ao ocidente; e tanto assim que se despojara da sua glória para levar a efeito o que praticou, e que o seu desejo era ter muitos que, com Ele, habitassem no monte Sião, para o que fizera príncipes aqueles que,

por natureza, eram mendigos nascidos na lama (I Samuel 2:8; Salmo 113:8).

Nesta conversação, tão agradável, se entretiveram até alta noite, e se retiraram para seus aposentos, depois de se haverem encomendado à proteção do Senhor. O quarto destinado a Cristão era situado no andar superior do palácio; chamava-se *Sala da Paz*, e tinha uma janela que olhava para o nascente. Ali dormiu o nosso Peregrino, tranqüilamente, até ao alvorecer, e, tendo acordado, entoou um cântico que, em maviosos versos, dizia: "Oh! quão agradáveis são estas moradas! Na verdade, esta é a casa do Senhor, esta é a porta do céu! Bendito sejas, Jesus, que assim provês às necessidades dos pobres peregrinos, perdoando-lhe os seus pecados, e permitindo que repousem nas alturas!

Depois de todos levantados, e de haverem trocado entre si as saudações da manhã, Cristão dispunha-se a partir o que somente lhe permitiram depois de lhe haverem mostrado algumas coisas extraordinárias que havia no palácio. Levaram-no, em primeiro lugar, ao Arquivo, onde lhe apresentaram a árvore genealógica do Senhor, e segundo a qual Ele descendia nada menos do que do Antigo dos Dias, tendo sido concebido entre resplendores eternos, antes que existisse o luzeiro da manhã. Também ali viu escritas em caracteres de luz, todas as suas ações e toda a sua vida, assim como os nomes de muitos centenares de servos que tinham conquistado reinos, praticado justiça, alçando promessas, vencido leões, extinguido terríveis incêndios, evitado o fio da espada, escapado a perigosas doenças, combatido valentemente nas guerras, e desbaratado os campos do inimigo (Hebreus 11:33-34). Mostraram-lhe depois, noutro lugar do Arquivo, a boa

disposição em que o Senhor estava, de admitir ao seu favor qualquer pessoa que, em outros tempos, o tivesse combatido, ou aos seus desígnios Igualmente lhe mostraram várias resenhas de feitos ilustres, tanto da antigüidade como dos tempos modernos, e bem assim predições e profecias que, nas devidas épocas, se têm cumprido; tudo para o terror e confusão dos inimigos, e para satisfação e júbilo dos amigos.

No dia seguinte conduziram-no ao arsenal, onde lhe exibiram armaduras de toda a espécie, que o Senhor tinha destinado aos peregrinos: espadas, escudos, elmos, couraças, roda-oração e borzeguins que duram infinitamente. Era tal a profusão de apetrechos de guerra que seriam bastantes para armar tantos homens no serviço do seu Senhor, como estrelas há no céu.

Mostraram-lhe também os objetos com que alguns dos servos tinham feito prodigiosas maravilhas: a vara de Moisés, o prego e o martelo com que Jael matou Sícera; os cântaros, as buzinas e as lâmpadas com que Gideão derrotou os exércitos de Midiã; a relha do arado com que Sangar matou seiscentos homens; a queixada com que Sansão fez grandes façanhas; a funda e a pedra com que Davi matou Golias de Gate, e a espada com que o Senhor matará o homem do pecado no dia em que este se levantar contra a presa; mostrando-lhe, em suma, muitas outras coisas excelentes, à vista das quais, Cristão sentiu inefável alegria. E, como o dia tivesse declinado, de novo se entregaram ao repouso.

No dia imediato, Cristão queria partir, mas pediram-lhe que se deixasse ficar mais um dia, para lhe mostrarem, se a atmosfera estivesse limpa, as montanhas das Delícias, a

vista das quais muito contribuiria para o consolar, por se acharem aquelas montanhas mais próximas do porto aonde se dirigia doa que do local em que atualmente se encontrava. Cristão acedeu ao pedido. Subiram, pois, de manhã, ao terraço do palácio, do lado que olha para o sul, e, à grande distância, pode Cristão descobrir um país montanhoso e agradabilíssimo bordado de bosques, vinhas, pomares e jardins de toda a espécie, alternados com ribeiros e lagos de singular beleza (Isaías 33:16-17). Esse país, lhe disseram, é o país de Emanuel, e é tão livre como este lugar, para todos os peregrinos. Dali avistarás a porta da Cidade Celestial. Os pastores daquelas montanhas te ensinarão o caminho.

CAPÍTULO IX

Cristão chega ao vale da Humilhação, onde é assaltado pelo feroz Apolião, mas vence-o com a espada do Espírito e com a fé na palavra de Deus.

RESOLVEU-SE então, a partida do nosso peregrino, com o consentimento dos habitantes do palácio; antes, porém, de partir, levaram-no outra vez ao arsenal, onde o armariam, com armas de finíssima têmpera, para se defender no caminho, caso fosse atacado. Em seguida acompanharam-no até à porta onde ele perguntou ao porteiro se, durante a sua estada no palácio, tinha passado algum viajante. O porteiro responde-lhe afirmativamente.
Cristão - Acaso o conheces?

Porteiro - Não, mas perguntei-lhe o seu nome, e disse-me que se chamava Fiel.

Cristão - Ah! já sei quem é! conheço-o perfeitamente; é

meu patrício e vizinho, e vem da minha terra. Irá já muito distante?

Porteiro - Deve ir lá para o fim da encosta.

Cristão - Obrigado, bom homem; que o Senhor seja contigo e te aumente as suas bênçãos pelo bem com que me trataste.

E partiu. Discrição, Piedade, Caridade e Prudência quiseram acompanhá-lo até ao fim do desfiladeiro, e foram todos conversando nos assuntos de que já tinham tratado.

Chegados à encosta, disse:

Cristão - A subida pareceu-me difícil, mas a descida não há de ser menos perigosa.

Prudência - Assim é. Há sempre perigo para o homem que desce ao Vale da Humilhação, aonde te diriges, em escorregar; e perigosos são também os obstáculos que lá se encontram. Por isso viemos acompanhar-te.

Cristão ia descendo com muita cautela, mas não sem tropeçar mais duma vez. Quando chegaram ao fim da ladeira, as personagens que o acompanhavam despediram-se dele, deram-lhe um pão, uma garrafa de vinho e um cacho de uvas.

Assim que entrou no vale, começou Cristão a ver-se em apuros. Apenas dera alguns passos, saiu-lhe ao encontro um abominável demônio, chamado Apolião. Cristão teve medo, e começou a refletir se seria melhor fugir ou conservar-se firme no posto. Mas lembrou-se de que a armadura não lhe protegia as costas e que, portanto, voltá-

las ao inimigo seria dar-lhe grandes vantagens, porque poderia feri-lo com as suas setas.

Decidiu-se, pois, a ter valor e a manter-se firme, único recurso que lhe restava para manter a vida.

Deu mais alguns passos, e achou-se frente a frente com o inimigo. Era horrível o aspecto do monstro; estava coberto de escamas, semelhantes às dos peixes; tinha asas como de dragão, e patas de urso; do ventre saía-lhe fumo e fogo, e a sus boca era semelhante à boca do leão. Ao aproximar-se de Cristão, lançou-lhe um olhar de desprezo, e falou-lhe nestes termos:

Apolião - Donde vens, e para onde vais?

Cristão - Venho da cidade da Destruição, albergue de todo o mal, e vou para a cidade de Sião.

Apolião - Queres dizer com isso que era meu súdito, porque todo aquele país me pertence, e o domino como príncipe e desus. E te atreveste a revoltar-se contra o domínio do teu rei? Ah! se não fora esperar que ainda me servirás muito, esmagar-te-ia dum só golpe!

Cristão - É certo que nasci nos teus domínios; mas o teu serviço era tão pesado, e a paga tão miserável, que nem me chegava para viver, porque o estipêndio do pecado é a morte(Rom. 6:23). De modo que, quando cheguei a ter uso da razão, fiz como a gente de juízo - tratei de melhorar a minha sorte.

Apolião - Nenhum príncipe gosta de perder os seus súditos por pouca coisa; e eu. de minha parte, não te quero perder. Ora, como te queixas do serviço e da paga, volta de boa

vontade para a tua terra, que eu prometo dar-te tudo quanto de pode dar nos meus domínios.

Cristão - Estou agora ao serviço do Rei dos reis, de modo que não posso ir outra vez contigo.

Apolião - Andaste de mal a pior, como diz o rifão; mas ordinariamente, os que tem professado serem servos de tal rei, emancipam-se depressa do seu jugo, e, tomando melhor conselho, voltam outra vez para mim. Faze tu como eles, e tudo te correrá bem.

Cristão - Dei-lhe a minha palavra e jurei-lhe fidelidade; se desistisse agora, não merecia ser enforcado por traidor?

Apolião - Assim te portaste para comigo, e, apesar disso estou disposto a esquecer tudo, se quiseres voltar.

Cristão - As promessas que te fiz foram feitas antes de eu chegar à adolescência, e não tem valor algum. Ademais, espero que o príncipe, sob cujas bandeiras agora sirvo, me absolverá e me perdoará tudo quanto fiz para te agradar. E, sobretudo, quero falar-te francamente: o seu serviço, a sua paga, os seus servos, o seu governo, a sua companhia e o seu país agradam-me muitíssimo mais do que os teus. Perdes o teu campo, se intentas persuadir-me do contrário; sou seu servo, e estou resolvido a segui-lo.

Apolião - Já que ainda conserva serenidade e sangue frio. pensa bem no que provavelmente encontrarás nesse caminho. Tu sabes que a maior parte dos seus servos tem um fim desgraçado, por haverem transgredido contra mim e contra as minhas intenções. Quantos não têm sido vítimas duma morte vergonhosa! Além disso, se o seu serviço é melhor do que o meu, por que motivo não saiu

ainda do lugar onde esta para livrar os que o servem? Eu sou o contrário: quantas vezes, como pode atestar o mundo inteiro, ou por força ou por astúcia, tenho eu livrado os que me servem fielmente das mãos dele e dos seus, apesar de os terem debaixo do seu poder? Prometo-te que farei o mesmo por ti.

Cristão - Se ele se demora em livrá-los, segundo parece, é, na verdade, para mais evidentemente provar o seu amor e ver se lhe permanecem fiéis até o final. Quanto ao fim desgraçado que dizes, muitos tiveram, foi esse seguramente, o fim mais glorioso que podiam ter. Porque, salvação presente não esperam eles, que sabem que é preciso tempo para chegar à glória, e esta tê-la-ão quando o seu Príncipe vier na sua glória, e na dos anjos.

Apolião - Como podes ty pensar em receber salário, se já foste infiel no teu serviço?

Cristão - Em que fui infiel?

Apolião - Ora essa ! logo que saíste de casa desfaleceste, quando te viste em risco de te afogares no Pântano da Desconfiança; depois tentaste, por diversos modos, desfazer-te do fardo que te pesava, em lugar de esperares, como devias, que o teu príncipe te livrasse dele. Em seguida, adormeceste culpavelmente, perdendo nessa ocasião o objeto mais precioso que possuías. O medo dos leões também quase te fez voltar, e, sobretudo, quando falas da tua viagem e do que tens visto e ouvido, domina-te interiormente o espírito da vanglória.

Cristão - Tem muita razão nisso que dizes, e muito mais podias ainda dizer, ma o Príncipe a quem sirvo e venero é misericordioso e perdoador! Além disso, esqueces, se,

dúvida, que essas fraquezas se apoderaram de mim enquanto eu estava no teu país; ali fui vencido por elas, e custaram-me muitos pesares e muitos gemidos, mas arrependi-me de tudo, e o meu Príncipe perdoou-me ! Apolião, que já não podia conter a raiva de que estava possuído, rompeu nestes impropérios: Sou inimigo desse príncipe, aborreço a sua pessoa, as suas leis, e o seu povo, e venho no forme propósito de te impedir o passo.
Cristão - Vê bem o que fazes, Apolião, porque eu estou na estrada real, no caminho da santidade, e, por conseguinte, sou muito superior a ti.

Ao ouvir isto, Apolião estendeu as pernas até tomar toda a largura do caminho, e disse: - Não julgues que tenho medo de ti; prepara-te para morrer, pois juro-te, pelo abismo infernal em que habito, que não passarás daqui. Vou arrancar-te a alma. E, ao mesmo tempo, despediu com grande fúria um dardo de fogo contra o peito de Cristão. este, que tinha o escudo no braço, apanhou nele o golpe e escapou ao perigo.

Cristão desembainhou logo a espada, reconhecendo que era tempo de acometer, e Apolião lançou-se sobre ele, despedindo raios tão bastos como granizo, a ponto de ferir Cristão na cabeça, nas mãos e nos pés, apesar dos esforços que empregava para se defender. Estas feridas fizeram-no recuar um pouco, circunstância que Apolião aproveitou para voltar ao assalto com maior energia; mas Cristão, reanimando-se, resistiu com o maior denodo.

Esta furiosa luta prolongou-se até perto do meio-dia, hora em que se esgotaram as forças de Cristão, que por causa das feridas, ia enfraquecendo cada vez mais.

Aploião não deixou de aproveitar esta vantagem, e

abandonando os dardos, acometeu-o corpo a corpo.
O choque foi tão rude que Cristão deixou cair a espada.
- Agora és meu - exclamou Apolião, estreitando-o com tanta força que por pouco não o sufocou. Cristão supôs que ia morrer; mas quis Deus que, no momento em que Apolião ia descarregar o último golpe, Cristão lançasse rapidamente mão da espada, que estava no chão, e exclamasse: "Não te alegres, inimigo meu, porque, se caio, também me levanto" (Miq. 7:8). E atirou-lhe uma estocada mortal, que o obrigou a se retirar, como quem recebe o último golpe. Ao ver isto, Cristão redobra de energia, e ataca-o de novo, dizendo: " Em todas estas coisas saímos vencedores por Aquele que nos amou" (Rom. 8:37).

Apolião abriu as suas asas de dragão, fugiu apressadamente, e Cristão não viu mais (Tiago 4:7).
Só quem, como eu, presenciou este combate pode fazer idéia dos espantosos e horríveis gritos e bramidos que Apolião soltou durante a luta. A sua voz era semelhante à do dragão, e se contrastava com suspiros e gemidos lastimosos que saíam do coração de Peregrino. Longa foi a peleja, e durante ela só brilhou nos olhos de Cristão um olhar de alegria quando feriu Apolião com a sua espada de dois gumes, Olhou então para o céu e sorriu. Nunca presenciei uma luta tão encarniçada!

Terminado o combate, pensou Cristão em dar graças àquele que o livrara da boca do leão, àquele que o auxiliara contra Apolião. E, ajoelhando-se, exclamou: Belzebu tinha resolvido perder-me, enviando armado contra mim esse sequaz; longo foi o combate, terrível foi a luta; mas o Bendito, o Santo, veio em meu auxílio, obrigou-o a fugir pela força da minha espada; louvado seja

o Senhor eternamente, graças e benção mil sejam dadas ao seu nome santíssimo.

Então u'a mão misteriosa lhe ministrou algumas folhas da árvore da vida (Apoc. 22:2). Cristão aplicou-as sobre as feridas que recebera na peleja, e ficou de todo curado. Depois assentou-se naquele lugar, para comer do pão e beber do vinho que pouco antes lhe tinham dado. Assim fortalecido, seguiu seu caminho, levando na mão a espada desembainhada, com receio de que algum outro inimigo lhe saísse ao encontro. Nada mais, porém, se lhe opôs em todo o vale.

Passado o Vale da Humilhação, entrou no Vale da Sombra da Morte, que é atravessado pelo caminho que conduz à Cidade Celestial. este vale é muito solitário, como no-lo descreve o profeta Jeremias.

Um deserto, uma terra despovoada e sem caminho, terra de sêde, imagem da morte, terra na qual não andou varão sem ser cristão, nem habitou homem (Jer. 2:6.).

Se fôra terrível a luta entre Cristão e Apolião, não o foi menos a que ele teve de sustentar neste vale.

CAPÍTULO X

Cristão sofre muitas aflições no Vale da Sombra da Morte; mas, tendo aprendido. pela experiência, quanto convém andar vigilante, recorre à espada e à oração, passando assim com toda a segurança e sem o menor dano.

Apenas transpusera o limite que separa o Vale da Humilhação do da Sombra da Morte, encontrou dois homens que voltavam a toda a pressa: eram filhos

daqueles que inflamaram o país que tinha visto (Núm.13:33). Cristão perguntou-lhes para onde iam. *Homens* - Para trás, para trás: se tens em alguma conta a tua vida e o teu sossego, aconselhamos-te a que voltes imediatamente!

Cristão - Então, por que?

Homens - Nós íamos caminhando na direção em que tu vais, e avançamos até onde a audácia nos ajudou, mas nem sabemos como pudemos voltar, pois se tivéssemos dado mais alguns passos, não estaríamos decerto agora aqui pra te avisar.

Cristão - Mas o que foi que encontraste?

Homens - O encontramos? Estivemos quase no meio do Vale da Sombra da Morte; mas, felizmente, olhamos para a frente e descobrimos o perigo antes de nos aproximarmos dele (Salmo 44:19).

Cristão - Qual perigo?

Homens - Qual perigo? O próprio vale, que é negro como pez. vimos lá fantasmas, lobisomens e dragões do abismo. Depois, um contínuo gemer e gritar, como de pessoas que se acham na mais afrontosa situação e que sofrem as maiores aflições e torturas. Sobre o vale pairam as horrorosas nuvens da confusão, e a morte estende constantemente por cima dele as suas negras asas. Numa palavra, ali é tudo horror, tudo é espantosa desordem (Jó 3:5-10,22).

Cristão - Pelo que dizeis, cada vez me persuado mais de que é este caminho que devo seguir, para chegar ao porto desejado (Salmo 44:18).

Homens - Se o achas bom, vai andando; para nós não serve.

E separaram-se de Cristão, que continuou o seu caminho, conservando a espada desembainhada, com receio de ser atacado.

E, no meu sonho, alonguei a vista por toda a extensão do vale. Vi, à direita da estrada, o fosso profundíssimo para onde uns cegos têm guiado outros cegos, durante o correr dos tempos, tendo todos perecido miseravelmente. A esquerda, vi um atoleiro perigosíssimo, onde todo aquele que ali cai, por melhor que seja, não pode encontrar pé; nele caiu o rei Davi uma vez, e sem dúvida se teria afogado se o não tivesse livrado Aquele que tem poder para isso (Salmo 69:14).

O caminho era tão apertado que Cristão andava com grande dificuldade, porque, como estava em trevas, se tentava afastar-se do fosso, arriscava-se a cair no atoleiro, e, quando queria fugir deste, estava a ponto de se precipitar naquele. Assim caminhou, dando amargos suspiros, porque, além dos perigos já citados, o caminho era tão escuro que, se levantava um pé para dar um passo, não sabia onde depois ia assentá-lo.

Pouco mais ou menos a meio deste vale, abria-se a boca do inferno, junto da estrada.

Ao chegar ali, foi horrível a situação de Cristão; não sabia o que havia de fazer,; via sair chama e fumo, em tanta quantidade, envolta em faíscas e rugidos infernais que, reconhecendo que a espada com que vencera Apolião para nada lhe serviria, resolveu embainhá-la e lançar mão doutra arma, isto é, a arma da oração (Efésios 6:18), e

assim exclamou: "Livra, Senhor, a minha alma" (Salmo 116:4). E seguiu avante, envolto, de vez em quando, por terríveis chamas. Outras vezes, ouvia tristes lamentos, correndo dum lado para outro lado, de modo que julgava que ia ser desfeito ou calcado como a lama das ruas. Este espetáculo horroroso e estes ruídos terríveis acompanharam-no durante algumas léguas de caminho. Chegou, finalmente, a um lugar onde julgou ouvir aproximar-se uma legião de inimigos. Por isso deteve-se e pôs-se a pensar seriamente no que conviria fazer. Por um lado parecia-lhe melhor voltar para trás, mas por outro, logo se lembrava de que já ia talvez em mais da metade do vale. Também se recordou de que já tinha vencido muitos perigos, e de que o risco de voltar poderia ser maior do que o de avançar; resolveu, portanto prosseguir. Mas, como os inimigos pareciam aproximar-se cada vez mais, e quase tocar-lhe, exclamou com toda a força da sua voz: Caminharei na força do Senhor. A estas palavras, os inimigos puseram-se em fuga, e não tornaram a persegui-lo.

A minha atenção fixou-se então sobre um fato que não posso deixar de referir. Notei que o pobre Cristão estava tão assustado que não conhecia a sua própria voz, e notei-o pelas circunstâncias que passo a relatar. Quando Cristão chegou à beira do abismo incandescente, um dos demônios aproximou-se dele, sem ser pressentido, e segredou-lhe ao ouvido muitas e mui terríveis blasfêmias, e o pobre Cristão julgava ser a sua própria alma que as proferia. Este fato afligiu Cristão mais do que tudo quanto até ali havia sucedido: pensar que blasfemava daquele a quem tanto amara antes! Não teve, porém, a lembrança de tapar os ouvidos, nem de averiguar donde vinham aquelas blasfêmias.

Havia bastante tempo que se achava nesta triste situação, quando julgou ouvir a voz de um homem, que caminhava na sua frente, exclamando: " Ainda quando andar no meio da sombra da morte, não temerei males, porquanto tu estas comigo" (Salmo 23:4). Estas palavras alegraram-no, por muitos motivos.

1º - Porque elas provavam que mais alguém que temia a Deus se achava igualmente neste vale.

2º - Porque percebia que Deus estava com esse alguém, apear da obscuridade e tristeza que os rodeavam. E por que não há de estar também comigo; pensou Cristão consigo mesmo, ainda que eu o não perceba, visto o lugar em que estou? (Jó 9:11).

3º - Porque esperava gozar da companhia daquele ou daqueles cuja voz ouvira, se lograsse alcançá-los. Cobrou ânimo, e resolveu continuar a sua marcha, chamando por aquele que o precedia, mas este, que também se julgava só, nunca respondeu. Começava então a raiar a aurora, e Cristão exclamou: " Ele troca em manhã as trevas" (Amós 5:8). Em seguida, apareceu o dia, e Cristão continuou: " E muda a noite em dia".

Sendo já claro, olhou para trás, não porque desejasse retroceder, mas para ver, à claridade do sol, os perigos por que tinha passado durante a noite.

Viu então, perfeitamente, o abismo dum lado e o pântano do outro, e considerou quão estreita era a vereda que passava por entre ambos: igualmente viu os fantasmas, os lobisomens, e os dragões do abismo, mas todos mui distantes, porque não atreviam a aproximar-se da luz do dia. Todavia, Cristão enxergava-os, porque, como esta

escrito, "Ele tira das trevas o que estava escondido, e põe em claro as sombras da morte" (Jó 12:22). Cristão sentiu-se muito impressionado ao ver-se livre dos perigos daquele vale solitário; porque apesar de os ter temido muito, melhor avaliava agora a sua gravidade, olhando-os à luz do dia.

Brilhou então o sol, o que foi para o viandante favor não pequeno, porque, se perigosíssima tinha sido a primeira parte do vale, a segunda que ainda tinha a percorrer prometia ser ainda mais perigosa, visto que, desde o ponto em que Cristão se encontrava até o fim do vale, o caminho estava tão cheio de laços, redes e obstáculos, e tinha tantos abismos, precipícios, covas e barrancos que, se fosse noite, como na primeira parte do caminho, mil almas que Cristão tivesse, todas teria perdido irremediavelmente: mas por fortuna o sol brilhava em todo o seu resplendor. Disse então consigo mesmo: A sua lâmpada luzia sobre a minha cabeça, eu, guiado pela sua luz, caminhava nas trevas (Jó 29:3).

Com essa luz chegou Cristão ao fim do vale, onde vi, no meu sonho, sangue, ossos, cinzas e corpos de homens despedaçados: eram os restos dos viandantes que, em tempos passados, tinham andado por este caminho. Estava eu pensando no que poderia ter dado causa a tantos destroços, quando descobri, mais adiante, uma caverna onde tinham habitado dois gigantes, Papa e Pagão, cujo poder e tirania tinham causado aqueles horrores.
Cristão passou por aquele sítio sem maior perigo, o que deveras me admirou; mas depois compreendi-o facilmente, por saber que Pagão morreu há muito tempo, e que o outro, apesar de ainda estar vivo, além da sua avançada idade, e dos vigorosos ataques que sofreu na sua

juventude, está tão decrépito, e em conjunturas tão apertadas, que já não pode fazer mais do que estar à entrada da sua caverna, ameaçando os peregrinos que passam, e desesperando-se por não poder alcançá-los. Entretanto, Cristão continuava o seu caminho. À vista do ancião, assentado à entrada da caverna, deu-lhe muito que pensar, principalmente quando ele, por não poder mover-se, gritou: Não tereis salvação, até que muitos mais, como vós, sejam entregues às chamas.

Mas Cristão nada lhe respondeu, e, passando sem temor, e sem receber dano algum exclamou: Oh mundo de maravilhas! É verdadeiramente assim, visto que estou incólume, apesar da miséria que em ti hei encontrado. Bendita seja a mão misericordiosa a quem devo a minha conservação. enquanto estive neste vale, cercaram-me os perigos das trevas, os inimigos, o inferno e o pecado. No meu caminho havia inúmeros laços, abismos, obstáculos de toda a espécie; mas graças sejam dadas a Jesus, que de tudo me livrou. Sua é a coroa do triunfo.

CAPÍTULO XI

Cristão encontra em Fiel um companheiro excelente; o prudente temor que teve em ajuntar-se à ele ensina-nos que devemos ser muí cautelosos na escolha dos nossos companheiros de religião. Conversações proveitosas que entre si tiveram.

Depois de tudo isto, chegou o nosso Peregrino a uma eminência expressamente erguida para que os viajantes pudessem descobrir dali o caminho que iam seguir. Viu, lá muito adiante, Fiel, a quem chamou, dizendo: Olá, olá, espera aí para caminharmos juntos. Fiel olhou para trás,

ouviu Cristão tornar a chamá-lo, e respondeu: Não posso esperar. A minha vida corre perigo, porque vem atrás de mim o vingador de sangue. Esta resposta contristou bastante Cristão, mas, fazendo um grande esfôrço, em breve alcançou Fiel, passando_lhe ainda adiante, e assim o último chegou a ser o primeiro. Sorriu-se, vangloriando-se por ter passado adiante de seu irmão; mas, como não reparasse onde punha os pés, de repente tropeçou e caiu, não podendo levantar-se enquanto Fiel não veio em seu auxílio. Vi, então, no meu sonho, que seguiam juntos na maior harmonia, discorrendo, agradavelmente em tudo o que lhes havia sucedido durante a viagem. Cristão começou a falar nestes termos:

Cristão – Honrado e querido irmão Fiel, estou contentíssimo por haver-te alcançado, e por Deus ter disposto de tal sorte os nossos espíritos a fim de caminharmos juntos nesta estrada tão agradável!

Fiel – Tencionava vir contigo desde a nossa cidade; mas adiantastes, de tal modo que me vi obrigado a vir sozinho.
Cristão – Quanto tempo estiveste ainda na cidade da Destruição, depois da minha partida?

Fiel – Fiquei até já não poder sofrer mais, porque, logo que tu partiste, começaram a dizer que a cidade ia ser reduzida a cinzas pelo fogo do céu.

Cristão – Que me dizes? Pois os nossos vizinhos diziam isso?

Fiel – Diziam, sim; e durante algum tempo não se falava noutra coisa.

Cristão – E, apesar disso, só tu trataste de pôr a salvo?

Fiel – Posto que, como te disse, se falasse muito do perigo, pareceu-me que não acreditavam muito na sua existência, porque, no calor da discussão, alguns ouvi eu que mofavam de ti e da tua viagem, que alcunhavam de desesperada. Mas eu acreditei, e ainda acredito, que a nossa cidade há de vir a ser abrasada com fogo e enxofre, e por isso fugi.

Cristão – Ouviste falar no vizinho Flexível?

Fiel – Ouvi dizer que tinha seguido até o Pântano da Desconfiança, onde dizem que caiu, porque ele não quer que se saiba o que lhe sucedeu; mas o que ele não pôde esconder da nossa vista foi a lama de que vinha coberto.
Cristão – E os vizinhos, que lhe disseram?

Fiel – Desde que voltou, tem sido alvo de desprezo e de escárnio de toda a gente, a ponto de quase não encontrar quem lhe dê trabalho. Está agora muito pior do que antes de sair da cidade.

Cristão – Mas como se explica a má conta em que o têm, se eles desprezam o caminho que ele abandonou?

Fiel – Chamam-lhe renegado, por não ter permanecido fiel a sua profissão. Eu julgo que Deus incitou até os seus inimigos para zombarem dele, por ter abandonado o seu caminho (Jer. 38:18-19).

Cristão – Falaste com ele antes de partires?

Fiel – Encontrei-o uma vez na rua, mas ele voltou o rosto para o lado, como que envergonhado do que havia feito, e por isso não chegamos a falar.

Cristão – Realmente, quando comecei a minha viagem, tinha algumas esperanças nele; mas agora receio que pereça nas ruínas da cidade, porque lhe sucedeu o que diz aquele verdadeiro provérbio: “Voltou o cão ao que havia vomitado, e a porca lavada tornou a revolver-se no lamaçal” (II Pedro 2:22).

Fiel – Também tenho esse receio; mas, quem pode saber o futuro ?

Cristão -Tens razão. Não falemos mais dele; ocupemo-nos antes de coisas que mais imediatamente nos interessam. Conta-me o que te aconteceu no caminho. É de supor que encontrastes algumas coisas dignas de serem descritas.

Fiel – Não caí no pântano em que, segundo vejo, tu caíste, e cheguei à porta estreita sem esse perigo; mas encontrei uma tal dama, chamada Sensualidade, de quem estive arriscado a sofrer danos.

Cristão – Ditoso és, por teres escapado aos seus laços. Por sua causa esteve José em grande risco, e dela se livrou assim como tu, não sem grave perigo de vida. Então que te fez ela ? (Gen.39:11-12).

Fiel – Só quem a tiver ouvido é que pode avaliar quão lisonjeira é a sua língua: empregou todos os esforços para perder-me, prometendo-me toda a espécie de prazeres.

Cristão – Por certo que não te prometeu o prazer da paz da consciência tranquila.

Fiel -Bem sabes que falo dos prazeres carnais.

Cristão – Dá graças a Deus por te haver livrado dela.

“Aquele contra quem o Senhor está irado cairá nela” (Prov. 22:14).

Fiel -Na verdade, não sei se absolutamente me livrei dela.

Cristão – Mas, decerto, não acedeste aos seus desejos?

Fiel – Não, não quis contaminar-me, porque tinha presente o antigo ditado: “Os seus pés descem à morte” (Prov. 5:5). Assim, fechei os olhos para não ser enfeitiçado pelos seus olhares (Jó 31:1). Ela então muito me injuriou, e eu segui o meu caminho.

Cristão – Não encontraste mais nenhum obstáculo?

Fiel – Quando cheguei ao pé do Desfiladeiro da Dificuldade, encontrei um homem muito velho, que me perguntou como me chamava e para onde ia. Respondi-lhe. E ele acrescentou: Pareces-me um bom rapaz. Queres ficar ao meu serviço, na certeza de seres bem remunerado? Perguntei-lhe então o seu nome, e onde morava, e respondeu chamar-se Adão Primeiro, e morar na cidade do Erro (Efésios 4:22). Perguntei-lhe qual era o trabalho e o salário que tinha para dar-me, e ele disse-me: O teu trabalho são as muitas delícias, e a tua recompensa é seres meu herdeiro. Pedi-lhe informações acerca do sustento que dava e do numero de serviços que tinha, ao que respondeu que em sua casa havia toda a espécie de deleites deste mundo, e que seus servos eram os que ele próprio produzia. Perguntei-lhe quantos filhos tinha. Só tenho três filhas, respondeu o velho. Concupiscência da Carne, Concupiscência dos Olhos e Soberba da Vida (I João 2:26), e prometeu casar-me cm uma delas, se eu desejasse. Perguntei-lhe, finalmente, quanto tempo queria ter-me ao

seu serviço, e disse-me que enquanto ele vivesse.
Cristão – Afinal, que resolveste ?

Fiel – Confesso que a principio não deixei de sentir-me disposto a ir com ele, porque as suas palavras eram bastante agradáveis; mas, encarando-o bem, vi estas palavras escritas na sua fronte: “Despojai-vos do homem velho com todas as suas obras”.

Cristão – E depois?

Fiel – Oh! Depois cravou-se na minha mente, como que com pregos de fogo, o pensamento de que, por mais que ele me lisonjeasse naquela ocasião, vender-me-ia como escravo quando me apanhasse em seu poder. Não vos incomodeis mais, disse-lhe eu, porque nem quero aproximar-me da porta da vossa casa. Ele encolerizou-se e dirigiu-me muitos insultos, assegurando-me que enviaria atrás de mim quem tornaria bem amargo para minha alma o caminho que eu seguia. Voltei-lhe as costas para continuar a minha marcha, mas, nesse momento, senti que me agarrava e me arrancara parte de mim mesmo, pelo que exclamei: “Infeliz homem que eu ! “ (Rom. 7:24). E segui meu caminho, quando notei que era seguido por uma personagem mais ligeira do que o vento, a qual me alcançou exatamente no lugar de descanso.

Cristão – De bem tristes recordações é para mim esse lugar. Foi justamente aí que eu me assentei para descansar, e tendo-me vencido o sono, caiu-me do peito este pergaminho.

Fiel – Como eu ia dizendo, bom irmão, no instante em que o homem me alcançou, vibrou-me um golpe tão forte que me lançou por terra, deixando-me por morto. Assim que

voltei a mim, perguntei-lhe porque assim me tratava, ao que me respondeu: Porque secretamente te inclinaste para o Primeiro Adão. Proferindo estas palavras, deu-me outro golpe no peito, que me prostrou no chão, deixando-me quase morto a seus pés. Quando recuperei os sentidos, pedi-lhe misericórdia. E novamente me lançou por terra. E teria, por certo, acabado comigo, se não passasse por ali alguém que lhe ordenou que suspendesse.

Cristão – E quem era esse alguém?

Fiel – Não o conheci à primeira vista, mas atentando nas feridas que tinha nas mãos e no lado, compreendi que era o Senhor. Graças a Ele, pude seguir pelo caminho do desfiladeiro.

Cristão – O homem que se tinha apoderado de ti era Moisés, que a ninguém perdoa, nem sabe compadecer-se dos que transgridem a sua lei.

Fiel – Isso sei eu perfeitamente, pois já não era a primeira vez que o encontrava. Foi ele quem me procurou, quando eu estava muito tranquilo na minha casa, para me assegurar que havia de queimar casa e tudo, se eu continuasse a habitar ali.

Cristão – E não viste uma casa que há no cimo do declive onde encontraste Moisés?

Fiel – Vi, sim. E também vi os leões, antes de ali chegar. Pareceu-me, porém que estavam adormecidos. E, como me restassem algumas horas de sol, não parei para falar ao porteiro, mas segui pela encosta abaixo.

Cristão – Agora me recordo de ele me haver dito que te vira passar. Não imaginas, porém, quanto eu haveria

estimado que tivesses entrado no palácio. Terias visto muitas coisas tão raras que dificilmente as esquecerias em toda a tua vida. E no Vale da Humilhação, não encontraste pessoa alguma?

Fiel – Encontrei-me com o Descontentamento, que tratou de persuadir-me a voltar com ele; na sua opinião, aquele vale esta completamente desonrado. Acrescentou que andar por ali seria desagradável aos meus amigos Soberba, Arrogância, Vaidade, Glória Mundana, e outros mais que ele sabia ao certo que se julgariam ofendidos se eu fosse tão néscio que tentasse atravessar o vale.

Cristão – Muito bem; e que lhe respondeste?

Fiel – Disse-lhe que, apesar de serem meus parentes, segundo a carne, todos os que acabava de nomear, não era menos certo que, desde o momento em que entrara neste caminho, eles haviam renunciado a esse parentesco e eu pagava-lhes na mesma moeda, de modo que, presentemente, nenhuma relação há entre nós. Mais: disse-lhe que, pelo que diz respeito ao vale, laborava em completo erro, porque a humanidade precede a glória, o espírito eleva-se antes da queda, razão por que preferia eu antes passar deste vale à honra que os mais sábios ambicionavam, do que optar pelo que ele julgava mais digno dos nossos afetos.

Cristão – E não encontraste mais ninguém?

Fiel – Encontrei um tal Pejo. De todos quantos tenho encontrado na minha peregrinação, é este o que me parece que tem nome menos apropriado. Os outros cediam ao cabo de alguma argumentação, mas este insolente não se calava.

Cristão – Então, que te disse ele?

Fiel – Ora! O que me disse? Até a própria religião punha objeções. Dizia que era uma coisa servil e miserável ocupar-se um homem com semelhantes idéias; que o escrúpulo da consciência era uma covardia; que seria coisa irrisória aviltar-se o homem até o ponto de medir as suas palavras, abdicando da altiva liberdade que é o apanágio dos espírito fortes do tempo em que vivemos. Objetou, igualmente, que somente um limitado número dos poderosos, dos ricos e dos sábios seguira a minha opinião, em todos os tempos, e que nenhum deles o fizera senão quando se tornou estulto e quando se deixou convencer da necessidade de arriscar voluntariamente a perda de tudo por uma coisa que ninguém sabe o que é (I Cor. 1:26; E 3:18; Fil. 3:7-9; João 7:48).

Considerai o estado e a condição baixa e servil a maioria dos peregrinos da nossa época, acrescentou ele, como também a sua ignorância, a sua falta de civilização e de conhecimento das ciências naturais. Sobre este assunto discursou largamente, bem como sobre muitos outros pontos semelhantes, tais como – que era vergonhoso estar gemendo e chorando a ouvir um sermão, voltar para casa com semblante triste, pedir perdão ao próximo das mais leves ofensas, e restituir o que fora roubado. Disse-me também que a religião faz com que o homem renuncie aos grandes e aos poderosos, por estes terem alguns pequenos vícios (a que deu nome muito mais suave), e reconheça e respeite os miseráveis como irmãos. Não será isto uma vergonha ? Exclamou, por fim.

Cristão – E tu, que respondeste ?

Fiel – Confesso que a princípio não sabia o que havia de dizer-lhe, pois tais coisas me disse que me subiu o rubor ao rosto. O próprio Pejo quase me venceu. Mas, depois, comecei a pensar que o que os homens têm por sublime é abominação diante de Deus (Luc. 16:15); que este Pejo me diz o que são os homens, mas não o que é Deus, nem a sua palavra, nem os seus pensamentos, que no dia do juízo não seremos sentenciados em conformidade com os espíritos orgulhosos do mundo, mas em conformidade com a sabedoria e a lei do Altíssimo. Portanto, pensei, o melhor é, seguramente, o que Deus diz, ainda que esteja em oposição com todos os homens que há no mundo. Vejo que Deus prefere a sua religião a uma consciência delicada; que os mais bem aceitos são os que pelo reino dos céus se fazem néscios; e que um pobre que ama a Cristo é mais rico do que o mais rico do mundo, se este o odeia. Aparta-te, pois de mim, Pejo ! Inimigo da minha salvação ! Pois hei de prestar-te ouvidos em detrimento do meu Senhor, do meu Soberano ? Se eu tal fizesse, como poderia encará-lo no dia da sua vinda ? (Marc. 8:38). Se eu me envergonhasse agora dos seus caminhos e dos seus servos, como poderia esperar a sua benção ? Realmente este Pejo era um sujeito muito atrevido. Dificilmente pude conseguir que me deixasse, mas ainda depois que apoquentou com repetidos encontros, segredando-me ao ouvido ora uma, ora outra das fraquezas em que caem os que seguem a religião; mas, por fim, fiz-lhe compreender que perdia miseravelmente o seu tempo, porque nas coisas de que ele desdenhava era onde eu via precisamente maior glória. Só assim pude ver-me livre das suas importunações, e, desafogando então em alta voz, exclamei: São muitas as tentações que encontram aqueles que obedecem à voz do céu, e todas conforme as

inclinações da carne: quando umas são vencidas, logo outras nos assaltam. Alerta, peregrinos, portai-vos sempre varonilmente!

Cristão – Muito estimo, irmão, que afrontasse com tanta valentia esse infeliz, a quem, como judiciosamente disseste, tão mal quadra o nome de que usa. É um atrevido que até nas ruas nos persegue, procurando envergonhar-nos do bem. Mas, se o seu atrevimento não fosse tamanho, como havia de fazer o que faz ? Resistimos-lhe, porque, apesar das suas pretensões, só alcança os seus fins com os néscios, e com ninguém mais. Salomão disse: "Os sábios possuirão a glória: a exaltação dos insensatos será a sua ignomínia" (Prov. 3:35).

Fiel – Pareceu-me que nos é mui necessário pedir Àquele que quer que sejamos valentes pela verdade na terra, que nos proteja contra Pejo.

Cristão – Dizes bem. E não encontraste mais ninguém no vale?

Fiel – Não, porque me aluminou o sol durante o resto do caminho, assim como no vale da Sombra da Morte.
Cristão – Boa sorte tiveste; outro tanto não me aconteceu. Logo à entrada do vale, tive de sustentar um terrível e prolongado combate com o maligno Apolião. Julguei que ele desse cabo de mim, principalmente quando me calcou aos pés, como se quisesse esmagar-me. Quando me lançou por terra, caiu-me a espada da mão, e ouvi-o exclamar: Agora não me escapas ! Mas eu clamei pelo Senhor, e Ele, ouvindo-me, pôs termo a todas as minhas angustias. Passei depois ao Vale da Sombra da Morte, e quase metade do caminho tive de ir às escuras, por ser já noite. Afigurou-se-me muitas vezes que ia morrer, mas finalmente raiou o

dia, ergueu-se o sol, e assim pude continuar o caminho com muito mais sossego e facilidade.

Capítulo XII

Em Loquaz apresenta-se o verdadeiro retrato de muitos falsos mestres da Religião, que fazem consistir esta em muitas palavras e em nenhuma obra.

Iam os dois peregrinos nesta importante conversação, quando vi no meu sonho que Fiel, olhando para um lado da estrada, avistara um homem, chamado Loquaz, que ia um pouco distante deles, pois o caminho era tão largo que havia lugar para todos. Era um homem alto, mais bem parecido de longe do que de perto. Fiel chamou-o, perguntando-lhe se se dirigia para o País Celestial.

Loquaz - Exatamente. Para lá me encaminho.

Fiel - Também nós. E se quer ir conosco, gozaremos a sua amável companhia.

Loquaz - Acompanhá-los-ei da melhor vontade.

Fiel - Caminhemos, pois, juntos, e empreguemos o tempo em conversas proveitosas.

Loquaz - Muito agradável é para mim tudo quanto são conversas proveitosas, e sinceramente, me felicito por haver encontrado pessoas que se dediquem a tão boa obra, porque, na verdade, poucos são os que assim empregam o seu tempo quando viajam; a maior parte prefere conversar em coisas frívolas, coisas que sempre me afligem muito.

Fiel - É realmente muito para lamentar, porque nada há tão digno da nossa conversação como as coisas que pertencem a Deus e aos céus.

Loquaz - Quanto gosto de vos ouvir falar desse modo! Porque a vossa linguagem revela uma convicção profunda. Pois há coisa comparável ao prazer e ao proveito que se tira de falar das coisas de Deus? Se gostamos do maravilhoso, por exemplo, da história, de mistérios, de milagres, de prodígios e sinais, onde encontraremos leitura tão deleitável, e tão docemente escrita, como nas Escrituras Sagradas?

Fiel - É verdade, mas devemos tirar sempre proveito da nossa conversação.

Loquaz - Sou do mesmo parecer. Falar dessas coisas é muito proveitoso, porque elas se pode chegar ao conhecimento de muitas outras, tais como a vaidade das coisas mundanas, e o proveito das celestiais. Isto em geral; e, descendo às particularidades, pode-se aprender a necessidade dum novo nascimento, a insuficiência das nossas obras, a necessidade que temos da Justiça de Cristo, etc. Também nessa conversação se pode aprender o que é arrependimento, crença, oração, sofrimento, e coisas semelhantes. Podemos também aprender quais são as grandes promessas e consolações do Evangelho, para nosso proveito; e pode-se, finalmente, chegar a saber como se hão de refutar as falsas opiniões, defender a verdade e ensinar os ignorantes.

Fiel - Tudo isto é muito verdade, e eu folgo imenso de vos ouvir falar assim.

Loquaz - A falta destas práticas é a causa de haver tão pouco quem compreenda a necessidade da fé e da obra da graça, em sua alma, para alcançar a vida eterna; e de que vivam, por ignorância, nas obras da lei, mediante as quais de nenhum modo pode o homem chegar ao reino dos céus.

Fiel - Haveis de permitir que vos diga que o conhecimento espiritual dessas coisas me parece ser dom de Deus. Ninguém as consegue só por falar delas ou por empregar esforços humanos.

Loquaz - Sei isso perfeitamente, pois nada podemos obter se de lá de cima não for dado. Tudo é pela graça, nada pelas obras, centenas de textos o confirmam.

Fiel - Muito bem. Limitemos agora a nossa conversação a um assunto em particular.

Loquaz - E qual assunto escolheis? Quereis que vos fale de coisas terrenas ou celestiais? De coisas morais ou evangélicas? De coisas sagradas ou profanas? Passadas ou futuras? Estranhas ou do país? De coisas essenciais ou mais acidentais? Escolhei, e eu falarei sobre o que quiserdes,sempre com a condição de se tirar proveito.

Fiel - (Admirando e chegando-se muito a Cristão, que durante este tempo se tinha conservado um pouco distante): Que belo companheiro encontramos; deve ser um excelente peregrino!

Cristão - (Sorrindo-se com modéstia) - Esse homem, com quem tanto simpatizas, é capaz de enganar a vinte que o não conheçam.

Fiel - E tu o conheces?

Cristão - Se o conheço? Melhor do que ele próprio se conhece.

Fiel - Então, quem é?

Cristão - Chama-se Loquaz, e vive na cidade onde nascemos; admira-me que o não conheças.

Fiel - De quem é filho? Onde mora?

Cristão - É filho dum tal Bem Falante, que morava na rua das Boas-Palavras; mas, apesar da sua língua de prata, é pessoa de pouco mais ou menos.

Fiel - Pois parece um homem muito decente.

Cristão - Sim, para quem não o conhece; parece melhor quando viaja; quando está em sua casa, é coisa muito diferente. Quando disseste que parecia ser pessoa decente, lembrei-me dos quadros de alguns pintores, que fazem melhor efeito a certa distância do que de perto.

Fiel - Não sei se devo tomar por gracejos as tuas palavras, porque vejo sorrir-te.

Cristão - Livre-me Deus de gracejar neste assunto, apesar de haver sorrido; nem permita o Senhor que eu acuse pessoa alguma falsamente. Agora vou dizer-te o que sei a respeito desse homem. Todas as companhias lhe servem; todas as conversações lhe agradam; o que te disse há pouco é o mesmo que dirá numa taberna. Quanto mais bebe, mais fala nestas coisas. A religião verdadeira não existe no seu coração, nem na sua casa, nem na sua vida; tudo que tem está na ponta de sua língua e a sua religião consiste em apregoar que a tem.

Fiel - Falas a sério? Estou então muito enganado com esse sujeito!

Cristão - Falo a sério. Podes confiar no que te digo: estás muito enganado com ele. Lembra-te do provérbio: “Dizem e não fazem”, porque o reino de Deus não consiste em palavras, mas em virtude (Mateus 23:3; I Coríntios 4:20). Fala da oração, do arrependimento, da fé, do novo nascimento, mas nada disso sente; não faz mais do que falar. Tenho-o estudado e observado muito bem, tanto em sua casa como fora dela, e sei que o que digo é a pura verdade. A sua casa é tão falta de religião como falta de sabor é a clara do ovo. Não há ali oração nem sinal algum de arrependimento do pecado; os irracionais, lá a seu modo, servem a Deus muito melhor do que ele. Depois é a própria nódoa, opróbrio e vergonha da religião, para todos os que o conhecem (Romanos 2:23-24). No bairro em que habita apenas se poderá ouvir uma palavra em favor da religião, e isto por culpa dele: o povo tem por hábito dizer que ele é um santo fora e um demônio em casa. A própria família o conhece bem, pois o vê tão grosseiro e tão colérico para com todos que nem sabe o que há de fazer

para lhe agradar, nem como há de falar-lhe. Os que têm algum negócio com ele dizem, sem rebuço, que antes queriam tratar com um maometano, pois estão certos de encontrar mais honradez num seguidor de Mafoma. Só quando não pode é que deixa de enganar, de defraudar e a abusar daqueles com quem trata: o pior de tudo se descobrir em algum deles um temor ignorante (assim chama ele ao primeiro sinal de sensibilidade da consciência), chama-lhe torpe, néscio e estúpido, até mais não poder, recusa-se a empregá-lo em trabalho algum, e nem mesmo quer recomendá-lo a ninguém. Quanto a mim, creio firmemente que a sua vida escandalosa tem sido causa de muitos tropeçarem e caírem, e, se Deus não o impedir, será a ruína de muitos outros.

Fiel - Bem, irmão, devo dar crédito às tuas palavras, não só porque me asseguraste que o conheces, mas também porque, como cristão, deves dar verdadeiro testemunho dos homens; pois não posso supor que digas essas coisas por ódio ou por má vontade.

Cristão - Se eu não o conhecesse, é natural que fizesse dele o mesmo conceito que tu; e, se tivesse ouvido a algum inimigo da religião o que acerca dele acabo de referir-te, por certo julgaria ser tudo calúnia, pois ordinariamente é o que se encontra nas bocas dos maus, quando se trata de apreciar os bons. Porém, quanto te disse, e muito mais que ainda sei, posso prová-lo até à evidência. Demais, os bons envergonham-se dele: não o querem por irmão ou amigo, e só falar nele é motivo para que os que o conhecem carreguem o sobrolho.

Fiel - Bem. Agora conheço a diferença que há entre o dizer e o fazer, e daqui por diante terei sempre presente esta distinção.

Cristão - Com efeito são coisas tão distintas como a alma e o corpo: porque, assim como o corpo sem a alma não é mais do que um cadáver, a alma da religião é a parte prática. “A religião, pura e sem mácula aos olhos de Deus e nosso Pai, consiste nisto: em visitar os órfãos e as viúvas nas suas aflições, e em se conservar cada um a si isento da corrupção desse século.” (Tiago 1:27). Loquaz não o entende assim; julga que o ouvir e o falar é que fazem o bom cristão; e assim traz enganada a sua própria alma. O ouvir não é mais do que semear a palavra, e o falar não é bastante para demonstrar que há fruto, realmente, no coração e na vida. E devemos estar bem seguros de que, no dia do juízo, serão todos julgados segundo os frutos que houverem produzido (Mateus 25:31-46). Não se lhes perguntará: Creste? Mas sim: Praticaste? E nesta conformidade será o julgamento. Por isso é o fim do mundo comparado à sega da seara (Mateus 13:18-23), E tu sabes perfeitamente que o segador não considera senão os frutos. Não quero dizer com isto que possa aceitar-se ali coisa alguma que não seja da fé, mas digo para te mostrar que pouco valor teriam naquele dia as profissões e os protestos do Loquaz.

Fiel - Isso faz-me lembrar das palavras com que Moisés descreve o animal limpo (Levítico 11; Deuteronômio 14). É naquele que tem as unhas fendidas e que remói; uma só destas qualidades não basta para a classificação. A lebre remói mas é imunda, porque não tem unhas fendidas. Assim acontece com o Loquaz: remói, busca

conhecimentos, rumina a palavra, mas não tem as unhas fendidas; não se aparta do caminho dos pecadores; mas, à semelhança da lebre, tem patas de cão ou de urso, portanto, imundo.

Cristão - A meu ver, deste a esses texto o verdadeiro sentido evangélico, ao que eu acrescentarei outro pensamento. Paulo chama aos grandes faladores “metal que soa e sino que tine” (I Coríntios 13:1), ou como noutro lugar, “coisas inanimadas que fazem consonância” (I Coríntios 14:7). Coisas sem vida, isto é, sem a verdadeira graça do Evangelho, que, portanto, nunca poderão ter lugar no reino dos céus, entre os filhos da vida, ainda que, falando, produza sons semelhantes da voz dos anjos.

Fiel **-** Eis a razão por que a princípio me agradou muito a sua companhia, e agora já me aborrece. Como nos veremos livres dele?

Cristão - Segue os meus conselhos, e se fizeres o que te digo, também ele se aborrecerá de ir ao teu lado, exceto se Deus tocar no seu coração e o converter.

Fiel - Que hei de fazer?

Cristão - Ouve: aproxima-te dele, e fala-lhe a sério sobre o poder da religião. Quando ele tiver aprovado tuas palavras, o que não deixará de fazer, pergunta-lhe diretamente se isso é o que ele pratica no seu coração, na sua casa e na sua vida.

Então, Fiel aproximando-se outra vez de Loquaz, perguntou-lhe: - Então, que tal ides agora?

Loquaz - Vou bem; mas julgava que teríamos conversado mais.

Fiel - Conversaremos agora. E visto que deixastes a mim a escolha do assunto, proponho este: Como se manifesta a graça salvadora de Deus, e quando existe no coração do homem?

Loquaz - Quereis dizer que vamos falar acerca do poder das coisas espirituais. O assunto é excelente, e estou disposto a responder-vos desde já.

1º **-** Quando a graça de Deus existe no coração causa um grande clamor contra o pecado;

2º - . . .

Fiel - Mais devagar. Consideremos cada coisa de per si. Parece-me que falais mais acertadamente, dizendo que se manifesta em inclinar a alma a aborrecer o pecado.

Loquaz - Então? Que diferença há entre clamar contra o pecado e odiá-lo?

Fiel - Muitíssima. Podemos, por decência, clamar contra o pecado, e não o odiarmos. Tenho ouvido muita gente clamar contra o pecado, até do púlpito, e, não obstante, o toleram bem nos seus corações, nas casas e nas suas vidas. A senhora de Potifar clamou em altas vozes, com a maior energia, como se fosse muito casta (Gênesis 39:15), e, apesar disso, fora ela quem provocara o pecado, e de boa vontade o cometera. Os clamores de algumas pessoas

contra o pecado são como os de uma mãe contra o filho a quem repreende, mas que logo beija e acaricia.

Loquaz - Parece-me que quereis apanhar-me nos meus próprios argumentos?

Fiel - Não. Apenas desejo colocar as coisas no seu verdadeiro pé. Dizei agora qual é o segundo ponto com que demonstrais a existência da obra da graça no coração.

Loquaz - Um grande conhecimento dos mistérios evangélicos.

Fiel - Deveis pôr esse em primeiro lugar, mas, ou em primeiro ou em segundo, é sempre falso, porque podemos obter facilmente muitos conhecimentos evangélicos e não termos a obra da graça em nossas almas. Ainda mais, pode um homem possuir toda a ciência, e, apesar disso, não ser coisa alguma, e, portanto, nem filho de Deus (I Coríntios 13:2).

Capítulo XIII

Evangelista sai outra vez ao encontro dos peregrinos, e prepara-os para novos trabalhos. Entram na Feira da Vaidade, onde são escarnecidos. Perseguição e morte de Fiel

Apenas os nossos peregrinos saíram deste deserto viu Fiel que vinha atrás dele uma pessoa a quem reconheceu logo, e exclamou, dirigindo-se ao seu companheiro: Olha quem ali vem. Cristão olhou e disse: É o meu bom amigo

Evangelista! Sim, respondeu Fiel, o meu também, pois foi ele quem me encaminhou para a porta.

Nisto acercava-se deles Evangelista, que os saudou dizendo:

Evangelista – Paz seja convosco, diletíssimos, e paz com que vos auxiliam.

Cristão – Bem-vindo, bem-vindo sejas, meu bom Evangelista! A tua presença recorda-me a tua antiga bondade e os teus incansáveis esforços para o meu bem eterno.

Fiel – Sim, mil vezes bem-vinda seja a tua companhia, ó doce Evangelista: quanto estes pobres peregrinos a desejam!

Evangelista – Como tendes passado, meus amigos, depois que pela última vez nos separamos? Que tendes encontrado, e como vos haveis conduzido?

Narram-lhe então tudo o que lhes acontecera pelo caminho, e como e com quantas dificuldades tinham chegado ao sítio onde se encontravam.

-- Muito estimo, disse Evangelista, não que tenhais passado por todas essas provas, mas que tenhais delas saído vencedores, e que, apesar das vossas muitas fraquezas, tenhais seguido por este caminho até o presente. E tanto me alegro por vós como por mim. Eu semeei, e vós tendes colhido, e o dia vem em que o que semeia e o

que colhe gozarão juntos (João 4:36), isto é, se vos mantiverdes firmes, porque a seu tempo colhereis, se não houverdes desfalecido! (Gálatas 6:9). Diante de vós a coroa incorruptível; correi de maneira que a alcanceis (I Coríntios 9:24-27). Alguns há que se põem a caminho para alcançar esta coroa, mas depois de já irem muito adiantados, vem outro e arrebata-a. Retende, portanto, o que já tendes, para que ninguém vos tire a vossa coroa. Ainda não estais fora do alcance de satanás, ainda não tendes resistido até ao sangue, combatendo contra o pecado (Apocalipse 3:2; Hebreus 12:4). Tende sempre o reino diante dos vossos olhos, e crede firmemente nas coisas invisíveis. Não deixeis invadir o vosso coração pelas coisas do mundo, e velai principalmente pelos vossos corações e suas concupiscências, porque são enganosos sobre todas as coisas, e desesperadamente maus. Tendes a vosso lado todo o poder que há no céu e na terra.

Cristão agradeceu-lhe esta exortação, e pediu-lhe que os ensinasse ainda mais, para os ajudar a vencer o resto do caminho. Tanto mais que sabiam que ele era profeta e podia dizer-lhes algumas coisas que lhes poderiam suceder, e o modo de as vencer, com resistência. Fiel juntou o seu pedido ao de Cristão, e Evangelista tomou novamente a palavra.

Evangelista – Meus filhos, tendes ouvido, na palavra da verdade do Evangelho, que, por muitas tribulações, entramos no reino de Deus, e que em cada cidade nos esperam prisões e perseguições. Deveis, portanto, esperar que no vosso caminho se vos deparem algumas destas coisas. Parte da verdade deste testemunho já vós tendes

encontrado, e o restante não se fará esperar, porque, como vedes, estais quase fora deste deserto, em breve chegareis a uma cidade onde sereis acometidos pelos inimigos, que se esforçarão por vos matar. Tendes por certo que um de vós, ou ambos, terá de selar o seu testemunho com o próprio sangue. Conservai-vos, porém, fiéis até à morte, e o Rei vos dará a coroa da vida. O que ali morrer, ainda que a sua morte seja afrontosa e os seus sofrimentos atrozes, terá melhor sorte do que o seu companheiro, não só porque chegará mais depressa à Cidade Celestial, mas porque se livrará de muitas misérias que o outro ainda encontrará no resto da sua jornada. Quando chegardes à cidade que está próxima, e se cumprir o que vos tenho anunciado, lembrai-vos do vosso bom amigo. Portai-vos com valor, e encomendai a Deus as vossas almas (I Pedro 4:19).

Vi, então, no meu sonho que, apenas saíram do deserto, avistaram uma povoação chamada Vaidade, na qual se faz uma feira, conhecida pelo mesmo nome, que dura todo o ano. É assim chamada porque a cidade em que é celebrada é mais leviana do que a Vaidade, e porque tudo quanto ali se vende, e todos quantos a ela concorrem, são vaidade, pois, como disse o sábio – tudo vaidade (Eclesiastes 12:8; Isaías13:17). Esta feira é muito antiga. Vou dizer-vos a história do seu princípio:

Há quase cinco mil anos já havia peregrinos que se dirigiam à Cidade Celestial como Cristão e Fiel. Vendo Belzebu, Apolião e Legião, com seus companheiros, que pela direção que os peregrinos levavam, lhes era forçoso passar por esta cidade da Vaidade, combinaram entre si estabelecer aqui esta feira, que duraria todo o ano, e onde

se venderia toda a espécie de vaidade. Por esta razão encontram-se na feira todas as mercadorias: casas, terras, negócios, empregos, honras, títulos, países, reinos, concupiscências, prazeres; e toda espécie de delícias, tais como, prostitutas, esposas, maridos, filhos, amos, criados, vida, sangue, corpos, alma, prata, ouro, pérolas, pedras preciosas e muitas outras coisas. Também ali se encontram, constantemente, enganos, jogos, diversões, arlequins, teatros, divertimentos e tratantes de toda a qualidade. E não é só isso. Também ali há, gratuitamente, roubos, mortes, adultérios, perjúrios, falsos testemunhos de toda a classe de gravidade. Como noutras feiras de menor importância, há nesta várias ruas e travessias, com nomes apropriados, destinadas todas a certas especialidades. Algumas dessas ruas são designadas pelos nomes de certos países. Assim, a rua de Espanha, de Itália, de França, de Inglaterra, de Alemanha, etc. Do mesmo modo que como em todas as outras feiras, há nesta certos gêneros que têm mais extração: são os de Roma, a que atualmente vão fazendo oposição a Inglaterra e outras nações, que não apenas gostavam do desenvolvimento que o comércio de Roma ia adquirindo. O caminho que conduz à Cidade Celestial passa mesmo pelo meio desta povoação, e aquele que quiser ir à Cidade Celestial, sem passar por aqui terá de sair do mundo (I Coríntios 5:10). Até o Príncipe dos príncipes, quando esteve no mundo, teve de passar por esta povoação antes de chegar ao seu próprio país; também esteve na feira que pertencia a belzebu, segundo creio, o qual pessoalmente o convidou a comprar as suas vaidades, e não só isto; ainda chegou a oferecer-lhe tudo gratuitamente, se o Príncipe consentisse em fazer-lhe uma reverência ao passar pela povoação. Como era pessoa de alta categoria, levou-o belzebu a

outras ruas, e mostrou-lhe todos os reinos do mundo, em um instante, tentando induzi-lo a comprar alguma das suas vaidades; mas não pôde consegui-lo, e o Príncipe saiu da cidade sem haver gasto um ceitil (Mateus 4:8-10). Esta feira é, pois, muito antiga e de muita importância.

Era forçoso que os peregrinos passassem por este sítio, e assim aconteceu, mas logo que sua presença foi notada, toda a gente da povoação se alvoroçou por sua causa. Eis a razão disso:

1.º - Os vestidos dos peregrinos eram muito diferentes dos que se vendiam na feira, e aquela gente cercava-os por todos os lados para os ver. Uns diziam que os peregrinos eram idiotas, outros que eram loucos, e outros que eram estrangeiros (Jó 12:4; I Coríntios 4:9).

2.º - E, se muitos se admiravam dos seus vestidos, não menos se espantavam do seu modo de falar, porque poucos havia que pudessem entendê-los. Eles falavam o idioma de Canaã e a gente da feira falava a linguagem do mundo; de modo que uns aos outros se supunham bárbaros (I Coríntios 2:7-8).

3.º - Mas o que mais assombrava os mercadores era que estes peregrinos faziam pouco caso das mercadorias, e nem se davam ao incômodo de olhar para elas. E, se alguém os chamava para comprarem, tapavam os ouvidos, e exclamavam: “Aparta os meus olhos para que não vejam a vaidade” (Salmos 119:37). E olhavam para cima, como para darem a entender que os seus negócios estavam no céu (Filipenses 3:20-21).

Um dos da feira, querendo zombar destes homens, perguntou-lhes com insolência: Que queres comprar? E eles, encarando-o com muita seriedade, responderam: “Compramos a verdade” (Provérbios 23:23).

Esta resposta foi origem de novos desprezos. Uns mofavam deles: outros insultavam-nos, outros escarneciam-nos, e não faltava quem propusesse que fossem corridos a pau. Enfim, as coisas chegaram a tal ponto que houve um grande tumulto na feira, alterando-se a ordem completamente. Chegando-se estes acontecimentos aos ouvidos do principal, acudiu este ao local dos tumultos, e encarregou alguns dos seus amigos mais fiéis de examinar aqueles que tinham dado causa aos distúrbios.

Foram os peregrinos interrogados e os seus juízes perguntaram-lhe donde vinham, para onde iam, e que faziam ali em trajes estranhos. -- Somos peregrinos do mundo, responderam eles, e dirigimo-nos para a nossa pátria, que é a Jerusalém Celestial (Hebreus 11:13-16). Não demos motivos aos habitantes da cidade, nem aos feirantes, para nos maltratarem desta maneira, nem para impedirem a nossa viagem: apenas respondemos aos que nos convidavam a comprar das suas mercadorias que só queríamos comprar a verdade. Mas o tribunal declarou que estavam loucos, e que tinham vindo expressamente para perturbar a ordem pública. E por isso os prenderam, deram-lhe muita pancada, atiraram lama sobre eles, e meteram-nos numa gaiola para servirem de espetáculo a toda a gente que havia na feira. Nessa situação permaneceram por algum tempo, sendo o alvo do divertimento, da maldade ou da vingança dos

circunstantes. O geral ria-se de todos os insultos: outros, porém, mais observadores e mais despreocupados, vendo quanto os peregrinos eram pacientes e sofredores, que não retribuíam maldições com maldições, mas com bênçãos, e que respondiam com palavras mansas aos insultos e injúrias que lhes eram dirigidos, começaram a conter a multidão, e a repreendê-la pelos seus inqualificáveis e injustos abusos e desvarios. Mas, o povo irritado, voltou-se contra estes, dizendo que eram tão bons como os que estavam na gaiola, e, manifestando suspeita de serem seus cúmplices, ameaçaram-nos com iguais castigos. Aqueles que tinham tomado a parte dos prisioneiros responderam, energicamente, que os peregrinos mostravam ser pessoas sérias e pacíficas; que a pessoa alguma faziam mal; e que havia na feira muitos vendedores que mais mereciam estar dentro da gaiola, e até serem postos no pelourinho, em vez daqueles desgraçados de quem tanto tinham abusado. Assim se foram prolongando as contestações, até que finalmente chegaram as vias de fato, e muitos ficaram feridos. Tornaram então a levar os presos, que se haviam comportado com toda a sabedoria e temperança, à presença dos seus interrogadores, e perantes estes os acusaram de haverem provocado o tumulto que tivera lugar. Espancaram-nos brutalmente, puseram-lhes algemas, e assim os passearam por toda a feira, para terror e escarmento dos demais, e para que ninguém tomasse a sua defesa nem com eles se juntasse.

Cristão e Fiel portaram-se com grande prudência, e recebiam a vergonha e a ignomínia a que os expunham com paciência e mansidão, de modo que ganharam a simpatia de alguns feirantes, ainda que poucos, relativamente. Esta adesão exasperou, até ao último ponto,

a parte contrária, que resolveu matar os peregrinos. Desde logo os ameaçaram de morte, dizendo-lhes que, visto não ser bastante a prisão, seriam condenados à pena última, pelo abuso cometido, e por terem enganado os da feira. Novamente os encerraram na gaiola, prendendo-os a um cepo, enquanto não se decidia definitivamente qual sorte lhes poderia ser destinada.

Recordaram-se, então, os peregrinos do que lhes dissera Evangelista, e esta recordação veio predispô-los ainda mais para os sofrimentos e robustecer a sua constância. Também se consolavam mutuamente com a idéia de que, o que mais sofresse, melhor sorte havia de ter, pelo que ambos desejavam, no íntimo dos seus corações, ser o preferido, mas entregando-se sempre nas mãos Daquele que de tudo dispõe com altíssimo acerto e sabedoria. E nestas disposições permaneceram, esperando os acontecimentos.

O processo seguiu seus trâmites, e, chegando o dia do julgamento, foram os peregrinos levados ao tribunal, e ali publicamente acusados. Era juiz do processo o doutor **Ódio-ao-Bem** , e os pontos principais da acusão eram os seguintes: Que os réus eram inimigos e perturbadores do comércio, que tinham provocado desordens e conflitos na cidade; e que haviam levantado um partido em favor das suas perigosíssimas opiniões, desacatado completamente as leis do príncipe reinante.

Fiel pediu a palavra para se defender, e falou assim: Quanto a mim, só me opus a quem primeiro se levantou contra aquele que é superior ao mais alto. Distúrbios não promovi; sou homem de paz: Quem tomou a defesa fê-lo por ver a nossa verdade, e a nossa inocência; os que assim

procederam não fizeram mais do que passar dum estado pior para outro melhor. Quanto ao que respeita ao rei de quem falais, que é belzebu, o inimigo de nosso Senhor, desafio-o, bem como a todos os seus sequazes.

Fez-se em seguida um pregão para que todos os que tivessem que dizer em favor d'el-rei, seu senhor, e contra os réus, se apresentassem imediatamente para depor. Apresentaram-se três testemunhas: **Inveja** , **Superstição** e **Adulação** . Inquiridas se conheciam o réu, e sobre o que tinham a dizer contra ele e em favor de el-rei, adiantou-se Inveja, que falou nestes termos:

Inveja – Exmo. Sr. Juiz, conheço este homem há muito tempo, e afirmarei a este tribunal, debaixo de juramento que...

Juiz – Esperai, esperai. Tende a bondade de prestar juramento.

Depois de cumprida esta formalidade, Inveja prosseguiu:

- Senhor, este homem, apesar do bom nome que tem, é um dos piores do nosso país, pois não respeita o príncipe, nem o povo, nem a lei, nem os costumes, e faz todo o possível para infundir em todos as suas péssimas idéias a que chama, em geral, princípios de fé e de santidade.

Resumindo, direi que da própria boca do réu ouvi que o cristianismo e os costumes da nossa cidade da Vaidade são diametralmente opostos, não podendo de forma alguma harmonizar-se; do que se conclui, Sr. Juiz, que não só

condena os nossos louváveis costumes, mas também a todos quantos os seguem e cumprem.

Juiz – Tendes mais alguma coisa a acrescentar?

Inveja – Muito mais poderia dizer, se não temesse enfadar-vos, mas, se for preciso, ampliarei o meu depoimento depois de outras testemunhas terem falado, para que não faltem elementos para a condenação dos réus.

Juiz – Podeis retirar-vos.

Entrou em seguida Superstição. Ordenaram-lhe que olhasse para o réu, e que dissesse o que sabia contra ele, em favor d'el-rei. Depois de prestar juramento, a testemunha falou do seguinte modo:

Superstição – Sr. Juiz, não conheço bem este homem, nem tal desejo; sei, contudo, por uma conversa que com ele tive nesta cidade, que é muito perigoso. Ouvi-lhe dizer que a nossa religião é vã, e que por ela ninguém pode agradar a Deus, donde necessariamente se conclui que, na opinião do réu, é vão o culto que prestamos, permanentes os nossos pecados e certa a nossa condenação. Eis o que tenho a dizer.

Seguiu-se o juramento de Adulação, que assim falou contra o acusado:

Adulação – Exmo. Juiz e mais senhores que fazeis parte do tribunal, há muito que conheço este réu, a quem tenho

ouvido dizer coisas que nunca deveriam dizer-se. Tem ele injuriado o nosso excelso príncipe belzebu, e falado com desprezo dos seus ilustres amigos, tais como do senhor Homem-Velho, do senhor Deleite-Carnal, do senhor Comodidade, do senhor Desejo-de-Vanglória, do respeitável ancião senhor Luxúria, do cavaleiro Voracidade, e de muitos outros de nossa primeira nobreza. Também tem dito que, se fosse possível pensarem todos como ele, não ficaria nesta cidade nenhum destes distintos cavalheiros. Ainda mais: nem Vossa Excelência. Que foi nomeado seu juiz, tem escapado às suas injúrias; tem-lhe chamado maroto, ímpio, e outros nomes injuriosos e insultantes, com que em geral qualifica a maior parte das ilustres personagens da cidade.

Terminado o depoimento de Adulação, dirigiu-se o juiz ao acusado, dizendo-lhe: Renegado, herege e traidor, ouvistes o que estas respeitáveis testemunhas disseram contra ti?

Fiel – É permitido que eu diga algumas palavras em minha defesa?

Juiz – Ah, malvado! Não mereces viver nem mais um instante sequer; contudo, para que se veja quanta condescendência uso para contigo, podes falar. Que tens, pois, a dizer?

Fiel – Direi, em primeiro lugar, e em contestação ao depoimento do senhor Inveja, que as palavras por que me incrimina foram estas: Que todas as regras, leis, costumes, ou pessoas que sejam diretamente contrárias à palavra de Deus são diametralmente opostos ao Cristianismo. Se isto

não é verdade, convençam-me do erro, que eu estou pronto a fazer aqui a minha retratação.

Quanto à segunda testemunha, o senhor Superstição, e ao seu depoimento, tenho a declarar que o que eu disse foi: Que no culto de Deus é necessária uma fé divina, a qual não pode existir sem uma revelação divina da vontade de Deus; e que, portanto, tudo quanto se introduzir no culto de Deus, em desarmonia com a revelação divina, não pode provir senão duma fé humana, a qual é de nenhum valor para a vida eterna.

Pelo que respeita ao senhor Adulação, pondo de parte o que vos disse de injúrias e coisas semelhantes, direi que o príncipe desta cidade, com a súcia da sua corte a que a testemunha se referiu, são mais dignos e merecedores do inferno do que desta cidade e deste país. E terminarei, dizendo que o Senhor tenha misericórdia de mim.

Então o juiz, voltando-se para o júri, que durante toda a audiência estivera ouvindo e observando, disse:

- Senhores jurados, vede que este homem provocou um grande tumulto na vossa cidade. Acabais de ouvir o que as dignas testemunhas depuseram contra ele; igualmente ouvistes a sua réplica e confissão. Pertence-vos condená-lo ou absolvê-lo; antes, porém, a vossa decisão, parece-me conveniente instruir-vos na vossa lei.

No tempo de faraó, o grande, servo de nosso príncipe, querendo-se obstar a que se multiplicassem os sectários duma religião contrária à nossa, e a que se tornassem mais fortes do que era convenientemente, foi promulgado um

decreto em que se ordenava que todos os seus filhos varões fossem lançados no rio (Êxodo 1:22). Nos dias de Nabucodonosor, o grande, também servo do nosso príncipe, publicou-se um decreto para que todos quantos não quisessem dobrar os joelhos e adorar a sua imagem de ouro fossem lançados num forno incandescente (Daniel 3:6).

No tempo de Dario também se publicou um edito, ordenando que fosse lançado à cova dos leões todo aquele que em determinado tempo invocasse outro deus que não fosse o mesmo Dario (Daniel 6:7). Ora, este rebelde violou o princípio estabelecido por estas leis, não só por pensamentos (o que por si não poderia admitir-se), mas até por palavras e por obras. Poderá isto tolerar-se?

E notai que o decreto de faraó era baseado numa suposição, isto é, tinha por fim prevenir um mal, pois até àquela época nenhum crime se havia ainda cometido; enquanto que, no caso presente, há completa infração da lei. No segundo e terceiro ponto ofende a nossa religião, e, como ele próprio confessa a sua traição, é digno de morte.

Ouvida a exposição da lei, retirou-se o júri, que era composto dos senhores **Cegueira, Injustiça, Malícia, Lascívia, Libertinagem, Temeridade, Altivez, Malevolência, Mentira, Crueldade, Ódio-à-Luz** e **Implacável** , e, tendo cada um emitido a sua opinião contra o réu, decidiram unanimemente que os crimes estavam provados. E assim declararam ao juiz. Cegueira, que era o presidente do júri, disse:

- Vejo claramente que este homem é herege.

- Fora do mundo com este maroto, disse Injustiça.

- Sim, acrescentou Malícia, porque até vê-lo me aborrece.

- Eu, por minha parte, nunca pude encarar com ele, disse Lascívia.

- Nem eu, confirmou Libertinagem, porque estava sempre a censurar o meu modo de vida.

- Forca, forca com ele, disse Temeridade.

- É um miserável, acrescentou Malevolência.

- É um infame, disse Mentira.

- Faz-se-lhe um grande favor em enforcá-lo, disse Crueldade.

- É despachá-lo quanto antes, apoiou Ódio-à-Luz. E finalmente, disse Implacável: Ainda que me dessem todo o mundo, não poderia reconciliar-me com ele. Declaremo-lo, pois, e desde já, digno de morte.

E assim o fizeram. Condenaram-no a ser levado ao sítio onde começara o tumulto, e a ser ali justiçado da maneira mais cruel que se pudesse inventar.

Apoderaram-se dele para cumprirem as suas leis, açoitaram-no, esbofetearam-no, cortaram-lhe em pedaços de carne, apedrejaram-no, feriram-no com espadas, e

finalmente lançaram-no ao fogo e reduziram-no a cinzas. Assim pereceu Fiel.

Mas, por detrás da multidão, vi eu, no meu sonho, um carro tirado a dois cavalos, que o esperava. E, logo que seus inimigos o mataram, foi arrebatado naquele carro pelas nuvens, ao som de trombetas, rumo à porta celestial. O castigo de Cristão foi adiado. O nosso peregrino voltou para a prisão, onde esteve ainda por algum tempo. Aquele, porém, que de tudo dispõe, e que tem na sua mão o poder da raiva dos inimigos, permitiu que Cristão escapasse por esta vez e continuasse o seu caminho.

Que doces cantos ouvi eu de Cristão, enquanto caminhava! “Grande foi a tua felicidade no Senhor, meu bom amigo Fiel”, dizia ele. “Agora estás bendito, enquanto os incrédulos, cujos prazeres são falsos e vãos, se lamentarão no meio de penas e de agonias. Bendize a Deus, amigo Fiel, e canta: teu nome será eterno, porque vives, apesar de te haverem morto.”

Vi, então, no meu sonho, que Cristão não saíra sozinho da cidade, mas que ia acompanhado por Esperança, o qual chegara a obter este nome vendo a conduta de Cristão e Fiel, ouvindo-os e presenciando os seus sofrimentos na feira da Vaidade. Esperança juntou-se a Cristão, e, tratando-o com paz fraternal, prometeu que seria seu companheiro. De modo que, tendo morrido Fiel por dar testemunho da verdade, das suas cinzas se levantou outro, para ser companheiro do peregrino; e, segundo dizia Esperança, havia muitos outros lá na feira que os seguiram na primeira ocasião.

Pouco tinham andado os dois companheiros, quando os alcançaram um sujeito chamado Interesse-Próprio, a quem perguntaram donde vinha e para onde ia.

- Venho da cidade das Boas-Palavras, e dirijo-me para a Cidade Celestial. - Mas não lhes disse o seu nome.

Cristão – Vindes da cidade das Boas-Palavras? Há por lá alguém que seja bom? (Provérbios 26:24).

Interesse-Próprio – Certamente; quem poderá duvidá-la?

Cristão – Quereis ter a bondade de dizer-me o vosso nome?

Interesse-Próprio - Meu caro, eu sou para vós um estranho, assim como vós o sois para mim; se ides por este caminho, muito folgarei com a vossa companhia; se não, passarei sem ela.

Cristão – Tenho ouvido falar algumas vezes dessa cidade de Boas-Palavras. Segundo dizem, é terra de muitas riquezas.

Interesse-Próprio – São quase todos os habitantes das dunas; eu mesmo tenho ali parentes muito ricos.

Cristão – Não será indiscrição perguntar quem são esses vossos parentes?

Interesse-Próprio – São quase todos os habitantes da cidade, mas principalmente o senhor Vira-Casaca, o

senhor Contemporizador, e o senhor Boas-Palavras, de cujos ascendentes tomou seu nome a cidade, os senhores Afago, Duas-Caras, Qualquer-Coisa, o pior da freguezia, e senhor Duas-Línguas, que era irmão da minha mãe por linha paterna, porque, realmente, para falar toda a verdade, eu sou fidalgo de muito boa linhagem, apesar de meu avô não passar de um barqueiro que o olhava para um lado e remava para outro, ocupação a que adquiri quase toda a minha fortuna.

Cristão – O senhor é casado?

Interesse-Próprio -Sou. Minha esposa é uma dama muito virtuosa, filha duma senhora também virtuosíssima, a senhora Impostura; pertence, portanto, a uma família muito respeitável, tendo chegado a um grau tão elevado de fina educação que sabe perfeitamente como se vive com um príncipe ou um aldeão. É verdade que divergimos algum tanto doutras pessoas nas nossas opiniões religiosas, mas só em dois pequenos pontos: 1.º - Nunca teimamos contra o vento e a maré; 2.º - Somos mais zelosos pela religião quando esta se nos apresenta com sapatos de prata; e gostamos muito de a acompanhar em público, à luz do sol, quando todos vêem e aplaudem.

Cristão voltou-se para o seu companheiro Esperança, e disse-lhe em voz baixa:

- Se não me engano, este sujeito é um tal Interesse-Próprio, natura de Boas-Palavras. Se assim é, levamos em nossa companhia o velhaco mais consumado destes arredores.

- Por certo não terá vergonha em confessá-lo – redargüiu Esperança.

Cristão aproximou-se outra vez, e disse-lhe:

- Cavalheiro, fala como grande conhecedor do mundo, e, se não estou mal informado, parece-me que já adivinho quem é. Não se chama o senhor Interesse-Próprio, de Boas-Palavras?

Interesse-Próprio – Não, senhor, não é esse o meu nome, apesar de assim me chamarem algumas pessoas, e, de eu me resignar a aceitá-lo como insulto, a exemplo do que fizeram, antes de mim, outros homens não menos respeitáveis.

Cristão – E que motivo deu o senhor para lhe porem semelhante alcunha?

Interesse-Próprio – Nenhum, absolutamente; e só posso atribuí-lo ao fato de ter tido a sorte de estar sempre de acordo com as opiniões do tempo presente, quaisquer que elas sejam, com o que me tenho dado perfeitamente bem. Isto considero eu como uma grande bênção, e não acho justo que meia dúzia de mal intencionados me censurem.

Cristão – Pois eu já tinha conjecturado que era o tal sujeito de quem tenho ouvido falar, e receio muito que essa **alcunha** lhe assente melhor e com mais justiça do que eu e o senhor supomos.

Interesse-Próprio – Contra essa opinião nada tenho a dizer: vereis, contudo, que eu sou um companheiro decente, se permitis que continue a ir convosco.

Cristão – Se quereis acompanhar-nos tereis de remar contra o vento e contra a maré, o que, segundo vejo, não está no vosso credo. Tereis de reconhecer a religião tanto nas suas galas como nos seus andrajos, e acompanhá-la tanto quando sofre perseguições como quando passeia pelas ruas com geral aplauso.

Interesse-Próprio – Não queira impor-se nem subjugar-me para se apoderar da minha fé; deixe-me liberdade de proceder, como eu quiser, e sob esta única condição acompanhá-lo-ei.

Cristão – Nem mais um passo! Se não vos conformais com o que nós fazemos, deixa-nos.

Interesse-Próprio – Nunca reneguei a meus princípios, aliás, inocentes e proveitosos. Se não consentem que os acompanhe, farei como antes de os encontrar: irei sozinho até achar quem goste da minha companhia.

Vi, então, no meu sonho, que Cristão e Esperança o abandonaram, conservando-se ambos a certa distância na sua frente.Um deles, olhando para trás, viram três homens que seguiram Interesse-Próprio, o qual cumprimentou respeitosamente quando eles se aproximaram, recebendo em troca afetuosas saudações. Eram estes três recém-chegados os senhores Apego-ao-Mundo, Amor-ao-Dinheiro e Avareza, antigos conhecidos de Interesse-Próprio, que juntamente com eles freqüentava a escola do

senhor Cobiça, na cidade de Amor-ao-Ganho. Esse sábio professor ensinara-lhes a arte de adquirir, tanto pela violência, pela fraude, pela adulação e pela mentira, como sob o pretexto de religião, e todos os quatro tinham aproveitado com as lições, a ponto de poder qualquer deles tomar sobre si o encargo de reger a escola.

Depois de se haverem saudado reciprocamente, como já disse, Amor-ao-Dinheiro perguntou a Interesse-Próprio quem eram os que iam na frente, pois ainda avistava ao longe Cristão e Esperança.

Interesse-Próprio – São dois habitantes dum país longínquo, que vão peregrinando a seu modo.

Amor-ao-Dinheiro – Que pena é não se terem demorado mais um pouco, para podermos gozar da sua boa companhia, porque todos somos peregrinos!

Interesse-Próprio – É verdade; mas aqueles são tão rígidos, amam tanto as suas idéias, e têm tão pouca consideração pelas de outrem, que, por mais piedoso que seja, ninguém lhes agrada se não pensa como eles, e logo se apartam da sua companhia.

Avareza – Isso é mau; mas há muitos exemplos de pessoas demasiado justas, cuja rigidez os faz julgar e condenar a todos, exceto a si próprios. Quais eram, então, os pontos em que divergiam as suas opiniões?

Interesse-Próprio – Eles asseguram, na sua inflexibilidade, que devem prosseguir em seu caminho

com todos os demais, enquanto eu quero esperar o vento e a maré; eles não duvidam arriscar tudo por Deus, e eu desejo aproveitar-me de todas as ocasiões para assegurar a minha e os meus bens; eles empenham-se em sustentar as suas idéias, ainda que estejam em oposição às de todo o mundo, e eu sigo os preceitos da religião enquanto e até onde permitem os tempos e a minha própria segurança; eles estimam a religião, ainda que seja pobre e desgraçada, eu estimo-a quando ela anda com esplendor e com aplauso.

Apego-ao-Mundo – Tendes vós muita e muita razão. Pela minha parte, considero muito tolo aquele que, podendo guardar o que tem, é tão néscio que o deixa perder. Sejamos sábios como serpentes e ceifemos a erva em tempo próprio. A abelha conserva-se imóvel durante o inverno, e só aparece quando pode reunir o proveito com prazer. Deus manda o sol e a chuva, alternadamente. Se eles querem andar à chuva, deixemo-los, e vamos nós andando com o bom tempo. Pela minha parte, prefiro a religião que seja compatível com a posse e com as dádivas de Deus. Pois se Deus nos concedeu as coisas boas da vida, quem será tão destituído de razão que possa imaginar que o Senhor não quer que as conservemos e guardemos por causa dele?

Abraão e Salomão enriqueceram – na sua religião. Jó diz-nos que o homem bom entesourará ouro como pó. Mas, por certo, seria com esses que vão aí adiante, se efetivamente são como vós dizeis.

Avareza – Parece-me que estamos todos de acordo neste ponto, e não creio que haja dúvida em mudarmos de assunto.

Amor-ao-Dinheiro – Nada mais temos a dizer a este respeito. E quem não crê na Escritura e na razão (que ambas estão do nosso lado) não conhece a sua liberdade própria, nem busca a própria segurança.

Interesse-Próprio – Amigos, pelo que se vê, todos somos peregrinos, e, para melhor nos apartamos das coisas más, permitam-me que lhes proponha uma questão.

Suponhamos que um pastor de almas, ou um comerciante, a quem se apresentasse a ocasião de possuir as boas coisas desta vida, mas que não pudesse alcançá-las de modo algum sem que fizesse, pelo menos na aparência, extraordinariamente zeloso em algum ponto da religião, com que até então se não houvesse importado muito; não lhe será permitido empregar os meios necessários para obter o seu fim, sem por isso deixar de ser homem honrado?

Amor-ao-Dinheiro – Vejo o fundo da vossa questão, e, com o amável consentimento destes cavalheiros, vou dar-vos uma resposta, que considerarei primeiro em relação ao pastor. Imaginemos um homem desta classe, um homem bom, que possui um benefício muito pequeno, e que, na expectativa doutro mais cômodo e mais rendoso, tem ensejo de obter, com a condição de ser mais estudioso, de pregar mais e com maior zelo; apesar das opiniões contrárias, eu não vejo razão alguma para que este homem não possa fazer isso e ainda muito mais, uma vez que

tenha ocasião, e sem deixar de ser homem honrado. E por que?

1.º - Desejar um benefício melhor e lícito, sem a menor contradição, posto que seja a Providência que o depara; e assim pode obtê-lo se isto está ao seu alcance e não se prende com questões de consciência.

2.º - Além do que, o desejo desse benefício torna-o mais estudioso e mais zeloso pregador, obriga-o a cultivar mais o seu talento, tudo o que é, sem dúvida, muito em conformidade com a vontade de Deus.

3.º - Quanto a acomodar-se ao caráter do seu povo, deponho em suas asas alguns dos seus princípios, isto supõe: a) que é dotado dum espírito cheio de abnegação; b) de proceder doce e atrativo; c) que é mais apto, portanto, para o ministério pastoral.

4.º - Deduzo, pois, que um pastor, que troca um benefício pequeno por outro maior não deve ser alcunhado de avarento. Antes, pelo contrário, deve considerar-se que não faz senão seguir a sua vocação e aproveitar-se da oportunidade de fazer o bem que se lhe depara.

Quanto à segunda parte da questão, isto é, com referência ao negociante, suponhamos que o seu negócio é muito reduzido, mas que, tornando-se religioso, pode melhorar de sorte, encontrando talvez uma esposa rica, ou maior número de fregueses.

Quanto a mim não vejo razão alguma para que isto não possa fazer-se com lisura; porque, 1.º, tornar-se religiosa é uma virtude, qualquer que seja o caminho que se siga para o realizar; 2.º, também não é ilícito procurar uma esposa rica ou mais e melhores fregueses; 3.º, além do que, o homem que alcança estas coisas fazendo-se religioso, obtém uma coisa boa de outras igualmente boas, e torna-se a si mesmo bom; consegue muitas coisas boas, boa esposa, bons fregueses, bons ganhos, e torna-se bom. Logo, fazer-se religioso para obter todas estas coisas é uma tentação boa e de proveito.

Estas palavras de Amor-ao-Dinheiro foram muito aplaudidas por todos, concluindo-se unanimemente que tal doutrina era sã e vantajosa.

E, como lhes parecia que não podia ser contestada, resolveram apressar o passo para proporem a questão a Cristão e Esperança, e com tanto maior empenho quanto sabiam que eles tinham combatido as opiniões de Próprio-Interesse. Começaram logo a chamá-los em altos brados, obrigando-os aparar e esperar. Tinham resolvido de quem havia de propor a questão não seria Interesse-Próprio, maws sim Apego-ao Mundo, porque, na sua opinião, a resposta que este recebesse não seria tão acalorada copmo a recebera Próprio- Interesse. Assim que alcançaram os dois peregrinos, todos se saudaram, e Apego-ao-Mundo expos a questão, pedindo o favor de a resolverem, caso pudessem.

Cristão respondeu nestes termos: - Não só eu, mas qualquer novato em religião poderia facilmente responder a mil perguntas como essa; se é lícito seguir a Cristo por

causa dos pães, como se vê em João 42;26, quanto mais abominável será servir-te de Cristo e da religião como meio para conseguir e gozar as coisas do mundo! Só os gentios, os hipócritas, os demônios e os feiticeiros poderão aceitar semelhante opinião.

1° - Os gentios: Quando Hamor e Siquém quiseram possuir as filhas e os gados de Jacó, e viram que não havia outro meio para conseguir senão deixarem-se circuncidar, disseram aos seus companheiros:"Se todos os nossos varões se circuncidarem, como eles fazem, todos os seus gados e toda a sua fazenda serão nossos".

(Leia-se toda a história em Gênesis 34:20-24)

Os que eles buscavam eram as filhas e os gados de Jacó. A religião era apenas o meio de obterem o seu fim.

2º_ Os fariseus hipócritas também foram religiosos deste gosto. Grandes orações eram entre eles o pretexto para devorarem a casa das viúvas, e por isso o resultado foi maior condenação da parte de Deus (Lucas 20:46-47).

3º _ Tal era também a religião de Judas. Este demônio era religioso pela bolsa e pelo que ela continha; mas perdeu-se e foi expulso como filho da perdição.

4° _ Nesta religião estava também filiado Simão Mago, porque queria possuir o Espírito Santo para ganhar dinheiro; mas recebeu da boca de Pedro a merecida sentença (Atos 8:18-23).

5º _ Também não posso deixar de dizer que todo aquele que toma a religião para possuir o mundo, a deixará, se necessário for, para não abandonar este; pois é tão certo que Judas se fez religioso por causa do mundo como é certo que pela mesma causa vendeu sua religião e o seu Senhor. Responder afirmativamente à questão que opusestes, como me parece que vós tendes respondido, e aceitar essa resposta como boa é ser pagão, hipócrita e filho da perdição, e assim a vossa recompensa será condigna com as vossas obras.

Ouvindo este discurso, ficaram os falsos peregrinos sem saber o que haviam de replicar. Então Cristão disse para o seu companheiro: Se estes homens não podem sustentar-se ante a sentença do homem, o que será quando se apresentarem no tribunal de Deus? Se os vasos de barro os fazem calar, o que será quando forem repreendidos pelas chamas dum fogo devorador?

Cristão e Esperança continuaram o seu caminho, até chegarem a uma bela planície chamada Alívio. Mui agradável lhes foi atravessarem esta planície, mas o prazer foi pouco duradouro, porque ela era pouco extensa. Encontraram do outro lado uma colina chamada Lucro, e nessa colina havia uma mina de prata. Alguns dos viajantes que tinham passado por aquele sítio haviam deixado a estrada para visitarem a mina, a qual julgavam muito rara. Aconteceu-lhes, porém, que, aproximando-se demasiadamente da abertura do poço, o terreno que pisavam cedeu, por ser falso, e foram precipitados no abismo, onde encontraram a morte; outros, que não morreram, ficaram aleijados e estropiados e nunca mais puderam recuperar as forças enquanto viveram.

Capítulo XIV

Cristão encontra em Esperança um excelente companheiro, e, inflamados ambos no amor de Deus, resistem aos sofismas de vários indivíduos que encontram no caminho

Vi então no meu sonho que, à pequena distância do caminho e próximo à entrada da mina, estava Demas a chamar constantemente os transeuntes e a convidá-los a admirar aquela maravilha. Vendo Cristão e o seu companheiro, começou a chamá-los, dizendo: Olá! Aproximai-vos, se quereis ver uma coisa surpreendente!

Cristão – Que coisa poderá ter tamanho interesse, que nos obrigue a parar e a desviar-nos do caminho?

Demas – Há aqui uma mina de prata, onde se pode cavar e alcançar um tesouro. Se quereis vir, podereis levar grande riqueza com pequeno trabalho.

Esperança – Vamos vê-la?

Cristão – Não! Já tenho ouvido falar desta mina, e de muita gente que já tem perecido. Além disso, esse tesouro é um laço para os que o procuram, porque os estorva na sua peregrinação.

Cristão gritou então a Demas,dizendo: - Não é verdade que esse lugar é perigoso? Não tem estorvado a muitos na sua peregrinação?”(Oséias 4:16-19)

Demas – Só é perigoso para os descuidados.(E corou ao dizer estas palavras).

Cristão – Esperança, nem mais um passo devemos dar nesta direção. Continuemos nosso caminho.

Esperança – Quando o Interesse-Próprio chegar aqui, por certo vai ver a mina, se para isso o convidarem.

Cristão – Disso não tenho a menor dúvida, porque esses são os seus princípios, e é quase certo que encontre ali a morte.

Demas – Então, não quereis vir?

Cristão – (Resolutamente). Demas, tu foste inimigo dos caminhos retos do Senhor, e já foste condenado por um dos juízes de Sua Majestade, por te haveres desviado na mesma condenação? Se nos desviamos, no menor ponto que seja, por certo que o nosso Rei e Senhor será sabedor disso, e envergonhar-nos-á onde menos queremos ser envergonhados, que é na sua presença.

Demas – Eu penso como vós, e se quereis esperar um pouco acompanhar-vos-ei.

Cristão – Como te chamas? Não é teu o nome por que te tratei?

Demas - É, sim. Chamo-me Demas e sou filho de Abraão.

Cristão – Bem te conheço. Teu bisavô era Giesi e teu pai Judas, dos quais seguiste as pisadas. É uma rede infernal o que tu nos queres armar ; teu pai enforcou-se por traidor, e tu não mereces outra coisa (II Reis 5:20-27; Mat. 26:14-15; 27:3-5). Asseguro-te que, quando chegarmos à presença do Rei, informá-lo-emos da tua conduta. E continuaram seu caminho.

Naquele momento chegou Interesse-Próprio e seus companheiros, que logo se acercaram de Demas, assim que este os chamou. Não posso asseverar se caíram na mina por se haverem aproximado muito da borda, ou se desceram para cavar, ou se afogaram no fundo pelos vapores que ali se costumam desenvolver; o que sei é que não tornaram a aparecer na estrada. Então, exclamou Cristão: Interesse-Próprio e Demas entendem-se perfeitamente! Um chama e outro responde. Cegou-os a cobiça! Infelizes! Assim sucede aos que só pensam no mundo, julgando que nada há além dele!

Vi depois que, quando os peregrinos chegaram ao outro extremo da planície, encontraram um monumento antigo que lhes causou bastante admiração, pois parecia uma mulher que tivesse sido transformada numa espécie de coluna. Pararam, e, por muito tempo, não encontraram a explicação do que viam.

Esperança descobriu um letreiro na cabeça da estátua, mas por ser pouco versado na leitura, indicou-a a Cristão, que, depois de o examinar, conseguiu ler: - “Lembrai-vos da mulher de Ló.”

Concordaram ambos em que essa era a estátua de sal em que fora transformada a mulher de Ló, por ter olhado para

trás, cheia de cobiça, quando fugia de Sodoma (Gênesis 19:26). Este espetáculo inesperado deu ocasião a que entre eles se travasse o seguinte diálogo:

Cristão – Ah, querido irmão, muito a propósito vem esta visita, depois do convite que nos fez Demas, para irmos à colina do Lucro. Se tivéssemos ido lá, como ele queria (e também estavas disposto a querer, segundo vi), teríamos sido igualmente o espetáculo para os que vêm atrás de nós.

Esperança – Muito me pesa haver sido tão néscio, e admiro-me de não estar já como a mulher de Ló, porque na verdade, não há diferença entre o pecado dela e o meu. Ela não fez senão olhar para trás, e eu tive desejo de ir ver o tesouro. Bendita seja a graça preventiva! Envergonho-me de ter abrigado semelhante desejo no meu coração.

Cristão – Consideremos bem no que aqui vimos, para nos servir no futuro. Esta mulher livrou-me de um castigo, porque não morreu na destruição de Sodoma; apesar disso, foi alcançada por outro castigo, como estamos vendo: foi mudada em estátua de sal.

Esperança – É verdade. Sirva-nos isto de aviso, para evitar-mos o seu pecado, e de exemplo, para nos lembrarmos da condenação que há de ferir os que não se corrigirem com o aviso. De igual modo Coré, Datã e Abirão e s duzentos e cinqüenta homens que com eles pereceras no seu pecado, foram também um exemplo para outros aprenderem (Num. 16:31-32; 26:9-10). Há porém, uma coisa que especialmente me preocupa. Como podem estar ali tão confiadamente Demas e os seus companheiros, em busca dum tesouro, quando esta

mulher, só por ter olhado para trás (pois lemos que se desviasse do caminho um só passo), foi mudada em estátua de sal? E ainda mais: se se considera que a condenação que a feriu, fez dela um exemplo palpável que entra pelos olhos, por que, ainda que não queiram vê-la, não podem deixar de fitá-la sempre que levantem os olhos?

Cristão – É realmente maravilhoso. Isto prova que os seus corações estão já de todo pervertidos, e só podem comparar-se aos que roubam na presença do próprio juiz, ou com os que assassinam à vista da força. Diz-se que os homens de Sodoma eram grandes pecadores, porque o " eram diante do Senhor ", isto é, a seus olhos, apesar da bondade que lhes havia prodigalizado, porque a terra de Sodoma era como o antigo Jardim do Éden (Gênesis 13:10-13). Isto provocou-o muito mais, e fez com que sua praga fosse tão ardente como poderia ser o fogo do céu do Senhor. E é muito razoável concluir que homens como estes, que se empenham em pecar à vista e a despeito dos exemplos que lhes apresentam por escarmento, fazem-se merecedores dos mais severos castigos.

Esperança – Isto é certíssimo; mas quanta misericórdia nos tem sido dispensada, para que nem tu nem eu, especialmente, tenhamos sido feitos um exemplo como este! Devemos dar muitas graças a Deus por viver sempre em temor na sua presença, e nunca esquecer a mulher de Ló.

Capítulo XV

Cristão e Esperança, vendo-se rodeados de consolação e de paz, caem em negligência, e tomando caminho errado, são aprisionados pelo gigante Desespero; mas tendo invocado o Senhor, recuperam a liberdade por meio da chave das promessas

Iam os nossos peregrinos seguindo o seu caminho, quando os vi chegar a um belo rio, a que o rei Davi chamou “rio de Deus” e João “rio da água da vida” (Salmos 65:9; Apocalipse. 22:1; Ezequiel 47:1-9).

Tinham de passar este rio. Grande foi a consolação que sentiram, e maior ainda quando, tendo aplicado seus lábios à água da vida, acharam que ela era agradável e refrigerante para os seus espíritos fatigados.

Nas márgens do rio cresciam árvores frondosas, que produziam toda a qualidade de frutos, e cujas folhas serviam para prevenir aquelas doenças que ordinariamente atacam as pessoas que, por terem andado muito, sentem exaltação no sangue. Dum e doutro lado do rio havia formosos prados ornados de viçosos lírios, que todo o ano se conservavam verdes. Chegados a um destes prados, deitaram-se e adormeceram, porque neste lugar podiam descansar com segurança (Salmos 23:2; Isaías 14:30). Quando despertaram, comeram dos frutos das árvores, tornaram a beber da água da vida, e adormeceram outra vez. E assim fizeram por alguns dias que permaneceram neste lugar. O prazer de que estavam possuídos era tanto que exclamavam: _ “Bendito seja o Senhor, que preparou estas águas cristalinas para os peregrinos que por aqui passam. É suave a fragrância que exalam estes prados, que com grande delícia nos convidam. Aquele que provar estes

frutos ou mesmo folhas destas árvores, da melhor vontade venderá quanto possui para comprar esta terra”.

Como ainda não tivessem chegado ao fim da sua viagem, resolveram partir, depois de terem comido e bebido.

Vi então no meu sonho que, logo ali perto, se separavam o caminho e o rio, circunstância que não deixou de constristá-los. Apesar disso, não se atreveram a abandonar a estrada. Esta quanto mais se afastava do rio, tanto mais áspera se tornava, e como os pés dos peregrinos estavam muito sensíveis, em conseqüência da grande marcha que tinham feito, entrou em suas almas um grande abatimento (Números 21:4). Não obstante, seguiram seu caminho, posto que desejassem um prado, ao qual davam acesso umas pranchas de madeira; tinha o nome de “Prado do caminho errado”. Disse então Cristão ao seu companheiro: Se este prado continuasse paralelo ao caminho, poderíamos ir por ele. E, aproximando-se das pranchas, para melhor examinar, viu um atalho que seguia ao lado da estrada, do outro lado do muro.

Esperança – E se nos perdermos no caminho?

Cristão – Não é provável. Olha, não vês que o atalho segue paralelo à estrada?

Esperança, convencido pelo companheiro, passou com ele para o outro lado, e entraram no atalho, que era muito suave para os pés dos nossos peregrinos. Avistaram um pouco mais adiante um homem que seguia pelo mesmo atalho, e que se chamava Vã-Confiança. Perguntaram-lhe aonde conduzia aquela vereda. À porta celestial,

respondeu o homem. “Vês? Não te dizia eu?” perguntou Cristão ao seu companheiro. “Agora podemos estar certos de que vamos bem”. E continuaram a sua marcha, indo o mesmo homem na frente. Eis que a noite os surpreende, e tão escura se tornou que não podiam distinguir o homem que ia adiante. Este, que não podia distinguir o caminho, caiu numa cova profunda, mandada abrir pelo príncipe daqueles lugares, para que nela caíssem os loucos presunçosos, e magoou-se muito na queda (Isaías. 3:16).

Cristão e Esperança, ouvindo-o cair, perguntaram-lhe em altas vozes o que lhe sucedera, mas por única resposta obtiveram um profundo gemido. Então perguntou Esperança: Onde estamos nós? Cristão não se atreveu a responder, temendo haver-se perdido. Ao mesmo tempo começou a chover, e violenta tempestade se desencadeou.. Os trovões e os relâmpagos sucediam-se e a água crescia e alagava os peregrinos. Esperança soltou um gemido, dizendo consigo mesmo: Antes tivéssemos ido pela estrada, como eu queria!

Cristão – Quem havia de pensar que este atalho nos havia de fazer errar o caminho!

Esperança – Tive um pressentimento disso, desde o principio, e por isso te fiz aquela branda admoestação, não falando mais claramente por ter muito respeito à tua idade.

Cristão – Não te ofendas, bom irmão. Sinto do íntimo da alma haver concorrido para errares o caminho, expondo-te a tão iminente perigo. Perdoa-me que não fiz com má intenção.

Esperança – Sossega, irmão. Da melhor vontade te perdôo, e crê que este acontecimento a ambos será proveitoso.

Cristão – Quanto estimo ter por companheiro um irmão tão bondoso! Mas, em lugar de estarmos aqui, voltemos para trás, em busca da vereda.

Esperança – Pois sim, querido irmão, mas deixa-me ir adiante.

Cristão – Isso não. Eu é que desejo ir em frente. Se houver algum perigo, seja eu quem sofra primeiro, já que por minha causa nos perdemos ambos.

Esperança – Não devo consentir, porque o teu espírito está turbado, e podemos extraviar-nos ainda mais.

Neste momento ouviram, com a maior consolação, uma voz que dizia:

“ Reparai bem na calçada e no caminho por onde viestes; voltai!” (Jer. 31:21). As águas, porém, tinham crescido muito, motivo por que a volta era muito perigosa. (Pensei então quanto mais fácil é sair do caminho quando estamos nele do que alcançá-lo depois de o perder). Arriscaram-se os nossos peregrinos a voltar para trás; mas as trevas eram tão densas, a água estava tão alta, que estiveram perto de se afogarem por algumas vezes.

Por mais diligência que empregassem, não podiam dar com as pranchas de madeira. Então, tendo encontrado um

pequeno abrigo, assentaram-se ali e esperaram o nascer do dia, adormecendo de fadiga e de cansaço.

Próximo ao lugar em que se assentaram, havia um castelo chamado o castelo da Dúvida, cujo proprietário era o gigante Desespero, a quem também pertenciam os terrenos onde os nossos peregrinos haviam adormecido.

O gigante, tendo-se erguido cedo, passeava pelos seus campos, quando deparou, surpreendido, com Cristão e Esperança, que ainda dormiam. Com voz áspera e ameaçadora, perguntou-lhes donde eram e o que queriam dali. - Somos peregrinos, responderam eles, e perdemo-nos no caminho. - Miseráveis, exclamou o gigante; violastes os meus terrenos esta noite, pisando e calcando a minha sementeira; sois meus prisioneiros. Nada podiam responder a esta intimação, porque o gigante era mais forte, e porque se reconheciam transgressores; assim resolveram obedecer. O gigante empurrou-os adiante de si, e meteu-os numa das prisões do seu castelo, escura, hedionda, e repugnante ao espírito dos pobres peregrinos. Ali jazeram desde quarta-feira de manhã até sábado à noite, sem comer, sem água, sem luz e sem que pessoa alguma viesse informar-se do seu estado. Tristíssima era a situação, longe de amigos e conhecidos (Salmos 88:1-18), e especialmente a de Cristão, porque fora a sua mal aconselhada pressa a causa de tamanho infortúnio.

A esposa do gigante Desespero chamava-se Desconfiança. A ela participou o gigante, quando foram deitar-se, que apanhara os prisioneiros e os lançara no cárcere por haverem violado os seus campos, perguntando-lhes em seguida qual o destino que, segundo a sua opinião, devia

dar-se aos presos. Desconfiança, depois de inquirir quem eles eram, donde vinham e para onde iam, aconselhou o marido a açoitá-los sem misericórdia na manhã seguinte.

Assim, pois, o gigante, logo que se levantou, muniu-se dum terrível chicote e desceu à prisão. Começou por injuriá-los, tratando-os como cães, e, posto que eles nada de mal respondessem, caiu sobre eles, açoitando-os de tal modo que já não podiam mexer-se, nem mesmo voltar-se, no chão, dum para outro lado. Feito isto, retirou-se, deixando-os abandonados à sua miséria e chorando a sua desgraça. Assim passaram aquele dia sozinhos, em soluços e amargas lamentações.

Na noite imediata, inteirada Desconfiança do que havia sucedido, disse ao marido que devia aconselhá-los a porem fim à própria vida.

Chegou o dia. O gigante dirigiu-se à prisão com os modos bruscos da véspera, e, vendo quanto os prisioneiros sofriam em conseqüência das pancadas que lhes havia dado, disse-lhes:

- Visto que nunca haveis de sair daqui, o melhor que podeis fazer é pôr fim à vida, pelo ferro, pela corda, ou pelo veneno; porque, realmente, como haveis de suportar uma vida tão cheia de amargura?

Eles, porém, instavam com o gigante para que os deixasse continuar o seu caminho.

Fitou-os Desespero com um olhar colérico, e com tal ímpeto caiu sobre eles que seguramente os teria despedaçado, se não tivesse sido acometido por um dos ataques a que era sujeito, e que, privando-o do uso das mãos, o obrigou a retirar-se e deixá-los sós, entregues às suas reflexões.

Puseram-se então a discorrer se seria melhor seguir o conselho do gigante, e travaram entre si este diálogo:

Cristão – Que havemos de fazer, irmão? A vida que passamos é de misérias, e não sei se será melhor viver assim ou acabar por uma vez. A minha alma prefere o suicídio à vida, e o sepulcro a este cárcere (Jó 7:15). Devemos seguir o conselho do gigante?

Esperança – É certo que a nossa situação é terrível, e que a morte ser-me-ia mais agradável, se temos que ficar aqui para sempre; devemos, porém, lembrarmo-nos de que o Senhor do país para onde nos dirigimos disse: "Não matarás", - e que, se nos fez esta proibição com respeito a outrem, mais deve ela estender-se em relação a nós mesmos. Além do que, quem mata outrem não lhe mata mais do que o corpo, mas o que se suicida mata o corpo e a alma de um só golpe. Falas tu do descanso do sepulcro? Esqueceste acaso para onde vão os que matam? "Lembra-te que nenhum assassino tem a vida eterna". Devemos considerar que nem toda lei está nas mãos deste gigante. Julgo que outras pessoas terão caído, como nós, em seu poder, e que, apesar disso, tem escapado das suas mãos. Quem sabe se Deus, que fez o mundo, fará morrer este gigante Desespero, ou permitirá que ele, mais dia, menos dia, se esqueça de correr o ferrolho, ou torne a ser

acometido de algum acidente que lhe faça perder o uso dos pés? Se assim acontecesse, estou resolvido a proceder com energia e a fazer todo o possível para fugir do seu poder; fui um louco em não ter já tentado fazê-lo, mas tenhamos paciência e soframos um pouco mais; há de chegar a hora da nossa feliz libertação; não sejamos, pois, assassinos de nós mesmos.

Com estas palavras conseguiu Esperança moderar, no momento o ânimo de seu irmão, e assim passaram juntos nas trevas aquele dia no mais doloroso estado.

Pelo cair da tarde tornou o gigante a descer á prisão para ver se os presos tinham seguido o seu conselho; e posto que não se tivessem suicidado, com pouca vida os achou, porque, dum lado a falta de alimento, e do outro as feridas recebidas, tinham-nos enfraquecido, a ponto de apenas respirarem.

Ao vê-los ainda vivos, enfureceu-se o gigante e disse-lhes que melhor seria nunca haverem nascido do que terem desprezado o seu conselho.

Esta ameaça atemorizou sobremaneira os dois prisineiros, e Cristão quase desmaiou; mas, tornando ambos um pouco a si, de novo discorreram sobre o conselho que o gigante lhes dera.

Cristão mostrava-se inclinado a seguí-lo mas Esperança disse-lhe:

- Querido irmão: acaso esqueceste o valor de que tantas provas deste em outras ocasiões? Não pode derribar-te Apolião, nem tão pouco tudo quanto viste, ouviste e sentiste no Vale da Sombra da Morte. Quantas provações, quantos terrores e quantos sustos tens passado! Agora em ti vejo só fraqueza e temor! Não estou eu aqui no mesmo cárcere, eu, que sou por Natureza muito mais fraco do que tu? Não me feriu o gigante como a ti? Não nos privou de pão e de água? Não lamento, como tu, estarmos imersos em profundas trevas? Ponhamos em ação mais alguma paciência. Lembra-te do valor que mostraste na Feira da Vaidade, lembra-te de que não te atemorizaram, nem algemas, nem prisão, nem a perspectiva de uma terrível morte, e suportemos os males presentes com paciência tanto quanto pudermos, para evitarmos a vergonha.

Assim se passou mais um dia. À noite, a esposa do gigante tornou a perguntar-lhe pelo estado dos prisioneiros, para saber se eles haviam seguido o seu conselho. Respondeu-lhe o gigante que eles eram uns homens sem brio nem vergonha, que preferiram sofrer tudo a suicidar-se.

Tornou-lhe a mulher:

- Amanhã, pois, pela manhã, leva-os ao pátio do castelo, mostra-lhes as ossadas e as caveiras dos que tens despedaçado, e dize-lhes que antes de oito dias terão sofrido igual sorte.

Assim se fez. Na manhã seguinte levou-os o gigante ao pátio do castelo, segundo os conselhos de sua mulher, e disse-lhes:

Estas ossadas pertenciam a peregrinos, como vós, que violaram os meus estados, como também vós fizestes, e aos quais despedacei quando bem me pareceu, como hei de fazer-vos dentro em poucos dias. Agora ide outra vez para a prisão.

E acompanhou-os até à porta do cárcere, dando-lhes muitos açoites. Ali permaneceram tristes todo o dia de sábado, em circunstâncias tão lamentáveis como anteriormente. Chegada a noite, tornou o gigante a conversar com sua esposa acerca dos peregrinos, estranhando que nem os açoites nem os conselhos pudessem dar cabo deles. - Receio, disse a mulher, que nutram a esperança de que venha alguém libertá-los, ou que tenham conseguido alguma chave falsa, por meio da qual esperam evardir-se. Eu amanhã os revistarei, volveu o gigante.

Era perto da meia-noite de sábado quando os nossos peregrinos começaram a orar, continuando ambos em oração até quase ao romper da alvorada.

Momentos antes de amanhecer, prorrompeu Cristão nestas fervorosas palavras, como se estivesse espavorido: Que louco e que néscio eu sou em estar aqui neste calabouço, quando podia estar gozando a liberdade! Tenho no peito uma chave chamada Promessa que, estou persuadido, poderá abrir todas as fechaduras do castelo da Dúvida. - Sim? Exclamou Esperança: Que boas notícias me dás, irmão; tira pois a chave do teu seio e experimentemos.

Cristão tirou a chave e aplicou à porta da prisão. Instantes depois a fechadura cedia, e a porta abria-se de par em par, com a maior facilidade. Cristão e Esperança saíram.

Chegaram à porta exterior que dava para o pátio do castelo, a qual cedeu com a mesma facilidade. Dirigiram-se em seguida para o portão de ferro que fechava toda a fortaleza, e, apesar de a fechadura ser excessivamente forte e complicada, conseguiram abri-la com a chave. Empurraram o portão para fugirem a toda pressa, mas os gonzos rangeram tanto que acordaram o gigante Desespero, o qual se levantou imediatamente para ir em perseguição dos fugitivos; mas faltaram-lhe as forças, porque foi acometido por um dos seus acidentes, o que o impedia de correr atrás dos peregrinos. Entretanto, corriam eles, chegando à estrada real, livres de todo o receio, pois já se achavam fora da jurisdição do gigante.

Tendo passado a prancha que dava serventia para os terrenos pertencentes ao castelo, começaram a refletir entre si sobre o modo por que podiam prevenir do perigo em que se achavam em poder do gigante, e assentaram em erguer ali uma coluna, gravando-lhe no cimo estas palavras: Este caminho conduz ao castelo da Dúvida, propriedade do gigante Desespero, que menospreza o Rei do país celestial e busca destruir os seus santos peregrinos.

Esta prevenção aproveitou a muitos que chegaram mais tarde àquele sítio, e que, lendo o letreiro, puderam evitar o perigo.

E depois de erigida a coluna, entoaram um hino, que se compunha, pouco mais ou menos, das seguintes palavras: Que terrível situação a nossa, quando saíamos do caminho direito; então conhecemos o que é pisar terreno vedado! Vós que nos seguis nesta peregrinação, estai vigilantes, aprendei do nosso exemplo, e fugi sempre de entrar no

castelo da Dúvida, porque caireis nas mãos do terrível gigante Desespero.

Capítulo XVI

Os peregrinos são hospedados pelos pastores das montanhas das Delícias

Caminhando, chegaram os nossos peregrinos, finalmente às montanhas das Delícias. Subiram-nas para contemplarem o jardim, as vinhas e as fontes: beberam, lavaram-de e comeram livremente do fruto da vida No cimo das montanhas havia pastores que apascentavam os rebanhos, e naquela ocasião estavam a pequena distância do caminho. Os peregrinos acercaram-se deles, e, apoiados aos seus bordões (como fazem os viajantes cansados quando param a falar com alguém no caminho), perguntaram-lhes a quem pertenciam aquelas montanhas das Delícias e os gados que ali pastavam.

Pastores – Estas montanhas são do país de Emanuel, e daqui avista-se a Cidade Celestial; também são dele as ovelhas, pelas quais deu a sua vida.

Cristão – É este caminho que conduz à Cidade Celestial?
Pastores – É efetivamente este.

Cristão – Que distância há ainda daqui à cidade?

Pastores – Grande para os que nunca hão de chegar, mas muito pequena para os perseverantes.

Cristão – O caminho é perigoso ou seguro?

Pastores – É seguro para aqueles para quem deve ser, mas os transgressores cairão nele (Oséias 14:9).

Cristão – Há aqui algum alívio para os peregrinos que chegam cansados e desfalecidos?

Pastores – O Senhor destas montanhas sempre nos tem encarecido o dever da hospitalidade; portanto, está à vossa disposição tudo o que há de bom (Hebreus 13:2).

Vi então no meu sonho que, inteirados os pastores de quem eram aqueles peregrinos, fizeram algumas perguntas acerca do seu país natal, da sua entrada no bom caminho e da perseverança em segui-lo, porque são muito poucos os que chegaram, na sua viagem, a estas montanhas; e, quando ouviram as satisfatórias respostas dos peregrinos, deram-lhes o maior agasalho e fizeram-lhes a melhor recepção.

Os pastores chamavam-se Ciência, Experiência, Vigilância e Sinceridade. Tomaram os peregrinos pelas mãos e introduziram-nos nas suas tendas.

Permanecereis conosco algum tempo, disseram os pastores, para que nos conheçamos bem e vos consoleis com as delícias destas montanhas.

Com o maior prazer, responderam os peregrinos, e alojaram-se por aquela noite, por ser já tarde e haver declinado o dia.

Na manhã seguinte, convidaram Cristão e Esperança para darem um passeio pelas montanhas. A perspectiva que se apresentava aos olhos dos dois peregrinos era sobremodo maravilhosa. Não ficou, porém, nisso o bom agasalho dos pastores. Combinaram mostrar-lhes algumas maravilhas, e levaram-nos, em primeiro lugar, ao cimo do monte chamado Erro, cuja vertente era muito íngreme do lado

oposto; dali, viam-se, no fundo do vale, muitos corpos de pessoas que, tendo-se despenhado daquela altura, haviam sido completamente despedaçados.

Cristão – Que significa isto?

Pastores – Não tendes ouvido falar daqueles que se extraviaram por terem prestado ouvidos ao que diziam Himeneu e Fileto acerca da ressurreição do corpo? (II Timóteo 2:17-18). Pois esses que vedes lá em baixo são os tais, e não têm sido sepultados até hoje para exemplo dos demais, e para não subirmos muito alto, ou para não nos aproximarmos demasiadamente da borda deste vale. Conduziram-nos depois ao cume doutra montanha, cujo nome era Cautela, e fizeram-nos olhar para longe, mostrando-lhes alguns homens que andavam, para cima e para baixo, entre os sepulcros que ali havia.

Aqueles homens eram cegos, porque tropeçavam nos sepulcros e não podiam sair de entre eles.

Cristão – E isto o que quer dizer?

Pastores – Não vedes, um pouco mais abaixo, uma ponte que dá para um prado à esquerda do caminho? Daquela ponte vai um caminho diretamente ao castelo da Dúvida, propriedade do gigante Desespero. Esses homens que além vedes vieram uma vez em peregrinação como vós fazeis agora, até chegarem à ponte; e, como o caminho direito lhes pareceu áspero naquele sítio, combinaram deixá-lo e seguir pelo prado, onde foram apanhados pelo gigante Desespero, que os encerrou no castelo da Dúvida. Depois de os ter no calabouço por alguns dias, tirou-lhes os olhos e conduziu-os àqueles sepulcros, onde ficaram até o dia de hoje.

“O homem que se extravia do caminho da sabedoria virá parar na companhia dos mortos” (Provérbios 21:16). Cristão e Esperança trocaram um olhar, com olhos lacrimosos, mas nada disseram aos pastores.

Levaram-nos em seguida a outro sítio, no fundo do vale. Havia ali, na fralda da montanha, uma porta, que abriram. Olhai para dentro, disseram eles. Os peregrinos olharam, e viram que o interior estava muito escuro e cheio de fumo; também lhes pareceu que ouviram um ruído atroador como de fogo, e gritos como de quem está sofrendo tormentos.

Saía dali um pronunciado cheiro a enxofre.

Cristão – Isto é um postigo do inferno, para onde entram os hipócritas que, como Esaú, vendem a sua primogenitura; que, como Judas, vendem o seu Mestre; que blasfemam do Evangelho como Alexandre; que fingem e mentem como Ananias e sua mulher.

Esperança – Pelo que vejo, esses desgraçados tiveram todos os sinais dos peregrinos, como nós, não é verdade?

Pastores – Tiveram, sim. E alguns por muito tempo.

Esperança – Até onde tinham chegado na sua peregrinação, quando tão miseravelmente se perderam?

Pastores – Uns tinham chegado a estas montanhas, e outros mais além.

Disseram então os peregrinos entre si: - “É preciso chamarmos Aquele que é poderoso, para lhe pedirmos forças.”

Esperança – E preciso também vos será empregá-las, se as receberdes.

Os peregrinos mostraram então desejo de prosseguirem no seu caminho, no que os pastores convieram, indo acompanhá-los até ao limite das montanhas. Disseram então os pastores: - Agora vamos mostrar a estes peregrinos a porta da Cidade Celestial, se souberem vê-la pelo nosso óculo.

Com efeito, faziam diligência para ver mas a recordação do que haviam visto anteriormente faziam-lhes tremer a mão, a ponto de não poderem aplicar o óculo. Apesar disto, pareceu-lhes que enxergavam a porta, e alguma coisa de glória daquele lugar. Com isto despediram-se, e foram cantando pelo caminho: Misteriosos segredos nos ensinaram os pastores; graças lhes sejam dadas! Venham, venham a estes pastores os que desejam saber coisas profundas, ocultas e misteriosas.

À despedida, um dos pastores indicou-lhe o caminho que deviam seguir; outro intimou-os a estarem prevenidos contra o Adulador; o terceiro aconselhou-os a não dormirem no terreno encantado e o quarto desejou-lhes boa viagem na companhia do Senhor. Então acordei eu do meu sonho.

Capítulo XVII

Conversa com Ignorância; situação terrível de Volta-Atrás; roubo de Pouca-Fé. Cristão e Esperança caem em poder do Adulador

E de novo adormeci e tornei a sonhar. Vi os dois peregrinos descendo das montanhas pelo caminho da cidade.

Mais abaixo das montanhas há um país chamado das Idéias Fantásticas, do qual sai, para a estrada por onde iam os peregrinos, um tortuoso atalho. Encontraram aí um jovem, meio idiota, que vinha do tal país. Chamava-se Ignorância. Perguntando-lhe Cristão donde e para onde se dirigia, respondeu:

Ignorância – Sou natural daquele país que fica à mão esquerda, e vou à Cidade Celestial.

Cristão – E como crês tu que podes lá entrar? Olha que é possível que encontres alguma dificuldade à porta.

Ignorância – Eu hei de entrar do mesmo modo que entram outras pessoas de bem.

Cristão – O que podes tu apresentar, para que te franqueiem a entrada?

Ignorância – Conheço a vontade do meu Senhor, e tenho vivido honradamente; dou a cada um o que lhe pertence, rezo, jejuo, pago dízimos, dou esmolas, e abandonei a minha pátria para me dirigir à Cidade Celestial.

Cristão – Mas tu não entraste pela porta que está no princípio desta entrada. Seguiste pela vereda tortuosa, e por isso, temo que, por melhor idéia que de ti formes, no dia das contas, quando fores a entrar na cidade, te acusem de ladrão e roubador.

Ignorância – Meus senhores, sois inteiramente estranhos para mim, e não vos conheço. Segui vós a religião do

vosso país, que eu irei seguindo a do meu, e espero que todos sairemos bem.

Quanto à porta de que me falais, todo o mundo sabe que fica muito longe do nosso país, e não creio que haja em todo ele quem conheça o caminho que a ela conduz. Nem com isso devemos importar-nos, pois temos, como vêdes, um atalho fresco e agradável que vem dar a esta estrada. Cristão vendo este homem que assim se tinha por sábio, disse em voz baixa a Esperança: “Maior esperança há para o tolo do que para este”(Prov. 26:12); e acrescentou: “Falta-lhe o entendimento, e diz a todos que é tolo” (Ecl. 10:3). Que dizes? Vamos conversando com ele, ou apressemo-nos e deixemo-lo para meditar no que lhe dissemos, esperando logo por ele, para ver se, pouco a pouco, é possível fazer-lhe algum bem?

Esperança – Sou do mesmo parecer; não acho bom dizer-lhe tudo de uma vez; deixemo-lo só por agora, e logo tornaremos a falar-lhe, quando se nos oferecer ocasião. Adiantaram-se, pois, e Ignorância foi caminhando um pouco mais atrás. Pouco tinham andado, quando chegaram a um sítio muito estreito e escuro, onde encontraram um homem atado com grossas cordas por sete demônios que outra vez o conduziam para o postigo que tinham visto na fralda da montanha.

Um grande temor se apoderou dos nossos peregrinos, ao presenciarem tal espetáculo. Apesar disso, quando os demônios passaram com o homem, Cristão olhou-o com atenção, para ver se o conhecia, por lhe parecer que fosse um tal Volta-Atrás que vivia na cidade da Apostasia; mas não pôde ver-lhe as feições porque levava o rosto baixo, como um ladrão que acaba de ser surpreendido. Depois de

ter passado, viu Esperança que ele levava um letreiro nas costas, que dizia: Cristão licenciado, e maldito apóstata. Cristão disse então para seu companheiro:

Vou agora contar uma história que me narravam, com referência a um homem destes sítios. Chamava-se ele Pouca-Fé, mas era homem muito respeitável e vivia na cidade da Sinceridade.

Junto à entrada da estreita passagem que vamos atravessando, desemboca uma vereda que vem da porta do caminho largo, a qual tem por nome Vereda-dos-Mortos, por causa dos muitos assassinatos que nela se cometem. Ora, o tal Pouca-Fé, vindo em peregrinação, como agora vamos, assentou-se casualmente neste lugar, e adormeceu. Naquela ocasião desciam a vereda que vem do caminho largo três vilões afamados, Covardia, Desconfiança e Culpa, todos irmãos, os quais, descobrindo Pouca-Fé adormecido, deitaram a correr para ele. Neste momento acordava o infeliz peregrino, e dispunha-se a continuar sua viagem.

Logo que os três se acercaram dele, intimaram-no a parar com modos ameaçadores. Pouca-Fé empalideceu e não teve forças para lutar nem para fugir. Nisto exclamou Covardia: Entrega-nos a tua bolsa. E, como o peregrino se demorasse em satisfazer esta ordem(porque lhe pesava perder o seu dinheiro), correu para ele Desconfiança, que lhe meteu a mão na algibeira, tirando uma pequena bolsa cheia de prata. Pouca-fé gritou em altos brados que o roubavam, mas Culpa, que tinha na mão um formidável cacete, descarregou-lhe tão tremendo golpe na cabeça que o prostrou no chão, onde ficou vertendo torrentes de sangue.

Os ladrões achavam-se em volta de sua vítima, mas, de repente sentindo passos de alguém que se aproximava e temendo que fosse um tal Grande-Graça, da cidade de Boa Esperança fugiram a toda pressa, deixando o pobre homem abandonado.

Esperança - E levaram tudo que ele trazia de valor?

Cristão - Não. Faltou-lhes revistar o lugar em que trazia escondidas suas jóias, mas, segundo me contaram, o pobre homem sentiu muito o roubo que lhe fizeram, porque os ladrões levaram-lhe quase todo dinheiro que trazia para as despesas ordinárias. É verdade que ainda lhe ficaram algumas moedas miúdas mas essas não chegavam para os gastos da viagem. Mais: Disseram-me que se viu obrigado a mendigar para poder viver, pois não lhe era permitido desfazer-se das suas jóias.Porém, apesar de pedir esmolas, continuou a caminhar, quase sempre com o ventre vazio (I Ped. 1:18).

Esperança - Acho muito estranho que não lhe tirassem o pergaminho mediante o qual devia ser franqueada a entrada na Cidade Celestial.

Cristão - É realmente estranho, mas se não lho tiraram, não foi isso devido à sua habilidade, pois ficou tão aterrado com o ataque dos três facínoras que não teve forças nem artes para ocultar coisa alguma. Deveu mais à providência do que aos próprios esforços a fortuna de ficar de posse de tão apreciável documento.

Esperança - Grande consolação devia sentir, ao ver que não lhe haviam arrebatado essa preciosidade.

Cristão - Poderia ter-lhe sido de grande consolação, se

tivesse aproveitado dela como devia. Mas, pelo que me contaram, fez muito pouco uso dela, nas várias circunstâncias em que se encontrou, por causa do grande susto que recebeu quando lhe roubaram o dinheiro. Esqueceu-se do precioso pergaminho durante a maior parte da sua viagem, e, se alguma vez se lembrava dele e esta recordação começava a consolá-lo, logo a idéia da perda que sofrera lhe acudia à memória, enlutando a sua alma e tirando-lhe toda a paz.

Esperança - Coitado, deve ter sofrido muito.

Cristão - Se deve! E não teria sofrido qualquer de nós se tivesse sido tratado como ele foi, roubado e ferido num lugar ermo? O que me admira é ele ter podido sobreviver a tanto sofrimento. Contaram-me que, por todo caminho, ia soltando amargas e dolorosas queixas, contando a todos os que encontrava onde e como haviam tirado, como tinha sido ferido, e como escapara com vida a tãos grandes provações.

Esperança - Admira-me que não lhe ocorresse a idéia de empenhar algumas de suas jóias, para ter com que suprir-se no caminho.

Cristão - És extremamente ingênuo! A quem havia de empenhá-las ou vendê-las? No país onde foi roubado não se dá preço às jóias, e mesmo nenhum alívio teria encontrado naquele país. E, depois, que lhe faltassem as jóias, quando chegasse à porta da Cidade Celestial, seria excluído (o que ele bem sabia) da herança que ali se encontrara, o que por certo lhe seria mais sensível do que o ataque e os maus tratos de milhares de ladrões.

Esperança - Peço que não respondas com tamanha

aspereza às minhas perguntas. Não sejas desabrido para comigo, e ouve-me. Esaú vendeu a sua primogenitura por um prato de comida (Hebreus 12:16), e essa primogenitura era a sua jóia preciosa. Ora, se ele fez isto, por que não havia Pouca-Fé de fazer o mesmo?

Cristão - Esaú vendeu efetivamente a sua primogenitura, e a exemplo dele têm procedido muitos outros que, por esse fato, perderam a bênção maior, como aconteceu àquele desgraçado. Mas há diferença entre Esaú e Pouca-Fé, como também entre as circunstâncias dum e as doutro. A primogenitura de Esau era típica, caso que se não dava com as jóias de Pouca-Fé. Esaú não tinha outro deus que não fosse o seu ventre, não assim Pouca-Fé: a necessidade de Esaú não passava do desejo de satisfazer o apetite carnal; e a necessidade de Pouca-Fé era doutro gênero. Além do que, Esaú não se lembrava senão de satisfazer o apetite, e por isso exclamou: -Eu vou morrer; para que me serve logo a primogenitura?"Gen. 25:32). Mas Pouca-Fé, apesar de ter **pouca fé,** possuía alguma, e foi essa que obstou a que ele praticasse a extravagância de se desfazer das suas jóias, como fez Esaú, e preferisse vêlas e apreciá-las. Em parte alguma lerás que Esaú tivesse fé, por pouca que fosse, e por isso não é para admirar que aquele em que só impera a carne (o que sempre acontece com o homem que não tem fé para resistir) venda a sua primogenitura, a sua alma,e tudo quanto é, quanto tem, ao próprio demônio - porque esses homens são semelhantes à jumenta silvestre que ninguém pode deter (Jeremias 2:24). Quando os seus corações estão sujeitos às suas concupiscências, hão de satisfazê-las, custe o que custar; mas Pouca-Fé era dum temperamento muito diferente; o seu coração inclinava-se para as coisas divinas, e o seu alimento era das coisas celestiais e espirituais. Para que havia, pois, de vender as

suas jóias, caso encontrasse quem lhas comprasse, para encher o seu coração de coisas vãs? Dará alguém seu dinheiro para encher o seu ventre de palha? Poderá alguém persuadir a rola a alimentar-se de carne em putrefação como o corvo? Ainda que os infiéis, para servirem as suas concupiscências carnais hipotequem ou vendam o que são e o que possuem, todavia os que têm fé, a fé que salva, por pouca que seja, nunca poderão imitá-los. Aqui tens explicado, querido irmão, o equívoco em que estavas.

Esperança - Reconheço-o agora, mas confesso-te que a tua severa reflexão quase que me ia enfadando.

Cristão - Por que? Não fiz mais do que comparar a tua ingenuidade à dum pinto mais esperto, que deita a correr por caminhos conhecidos e desconhecidos, ainda pegado à casca. Mas vamos, desculpa isso, e tratemos do assunto que estamos discutindo.

Esperança - Eu estou persuadido, no meu coração, de que esses três malvados foram muito covardes, por fugirem quando ouviram os passos daquele que se aproximava. Por que não se armou Pouca-Fé de mais algum valor? Parece-me que deveria ter-se arriscado a combater contra eles, e que só deveria ter cedido quando não houvesse mais remédio.

Cristão - Sim, muitos lhe chamaram covarde, porém são poucos os que na hora da provação têm ânimo para se sustentarem. Grande coragem não tinha Pouca-Fé, e, pelas tuas palavras, vejo que tu, em seu lugar, só te arriscarias a um pequeno combate, cedendo logo em seguida. Na verdade, se agora, que estamos longe dos três malvados, mostras esse ânimo, receio que fossem muito diferentes os

teus pensamentos, caso esses homens te acometessem como acometeram a Pouca-Fé.

E deves considerar que eles não passavam de ladrões subalternos, servos do rei do abismo insondável, o qual rei, se fosse necessário, viria em seu auxílio, e a sua voz é como a do leão rugidor (I Pedro 5:8). Eu mesmo fui assaltado como Pouca-Fé, e sei, por experiência própria, quão rudes são esses ataques.

Os três malvados acometeram-me, tendo eu começado a resistir-lhes como bom cristão, soltaram um pequeno grito, ao qual acudiu seu amo no mesmo instante. A minha vida estaria por pouco, se não me protegesse a armadura toda a prova de que eu ia vestindo por vontade de Deus; e, ainda assim, apenas pude sair airoso do combate. Só quem se tem visto em tão duros transes os pode bem avaliar.

Esperança - É verdade. Mas, logo que supuseram que Grande-Graça se aproximava, deitaram a fugir.

Cristão - Tanto eles como seu amo têm fugido muitas vezes da simples presença de Grande-Graça, o que não é para estranhar, por ser este o campeão real; e creio que deves admitir alguma diferença entre Pouca-Fé e o campeão do rei; nem todos os súditos do rei são deus campeões, por conseguinte, nem todos podem fazer prodígios de valor na ocasião da prova. Pode, porventura, supor-se que um menino qualquer vencesse a Golias como fez Davi, ou que haja uma avezinha com a força dum touro? Uns sãos fortes, outros débeis; uns têm muita fé, outros têm pouca. Pouca-Fé era dos débeis, e por isso cedeu.

Esperança - Oxalá tivesse aparecido Grande-Graça para seu bem.

Cristão - Mas olha que o próprio Grande-Graça havia de ter tido bastante que fazer com eles; porque, apesar de manejar bem as armas, e de os conservar em respito, quando o atacam a certa distância, se é atacado de perto, isto é , se Desconfiança, Covardia e o outro logram apoderar-ser dele, não é preciso grande força para o deitarem por terra. E, quando um homem está por terra, bem sabes que pouco vale. As cicartrizes e as feridas que sulcam o rosto de Grande-Graça são boas testemunhas do que digo. E até já ouvi dizer que em certo combate ele chegou a desesperar da vida. Quantos gemidos, quantos lamentos, arrancaram estes três malvados a Davi (Salmos 88)! Heman e Ezequias, apesar de serem campeões, também precisaram empregar grandes esforços ao serem assaltados por eles, e passaram bem, maus bocados. Pedro, a quem alguns chamam o Príncipe dos apóstolos, quis provar quanto podia, mas eles o subjugaram de tal maneira que até uma pobre mulher o fez tremer.
Demais o seu rei está sempre em lugar onde pode ouví-los, e, se algum perigo os ameaça, no mesmo instante corre em seu auxílio. Desse rei dizem que - "Ainda quando uma espada o alcançar, não valerá ela contra ele, nem lança, nem couraça; porque ele reputará o ferro como as palhas, e o metal como um pau podre. Não o fará fugir homem flecheiro, as pedras da funda se tornarão em palhas. Reputará o martelo como uma aresta, e se rirá do vibrar da lança" (Jó 41:26-29). Que poderá, pois, fazer o homem em tais circunstâncias? Verdade é que se homem pudesse dispor em todas as ocasiões dum cavalo como o de Jó, e tivesse valor e perícia para o manejar, faria coisas

estupendas, porque” o fogoso respirar de suas ventas faz terror. Escava a terra com a sua unha, salta com brio, corre ao encontro dos armados, não conhece medo, nem cede à espada; sobre ele fará ruído a aljava, vibrará a lança e o escudo; arrojando espuma e relinchando, sorve a terra, e não faz caso do som da trombeta; logo que ouve a buzina, diz: Vai, cheira de longe a batalha, a exortação dos capitães e o alarido do exército” (Jó 39-20-25).

Mas, peões como tu e eu, nunca devem desejar encontrar-se com tal inimigo, nem gloriar-se de que outros foram vencidos, nem iludir-se com a própria força, porque, os que assim praticam, são em geral, os que pior se saem da prova. Pedro, de quem falei há pouco, queria vangloriar-se, sim, queria dizer, segundo lhe segredava o seu coração, que faria mais por seu Mestre, e o defenderia melhor, do que todos os outros. Quem mais humilhado e abatido pelos três malvados do que ele? Quando, pois, sabemos que na estrada real há destas ocorrências, convém que façamos o seguinte:

Sairemos armados e sem esquecer o escudo, porque pela falta deste é que o Leviatã foi vencido pelo que o atacou. Quando o monstro nos vê sem escudo, nenhum medo tem de nós. O perigo por excelência disse: “Embraçai, sobretudo, o escudo da fé, com que possais apagar todos os dardos inflamados do maligno” (Efés. 6:16).

Também é bom pedirmos ao Rei uma guarda. E ainda melhor será pedir-lhe que Ele mesmo nos acompanhe. Por causa desta companhia é que Davi andava alegre, mesmo quando estava no Vale da Sombra da Morte. Moisés antes queria morrer do que dar mais um passo sem o seu Deus (Êxo. 33:16). Ah! Meu irmão! Se Ele, nos acompanha, que

teremos a temer de dez mil que venham contra nós? (Salmos 3:5-8). Mas, sem Ele, cairão os soberbos entre os mortos (Isa. 10:4).

Eu, pela minha parte, já estive na peleja, e se ainda estou vivo, pela bondade daquele que - o sumo bem, não tenho que me gloriar do meu valor, mas estimarei não tornar a ver semelhantes encontros, ainda que receio que não estejamos, de todo, livres do perigo. E, visto que nem o leão, nem o urso me devoraram até agora, espero em Deus que nos livre de qualquer filisteu incircunciso que venha em nosso alcance.

Entretidos nestas práticas, seguiam ambos o seu caminho, precedendo Ignorância, até que chegaram a um sítio onde a estrada se bifurcava, o que, sobretudo, os embaraçou na escolha, porque ambos os caminhos que viam na sua frente lhes pareciam igualmente direitos. Detiveram-se um pouco para refletir no que deveriam fazer, e nessa ocasião aproximou-se deles um homem cuja carne era mui negra, mas coberto de vestido mui claro, o qual lhes perguntou o motivo por que estavam ali parados.

- Vamos para a Cidade Celestial, mas não sabemos por qual destes dois caminhos devemos seguir.

Vinde comigo, que eu também me dirijo para essa cidade. Assim fizeram os peregrinos, e foram seguindo o desconhecido pelo caminho que ele escolheu; mas, à medida que avançavam, notaram que descreviam uma curva e que marchavam em direção oposta à da cidade a que desejavam chegar, da qual se afastavam cada vez mais. Apesar de notarem estas circunstâncias, continuaram a andar.

Pouco tempo havia decorrido, quando, sem disso se terem apercebido, se acharam ambos presos numa rede, de que não podiam sair, ao mesmo tempo que caía o vestido branco dos ombros do homem negro. Reconheceram, então, onde se achavam, e choraram por algum tempo, por verem que não podiam livrar-se.

Cristão – Agora vejo que caímos num erro. Não nos aconselharam os pastores a precavermo-nos contra o Adulador? Experimentamos hoje, conforme diz o Sábio, que um homem que lisonjeia o seu próximo estende uma rede diante dos seus passos. (Provérbios 29:5).

Esperança – Também os pastores nos deram uma nota na direção do caminho, para termos a certeza de que não pudemos evitar os laços do destruidor. Nisto andou Davi mais acertadamente do que nós, porque disse: “Por amor às palavras de teus lábios tenho guardado caminhos penosos” (Salmos 17:4).

Assim estavam os peregrinos presos na rede quando descobriram um dos Resplandecentes, que se dirigia para eles com um açoite de pequenas cordas na mão. Quando chegou junto deles, perguntou-lhes donde vinham e que faziam ali.Responderam-lhe que eram uns pobres peregrinos que iam em caminho de Sião, mas que um negro, vestido de branco, os fizera extraviarem-se, dizendo-lhes que o seguisse, “porque também ia para aquela cidade”. Então o do açoite replicou-lhes: - Esse era Adulador, falso apóstolo, transformado em anjo de luz. (Daniel 11:32; II Coríntios 11:13-14). Em seguida rompeu a rede, e, deixando-os soltos, disse-lhes: - Segui-me, que eu vos porei outra vez no caminho. E assim os conduziu de novo ao caminho que tinham deixado para seguirem

Adulador. Contaram então ao Resplandecente que na noite anterior tinham estado nas montanhas das Delícias que os pastores lhes haviam dado um guia para o caminho, mas que, por esquecimento, não o tinham lido, e, finalmente, que tinham sido prevenidos contra o Adulador, mas que não julgavam ser aquele que tinham encontrado (Romanos 16:17-18).

Vi então no meu sonho que o Resplandecente os mandou deitar, e os castigou severamente, para lhes ensinar o bom caminho que nunca deviam ter deixado (Deuteronômio 25:2; II Crônicas 6:27), e, enquanto os castigava, dizia: - "Eu, aos que amo, repreendo e castigo. Armai-vos pois, de zelo e arrependei-vos." (Apocalipse 3:19). Feito isto, mandou-os continuar o caminho, recomendando-lhes muito que obedecessem às outras direções dos pastores, o que os dois peregrinos muito agradeceram, e continuaram a sua marcha pelo caminho direito, procurando não esquecer a severa lição que acabavam de receber, e dando graças ao Senhor, que usara com eles de tamanha misericórdia.

Capítulo XVIII

Os peregrinos encontram Ateu, a quem resistem com as doutrinas da Bíblia. Passam pela Terra Encantada, imagem da corrupção deste mundo, em tempos de sossego e prosperidade. Meios por que se livraram dela. Vigilância. Meditação e oração

Poucos passos haviam dado, quando avistaram um homem que avançava em direção a eles. Cristão, ao vê-lo, disse para Esperança:

Cristão - Além vejo um homem que vem ao nosso encontro voltando as costas à cidade de Sião.

Esperança - Bem o vejo; estamos apercebidos, não seja ele outro adulador.

Tendo chegado junto deles, Ateu (assim se chamava o recém-chegado), perguntou-lhes para onde se dirigiam.

Cristão - Para o Monte Sião. (Ateu soltou uma estrepitosa gargalhada).

Cristão - Por que te ris?

Ateu - Rio-me por ver quanto sois ignorantes, empreendendo uma viagem tão incômoda, quando a única recompensa com que podeis contar é o vosso trabalho e o enfado da viagem.

Cristão - Então te parece que não nos receberão lá?

Ateu - Lá onde? Acaso há neste mundo o lugar com que sonhais?

Cristão - Não há neste mundo, mas há no outro
Ateu - Quando eu estava em casa, no meu país, ouvi falar nisso que dizeis, e saí em sua procura. Há vinte anos que ando em busca desses lugares, mas nunca os encontrei (Eclesiastes 10:13-15).

Cristão - Pois nós ouvimos e cremos que esses lugares existem, e que poderemos achá-los.

Ateu - Se eu não tivesse também acreditado, não teria ido tão longe em sua procura; mas, como não o encontrei (e, se esse lugar existisse, por certo o teria encontrado, pois o

tenho procurado mais do que vós), volto para casa, e verei se posso agora consolar-me com as coisas que então pus de parte, esperançado como estava, no que, como atualmente creio, existe.

Cristão - (a Esperança) - Será verdade o que este homem diz?

Esperança - Muito sentido! Este é outro Adulador. Recorda-te do que já nos custou, uma vez, prestar ouvidos a gente desta. Pois não há de haver monte de Sião?! Não avistamos nós, das montanhas das Delícias, a porta da cidade? E não devemos, além de tudo isso, andar segundo a fé? (II Cor. 5:7). Vamos; não aconteça que outra vez caia sobre nós o açoite. Não esqueçamos aquela importante lição de que devias lembrar: Não cesseis, filhos, de ouvir a doutrina, nem ignoreis a palavra da ciência; (Prov. 19:27).

Cristão - Querido irmão, não fiz esta pergunta porque duvidasse da veracidade da nossa crença, mas sim para te experimentar e para tirar uma prova da sinceridade do teu coração. Pelo que respeita a este homem, bem sei que está cego pelo deus do presente século; continuemos, pois, o nosso caminho, certos de que possuímos a crença da verdade, da qual não pode vir nenhuma mentira (I João 2:21).

Esperança - Agora regozijo-me na esperança da glória de Deus.

E afastaram-se daquele homem, que, rindo-se deles, seguiu o seu caminho.

Vi, então no meu sonho, que foram andando até chegarem

a um certo país, cuja atmosfera torna sonolentos todos os estrangeiros.

Esperança começou a experimentar os efeitos do novo ar que respirava, e, sentindo-se muito pesado e com muito sono, disse para Cristão:

Esperança - Estou com tanto sono que mal posso ter os olhos abertos. Deitemo-nos, pois, um pouco, e durmamos. **Cristão -** Nem falemos nisso. Olha que podemos adormecer e não tornarmos a acordar.

Esperança - Então, por que? Irmão, o sono é doce para quem trabalha! Se dormirmos um bocado, levantar-nos-emos refrigerados.

Cristão - Não te lembras de que um dos pastores nos disse que devíamos tomar cuidado com a Terra Encantada? Neste conselho queria dizer-nos que nos abstivéssemos de dormir. Não durmamos , pois, mas velemos e sejamos sóbrios (I Tessalonicenses 5:6)

Esperança - Reconheço o meu erro e vejo que, se estivesse só, teria corrido o perigo de morrer. Bem dizia o Sábio: Melhor é estarem dois juntos do que estar um só; (Eclesiastes 4:9).

A tua companhia tem sido um bem para mim, o que já é uma boa recompensa para o meu trabalho.

Cristão - Então, para não adormecermos, comecemos um bom discurso.

Esperança - Da melhor boa vontade.

Cristão - Por onde começamos?

Esperança - Por onde Deus começou para conosco. Faze tu o favor de principiar.

Cristão - Vou então fazer-te uma pergunta: Como chegaste a pensar em fazeres o que estás fazendo agora?

Esperança - Quereis dizer, como cheguei a pensar no bem da minha alma?

Cristão - Sim, era essa a minha intenção.

Esperança - Havia já muito tempo que eu me deleitava no gozo das coisas que se viam e se vendiam na nossa feira, coisas que, segundo creio agora, me teriam sepultado na perdição e na destruição se tivesse continuado a praticá-las.

Cristão - E que coisas eram essas?

Esperança - Eram os tesouros e riquezas deste mundo. Também me deleitava muito o bulício, a embriaguez, a maledicência, a luxúria, a infração do dia do Senhor, e muitas outras coisas que todas tendiam à destruição da minha alma. Mas, por fim, ouvindo e considerando as coisas divinas, de que tu me falaste, do nosso bom e querido Fiel, que morreu, por sua fé e vida exemplar, na feira da Vaidade, vim a concluir que o fim de todas as coisas é a morte (Romanos 6:21-23) e que, por meio delas vem a ira de Deus sobre os filhos da desobediência (Efésios 5:6).

Cristão - E ficaste logo nessa íntima convicção?

Esperança - Não, não quis conhecer desde logo a maldade do pecado, nem a condenação que se lhe segue:

diligenciei, antes, quando meu espírito começava a comover-se com a palavra, fechar os olhos à luz.

Cristão - Mas para que resistias, desse modo, aos primeiros esforços do Espírito de Deus?

Esperança - Por estas coisas: 1.ª) Ignorava que aquela era a obra de Deus em mim. Nunca pensei que Deus começasse a conversão dum pecador pela convicção do pecado; 2.ª) O pecado era ainda muito agradável à minha carne, e eu sentia muito o ter de abandoná-lo; 3.ª) Não pude despedir-me dos meus amigos e companheiros cuja presença e cujas ações tanto me alegravam; 4.ª) Eram tão incômodas e tão cheias de terror as horas em que sofria por estas convicções que o meu coração não podia suportar, nem sequer a lembrança delas.

Cristão - Queres dizer que algumas vezes pudeste desembararçar-te desse incômodo?

Esperança - Sim, mas nunca me desembaraçava de todo; de modo que tornava a ficar tão mal ou pior do que dantes.

Cristão - E o que era que, outra vez, te trazia à memória os teus pecados?

Esperança - Diferentes coisas. Por exemplo: simplesmente o encontrar na rua um homem bom; ouvir alguma leitura da Bíblia; uma simples dor de cabeça; saber que algum vizinho estava doente, ou ouvir tocar a defuntos; pensar na morte; ouvir falar de uma morte repentina, ou presenciá-la; mas , especialmente pensar no meu próprio estado, em que devia comparecer em juízo mui brevemente.

Cristão - E pudeste sentir, alguma vez, alívio ao peso dos teus pecados, quando te ocorriam esses pensamentos?

Esperança - Pelo contrário tomava esta posição mais firme na minha consciência, e só pensar que havia de voltar ao pecado (ainda que o meu coração estivesse inclinado para ele) era para mim um duplo tormento.

Cristão - E que fazias então?

Esperança - Pensava que devia fazer esforços para emendar a minha vida, porque doutra sorte era inevitável a minha condenação.

Cristão - Não fizeste esses esforços?

Esperança - Sim, e tornava a fugir, não só dos meus pecados, mas também dos meus companheiros de pecado; ocupava-me em práticas religiosas, tais como orar, ler, chorar meus pecados, falar na verdade a meus vizinhos, etc. Isto fazia, e muitas outras coisas que seria fastidioso e difícil enumerar.

Cristão - Já te julgavas bom, por procederes desse modo?

Esperança - Sim, mas por pouco tempo; muito depressa tornava a prostrar-me a minha aflição, apesar de toda a minha reforma.

Cristão - Mas como, se já estavas reformado?

Esperança - Por várias razões. Lembrava-me de palavra como estas: Todas as nossas justiças são como um pano imundo; (Isaías 64:6); Pelas obras da lei não será justificada toda carne;(Gálatas 2:16); Depois de terdes feito o que vos foi mandado, dizei: somos uns servos

inúteis; (Lucas 17:10); e outras do mesmo estilo. Depois punha-me a discorrer deste modo. Se todas as minhas obras de justiça são trapos imundos, se pelas obras da lei ninguém pode ser justificado, e, depois de termos feito tudo quanto nos foi mandado, somos uns servos inúteis , é loucura querer chegar ao céu pela lei. E continuava a pensar: e um homem contraiu uma dívida com certo negociante, ainda que dali em diante pague de pronto tudo quanto comprar, a sua antiga dívida continua a existir no livro de conta corrente, e, mais dia, menos dia, pode o negociante vir a demandá-lo por ela e fazê-lo prender até ser embolsado.

Cristão - E como aplicaste este raciocínio a ti mesmo?

Esperança - Pensei desta maneira. Por meus pecados, contraí uma grande dívida para com Deus, e minha atual reforma não poderá liquidar aquela conta; de modo que, apesar de todas as minhas emendas, tenho de pensar constantemente na reforma por que hei de livrar-me da condenação em que incorri por minhas transgressões anteriores.

Cristão - Esse raciocínio era verdadeiro. Continua.

Esperança - Outra coisa das que mais me afligem, desde a minha recente reforma, é a idéia de que, se me ponho a examinar minuciosamente as minhas ações, ainda as mais louváveis, sempre descubro pecado novo, pecado de envolta com tudo quanto posso de fazer melhor, de modo que me vejo obrigado a supor que, apesar das idéias falsas que outrora formava de mim e dos meus deveres, cometo em cada dia pecados bastantes para ser condenado ao inferno, ainda que a minha anterior fossem sem mácula. E que fiz? Não sabia o que havia de fazer, até que abri o meu

coração a Fiel, a quem muito bem conhecia, e ele disse-me que só com a justiça dum homem que nunca tivesse pecado, me poderia salvar; nem a minha justiça, nem a de todo o mundo, era suficiente para isso.

Cristão - E pareceu-te verdade o que Fiel te dizia?

Esperança - Se mo tivessem dito quando estava contente e satisfeito das minhas próprias reformas, ter-lhe-ia chamado néscio; mas, agora que reconheço a minha fraqueza, e que vejo o pecado misturado com as minhas melhores ações, vejo-me obrigado a ser da sua opinião.

Cristão - Mas, quando ele te fez conhecer essa opinião pela primeira vez, julgaste possível encontrar-se um homem de quem se pudesse dizer que nunca havia pecado?

Esperança - Devo confessar-te que, a princípio, pareceram-me muito estranhas as suas palavras; porém, depois de mais alguma conversação e de mais íntimo trato com ele, convenci-me plenamente do que dizia.

Cristão - E perguntaste-lhe quem era esse homem, e como havias de ser justificado por ele?

Esperança - Seguramente, e ele respondeu-me: É o Senhor Jesus Cristo, que está à mão direita do Altíssimo (Hebreus 10:12 e 21). E acrescentou: - Hás de ser justificado por Ele, confiando tu no que Ele próprio fez nos dias da sua carne, e no que sofreu quando estava pregado no madeiro (Romanos 4:5; Colossences 1:14; I Pedro 1:19). Perguntei-lhe mais como podia ser que a justiça daquele homem tivesse eficácia para justificar outrem, diante de Deus, e ele disse-me que o homem de

quem tratava era o Deus poderoso, e que tudo quanto fez e a morte que padeceu, não foram para Ele, mas para mim, a quem seriam imputadas as suas obras e todo o seu valor, se Nele cresse.

Cristão - E que fizeste depois?

Esperança - Fiz objeções contra essas doutrinas, por me parecer que o Senhor não estava disposto a salvar-me.

Cristão - E que te disse Fiel?

Esperança - Disse-me que me dirigisse a Ele, e me convenceria do contrário. Objetei-lhe que isso seria presunção da minha parte, mas Fiel desfez a objeção, recordando-me o que Jesus ditara: - Vinde a mim todos os que estais cansados e oprimidos e eu vos aliviarei. E nisto deu-me um livro, para me animar a dirigir-me com mais liberdade, acrescentando que cada jota e cada til estavam mais firmes naquele livro do que o céu e a Terra (Mateus 24:35). Perguntei-lhe então o que devia eu fazer para me aproximar dele, e ensinou-me que devia invocá-lo de joelhos (Daniel 6:10), que devia rogar ao Pai, de todo o coração e toda a alma (Jeremias 29:12-13), que me revelasse Seu Filho. Tornei a perguntar-lhe como deveria eu fazer as minhas rogativas, e disse-me: “Olha, e ve-lo-ás assentado num propiciatório, onde permanece todo o ano para perdoar e remir os que se aproximam”, (Êxodo 25:22; Levítico 16:2; Números 7:8-9; Hebreus 4:16). Expus-lhe que não sabia o que havia de dizer quando me apresentasse na sua presença, e Fiel recomendou-me que lhe falasse, pouco mais ou menos, nestes termos: - “Ó Deus, sê propício a mim, pecador. Faze-me conhecer a Jesus Cristo, e crer nele, porque reconheço que, se não existisse a Sua justiça, ou se não tivesse confiado nela,

estaria irremediavelmente perdido. Senhor, ouvi dizer que és um Deus misericordioso, e que deste Jesus Cristo, teu Filho, como Salvador, ao mundo, e que estás disposto a concedê-lo a um pobre pecador como eu, que, na verdade, sou pecador. Senhor, aproveita esta ocasião, e manifesta a tua graça na salvação da minha alma, mediante Jesus Cristo, teu Filho. Amém.”

Cristão - E fizeste assim?

Esperança - Uma e muitas vezes.

Cristão - E o Pai revelou-te Seu Filho?

Esperança - Não; nem à primeira, nem à segunda, nem à terceira, nem à quarta, nem à quinta, nem à sexta vez.

Cristão - E como procedeste ao ver semelhante coisa?
Esperança - Não sabia que deliberação tomar.

Cristão - Não estiveste tentando abandonar a oração?
Esperança - Estive duzentas vezes.

Cristão - E por que o fizeste?

Esperança - Porque cria ser verdade o que Fiel me dissera, isto é, que sem a justiça deste Cristo, nem todo o mundo teria poder para me salvar. Portanto, raciocinava assim comigo mesmo: - Se o deixo, morro, e então prefiro morrer ao pé do trono da graça. Além disto, vinham-me à memória estas palavras: "Se se demorar, espera-o; porque sem falta virá e não tardará." (Hebreus 2:3).
Prossegui depois em oração até que o Pai me revelasse Seu Filho.

Cristão - E como te foi revelado?

Esperança – Não o vi com os olhos do corpo, mas com os do entendimento (Efésios 1:18-19). Foi assim: Certo dia estava eu tristíssimo, mais triste, me parece, do que jamais estivera em tempo algum, sendo causada esta tristeza por uma nova revelação da magnitude e vileza dos meus pecados, e, quando eu não esperava senão o inferno e a eterna condenação da minha alma, pareceu-me ver, de repente, o Senhor Jesus, olhando-me do céu, e dizendo-me: "Crê no Senhor Jesus Cristo, e serás salvo." (Atos 16:31). Mas Senhor, repliquei eu, sou um grande pecador, muito grande; e Ele respondeu-me: "Basta-te a minha graça." (II Coríntios 12:9). Tornei-lhe eu: Mas o que é **crer** ? E reconheci, por aquelas palavras, "O que vem a mim nunca terá fome, e o que crê em mim nunca terá sede." (João 6:35), que **crer** e **ir** era tudo a mesma coisa, e que aquele que vai, isto é, aquele que corre em seu coração e em seus afetos, pela salvação de Cristo, é o que realmente crê em Cristo. Umedeceram-se os meus olhos de lágrimas, e continuei a perguntar: - Mas, Senhor, pode na verdade um pecador tão grande como eu sou, ser aceito e salvo por Ti? E Ele respondeu: "Aquele que vem a mim, de modo nenhum o lançarei fora." (João 6:37). E eu disse: - Mas, Senhor, que idéia hei de eu fazer a teu respeito, ao chegar-me a ti, para que a minha fé seja perfeita? E Ele me disse: "Jesus Cristo veio ao mundo para salvar aos pecadores." (I Timóteo 1:15). Donde concluí que devo achar a justiça em sua pessoa, e a paga dos meus pecados no seu sangue; que o que Ele fez, obedecendo à lei de Seu Pai, e submetendo-se à penalidade dessa lei, só o fez por aqueles que aceitam a sua salvação e lhe agradecem. Então, o meu coração encheu-se de alegria, os meus olhos de lágrimas, e os meu afetos expandiram-se em amor ao nome, ao povo e aos caminhos de Jesus Cristo.

Cristão - Isso foi, na verdade, uma revelação de Cristo à tua alma. Dize-me, agora, quais os efeitos que produziu no teu espírito.

Esperança – Fez-me ver que todo mundo, apesar de toda a própria justiça, existe em estado de condenação; que Deus Pai, posto que seja justo, pode justificar, com justiça, o pecador que a Ele vem; fez-me envergonhar da minha vida anterior, e humilhou-me, fazendo conhecer e sentir a minha própria ignorância, porque até então nunca viera ao meu coração um único pensamento, que de tal modo houvesse revelado a formosura de Jesus Cristo; fez-me desejar uma vida santa, e anelar por fazer mais alguma coisa para honra e glória do nome do Senhor; chegou a parecer-me que, se tivesse mil vidas, de bom grado as perderia por amor de Jesus!

Capítulo XIX

Os peregrinos tornam a falar com Ignorância, e vêem nas suas palavras a linguagem dum cristão que só o é no nome. Conversação que depois tiveram a respeito de Temporário

Quando Esperança terminou o raciocínio que acabamos de referir, olhou para trás e, vendo Ignorância, que os seguia, disse a Cristão:

Esperança - Aquele rapaz não parece ter muito desejo de nos alcançar.

Cristão - Bem vejo. A nossa companhia, por certo, não lhe agrada.

Esperança - Também sou dessa opinião. No entanto, esperemo-lo.

E assim fizeram. Logo que o mancebo se aproximou, perguntou-lhe Cristão por que motivo viera tão devagar.

Ignorância - Gosto muito de andar só, principalmente quando a companhia não me agrada.

Cristão - (*Ao ouvido de Esperança*) : Não te disse eu que ele não gostava da nossa companhia? (*Alto, a Ignorância*): Vamos, achega-te para nós e empreguemos o tempo numa conversação proveitosa. Dize-me como estás, como estão tuas relações entre Deus e a tua alma.

Ignorância - Suponho que o melhor possível. Estou sempre cheio de bons pensamentos, que me acodem à mente para me consolarem na minha peregrinação.

Cristão - E quais são esses pensamentos?

Ignorância - Penso em Deus e no céu.

Cristão - Também os demônios e as almas condenadas pensam como tu!

Ignorância - Mas eu medito nestes pensamentos e tenho desejo de realizá-los **.**

Cristão - Também assim fazem muitos que não têm probabilidade alguma de chegar a Deus nem ao céu. A alma do preguiçoso deseja e nada alcança (Prov. 13:4) **.**

Ignorância- Mas eu penso nestas coisas e tudo deixo por elas.

Cristão - Duvido muito, porque isso de abandonar tudo é coisa muito mais difícil do que muitos julgam. Dize-me porém: em que te fundas para pensar que abandonaste tudo por Deus e pelo céu?

Ignorância - É o meu coração que mo assegura.

Cristão - Diz o sábio que quem confia no seu coração é um néscio (Provérbios 28:26).

Ignorância - Isto é quando o coração é mau: o meu, porém é bom.

Cristão - E como podes prová-lo?

Ignorância - Consolo-me com esperanças do céu.
Cristão - Isso também pode ser enganoso: porque o coração pode consolar-nos com a esperança daquilo mesmo que nenhum fundamento tem para esperar.

Ignorância - Mas o meu coração e a minha vida harmonizam-se perfeitamente, e por isso julgo a minha esperança bem fundamentada.

Cristão - Quem te disse que o teu coração e a tua vida estavam em harmonia?

Ignorância - O meu coração.

Cristão - O teu coração! Se a palavra de Deus não der testemunho a esse respeito, qualquer outro testemunho é destituído de valor.

Ignorância - Então não é bom o coração que tem bons sentimentos? Não é boa a vida que está de acordo com os mandamentos de Deus?

Cristão - É verdade: é bom o coração que tens bons pensamentos, e é boa a vida que está em harmonia com os mandamentos de Deus: mas deves notar que uma coisa é tê-los e outra julgar que os temos.

Ignorância - Ora dize-me: o que entendes tu por bons pensamentos e por conformidade de vida com os mandamentos de Deus?

Cristão - Há diferentes espécies de bons pensamentos: uns a respeito de nós mesmos, outros a respeito de Deus e outros a respeito de outras coisas.

Ignorância - Quais são os bons pensamentos a respeito de nós mesmos?

Cristão - Os que estão em conformidade com a palavra de Deus.

Ignorância : Quando estão em conformidade com a palavra de Deus os nossos pensamentos a respeito de nós mesmos?
Cristão - Quando julgamos de nós o mesmo que julga essa palavra. Eu me explico melhor. Diz a palavra de Deus, falando dos que se encontram num estado natural, que não há nem um só justo, nem há quem faça o bem. Diz mais que todo o fim dos pensamentos do coração do homem é somente o mal (Gênesis 8:21).

Ora, quando assim pensamos a respeito de nós mesmos, e assim verdadeiramente sentimos, são bons os nossos pensamentos, porque estão em harmonia com a palavra de Deus.

Ignorância - Nunca hei de crer que o meu coração seja tão mau.

Cristão - É por isso que nunca tiveste em toda a tua vida um bom pensamento. Assim como a palavra de Deus sentencia os nossos caminhos, e quando os pensamentos dos nossos corações e os nossos caminhos concordam com o juízo que a palavra forma a seu respeito - são ambos bons, porque estão conformes com ela.

Ignorância - Explica-me o sentido dessas palavras.

Cristão - Diz a palavra de Deus que os caminhos do homem são transviados, que não são bons, mas perversos: diz que os homens por natureza, se apartam do caminho: que nem sequer o conheceram (Salmos 125:5: Provérbios 2:15: Romanos 3:12-17). Pois bem, quando um homem assim pensa dos seus caminhos, isto é, quando pensa com sentimentos de humilhação do coração, é quando tem bons pensamentos dos seus próprios caminhos.

Ignorância - E quais os bons pensamentos a respeito de Deus?

Cristão - De igual modo, aqueles que concordam com o que acerca de Deus nos diz a sua palavra, quando pensamos no seu ser, nos seus atributos, como a palavra nos ensina. A este respeito, porém, não posso agora ser mais extenso. Falando só de Deus em suas relações conosco, temos bons e retos pensamentos quando pensamos que Ele nos conhece melhor do que nós mesmos nos conhecemos, e que pode ver o pecado em nós, ainda quando nós não possamos vê-lo de modo algum: quando pensamos que conhece os nossos pensamentos mais

íntimos e que o que é mais recôndito no nosso coração está sempre patente a seus olhos: quando pensamos que todas as nossas justiças são abominação na sua presença, e que, portanto, não pode admitir que estejamos na sua presença com confiança alguma nas nossas obras, ainda nas melhores.

Ignorância - Julgas que sou tão néscio que suponha que Deus não vê senão o que vejo, ou que me atreveria a apresentar-me na Sua presença com a melhor das obras?

Cristão : Pois se não julgas isso : o que é que julgas?

Ignorância : Em poucas palavras vou dizer: - Creio que é necessário ter fé em Cristo para ser justificado.

Cristão : Como? Pensas que podes ter fé em Cristo não vendo a necessidade dele, nem conhecendo as tuas fraquezas originais e atuais, antes tendo, a teu respeito e do que fazes, uma opinião tal que mui claramente prova que nunca reconheceste a necessidade da justiça pessoal de Cristo para te justificar diante de Deus? Como podes dizer: - Creio em Cristo?

Ignorância : Creio, e bastante, apesar de tudo isso.

Cristão : E como crês?

Ignorância : Creio que Cristo morreu pelos pecadores, e que serei justificado diante de Deus e ficarei livre da maldição, se aceitar a minha obediência à Sua lei. Por outras palavras: - Cristo faz com que os meus deveres religiosos sejam aceitos pelo Pai, em virtude dos seus merecimentos, e assim eu sou justificado.

Cristão : Permite-me que me oponha à tua profissão de fé:

1.º - Tens uma fé imaginária, porque tal fé não encontro descrita em parte alguma da Palavra de Deus.

2.º - Tens uma fé falsa, porque pões de parte a justificação pela justiça pessoal de Cristo, e aplicas a tua própria justiça.

3.º - Essa fé faz com que Cristo seja o que justifica, não a tua pessoa, mas as tuas ações, o que é falso.

4.º - Finalmente, a tua fé é enganosa, a ponto de deixar-te debaixo da ira do Deus Altíssimo, porque a verdadeira fé, que justifica, faz com que a alma convicta do seu estado de perdição pela lei, busque como refúgio a justiça de Cristo, justiça que não consiste num só ato de graça, em que a tua obediência seja aceita por Deus para justificação, mas na obediência pessoal de Cristo à lei, em fazer sofrer por nós o que de nós se exige. Esta é a justiça que a verdadeira fé aceita, e que cobre sob o seu manto a nossa alma, que por isso se apresenta sem mancha diante de Deus, sendo aceita e absolvida da condenação.

Ignorância : Queres então que confiemos simplesmente no que Cristo fez, sem entrarmos com o concurso das nossas pessoas? Essa fantasia daria livre curso às nossas concupiscências, e permitiria que vivêssemos como melhor nos aprouvesse: porque, o que havia de importar-nos o modo de viver, se pudéssemos ser inteiramente justificados pela justiça pessoal de Cristo, só por nela termos fé?

Cristão : Ignorância te chamas, e bem demonstras nessa tua resposta. Ignoras o que é a justiça que justifica, e também ignoras como hás de livrar a tua alma, por esta fé, da terrível ira de Deus. Ignoras os verdadeiros efeitos

desta fé salvadora na justiça de Cristo, que são: dobrar e ganhar o coração para Deus em Cristo, amando o seu nome, a sua Palavra, os seus caminhos, e o seu povo, e não como tu, na tua ignorância, os imaginas.

Esperança : Pergunta-lhe se alguma vez se lhe revelou Cristo.

Ignorância : Que? És tu daqueles que acreditam em revelações? Ora! Parece-me que o que dizes sobre esse ponto não é mais do que o fruto dum cérebro em desarranjo.

Esperança : Homem! Cristo está em Deus dum modo tão incompreensível a toda a carne, que ninguém pode conhecê-lo duma maneira salvadora, se o Deus Pai lho não revelar.

Ignorância : Isso será a tua crença, mas não a minha, posto que não duvide de que a minha seja tão boa como a tua, apesar de a minha cabeça estar em melhor estado do que a tua.

Cristão : Permita-me que entre também na conversa. Não se deve falar tão lisonjeiramente neste assunto, pois eu afirmo resoluta e categoricamente o que pode conhecer a Jesus Cristo senão pela revelação do Pai. Ainda mais: que a fé para ser reta, há de ser operada pela super-eminente grandeza do seu poder (Mateus 11:27: I Coríntios 12:3: Efésios 1:17-20).

Vejo, pobre Ignorância, que nada sabes desta operação da fé. Desperta, pois, reconhece a tua própria miséria, e recorre ao Senhor Jesus, e pela sua justiça, que é a justiça

de Deus (porque Ele mesmo é Deus), serás livre da condenação.

Ignorância : Muito depressa andais! Não posso acompanhar-vos nesse passo. Ide adiante, que eu não tenho pressa.

E despediu-se deles.

Disse então Cristão ao seu companheiro:

- Vamos bem, Esperança. Está visto que temos de ir outra vez sós.

Alargaram o passo, enquanto Ignorância os seguia coxeando, e ouviu-lhes o seguinte diálogo:

Cristão : Tenho dó desse pobre moço!

Esperança : Infelizmente há muitos na nossa cidade em idênticas circunstâncias, famílias inteiras, ruas inteiras: e, se há tantos na nossa cidade, onde todos são peregrinos, o que será na terra onde Ignorância nasceu?

Cristão : Bem verdadeira é a palavra: Cerrou-lhes os olhos para que não vejam...

Agora, porém, que estamos outra vez sós, dize-me: Que te parecem estes homens? Crês que tenham alguma vez convicção do pecado, e que temam, por conseguinte, o estado de perigo em que se encontram?

Esperança : A essa pergunta ninguém melhor do que tu saberá responder, pois és mais competente do que eu.

Cristão : Sou da opinião que é possível que o sintam uma ou outra vez, mas, como são ignorantes por natureza, não

compreendem que esta convicção lhes é proveitosa, e buscam afogá-las, por todos os modos, continuando a adular-se a si mesmos, no caminho de seus próprios corações.

Esperança : Com efeito, também creio, como tu, que o medo serve muito para bem dos homens e para os fazer ir direitos ao princípio da sua peregrinação.

Cristão : Não podemos duvidar de que é bom, por que assim o diz a palavra: :O temor de Deus é o princípio da sabedoria.: (Jó 28:28: Salmos 111:10: Provérbios 1:7: 9:10).

Esperança : Como se poderá reconhecer o medo que é bom?

Cristão : O medo bom reconhece-se por três coisas:

1.ª- Pela sua origem: é causado pelas convicções salvadoras do pecado:

2ª : Impele a alma a acercar-se de Cristo para a salvação:

3.ª : Gera e conserva na alma uma grande reverência para com Deus, para com a sua palavra e seus caminhos, mantendo-a constante e terna, e fazendo-a temer de se apartar deles, para outro lado, ou de fazer qualquer coisa que possa desonrar a Deus, alterar a sua paz, contristar o Espírito Santo, ou dar ocasião a que o inimigo tome alguma vantagem.

Esperança : Estou de acordo. Creio que disseste a verdade. Mas dize-me: ainda não saímos do terreno encantado?
Cristão : Vais aborrecido de nossa conversação?

Esperança : Não, mas desejava saber onde estamos.

Cristão : Ainda nos falta perto de uma légua para sairmos deste terreno. Mas, voltando ao assunto: os ignorantes não conhecem que tais convicções, que os atemorizam, são para seu bem e por isso procuram afogá-las.

Esperança : E como procuram fazê-lo?

Cristão : 1.º : Crêem que esses temores são obra do demônio (sendo, na verdade, de Deus), e por isso lhe resistem com a coisa que tende diretamente à sua ruína, 2.º : Pensam também que os tais temores tendem a prejudicar-lhes a fé, quando (desgraçados que são!) nenhuma têm, e por isso endurecem contra eles os seus corações. 3.º : Supõem que não devem temer, e por isso, apesar de seus temores, tornam-se vãmente confiados. 4.º : Julgam que esses temores tendem a aviltar a sua própria santidade, antiga e miserável, e por isso lhes resistem todas as forças.

Esperança : Eu mesmo experimentei algumas dessas coisas, porque antes de me convencer passei pelo que acabas de dizer.

Cristão : Bem. Deixemos por agora o nosso vizinho Ignorância, e passemos a outra coisa proveitosa.

Esperança : Da melhor boa vontade. Propõe tu essa nova questão.

Cristão : Conheceste na tua terra, haverá dez anos, um tal Temporário, que era nessa época homem bastante fervoroso em religião?

Esperança : Perfeitamente. Ainda não me esqueci: ele

morava em Sem-Graça, aldeia que dista cerca de meia légua de Honestidade, em uma casa junto à dum tal Retrocesso.

Cristão : Isso mesmo. Vivia com ele debaixo do mesmo teto. Pois esse Temporário esteve uma vez muito bem encaminhado. Creio que nessa época tinha alguma convicção de seus pecados e do estipêndio que se lhes deve.

Esperança : Lembro-me disso perfeitamente. A sua casa não distava mais do que uma légua da minha, e muitas vezes veio ele ter comigo, banhado em lágrimas. Contristava-me, e não perdi de todo as esperanças que nele fundava. Está, porém, visto que nem todos os que clamam: Senhor!, são cristãos.

Cristão : Temporário disse-me uma vez que estava resolvido a fazer-se peregrino, como nós agora somos, mas travou conhecimento com um tal Salvação-Própria, e deixou a minha amizade desde então.

Esperança : Já que falamos dele, investiguemos a razão da sua apostasia repentina, e da de outros como este.
Cristão : Essa investigação pode ser muito proveitosa. Agora, porém, é a tua vez de começar.

Esperança : Na minha opinião as razões são quatro:
1.ª : Ainda que as consciências desses homens estejam acordadas, os seus corações não têm diferença alguma. Por isso, quando termina o poder do pecado, acaba também o motivo que os levou a tornarem-se religiosos e voltam naturalmente aos seus costumes antigos, assim como vemos voltar o cão ao seu vômito, e a porca lavada a rojar-se na lama (II Pedro 2:22). Buscam avidamente o céu, só

porque compreendem e temem os tormentos do inferno: mas logo que resfria e enfraquece esta apreensão e este temor, também resfriam e enfraquecem os desejos que tinham, do céu, da salvação, e por isso, passado o delito e o temor, acabam esses desejos, e voltam aos antigos hábitos.

2.ª : Outra razão é a de não serem temores de Deus, mas dos outros homens, e o temor do homem é um laço. De modo que, parecendo ávidos pelo céu, enquanto bramem em torno deles as chamas do inferno, logo que esse terror passa acodem-lhes outros pensamentos, tais como é bom ser cauteloso e que não é muito prudente meter-se em aflições desnecessárias, voltando assim a fazer as pazes com o mundo.

3.ª : Também sucede servir-lhe de tropeço a vergonha mal entendida, que costuma acompanhar a religião: são orgulhosos e altivos, e a religião é vil e desprezível a seus olhos: e por isso, uma vez perdido o sentimento de infortúnio e da ira vindoura, voltam ao antigo modo de viver.

4.ª - Aflige-os muito a idéia do pecado, e pensam nele com terror: não gostam de contemplar as suas misérias, pois, ainda que a primeira consideração os levassem a se refugiarem onde se refugiam os justos, e onde estivessem seguros, como atribuem esses pensamentos ao pecado e ao terror, uma vez que se tornaram insensíveis às suas convicções e ao temor da ira de Deus, endurecem voluntariamente os seus corações e escolhem precisamente os caminhos que mais contribuem para este engrandecimento.

Cristão : Creio que falas com bastante acerto, porque a

causa principal é a falta duma mudança no seu coração e na sua vontade, pelo que se assemelham ao acusado, que quando está na presença do juiz, treme e parece arrepender-se do íntimo do coração, quando a única causa que o move é o temor do patíbulo e não o horror do crime cometido. Dai a liberdade a esse réu, e vê-los-eis continuar a matar e a roubar como dantes: mas, se o seu coração tivesse mudado, teria também mudado a sua conduta.

Esperança : Já que te expus as razões da volta destes homens ao antigo, explica-me tu agora a maneira por que essa falta se efetua.

Cristão - Eu to digo:

1.º - Desviam os seus pensamentos, quando lhes é possível, da meditação e da lembrança de Deus, da morte e do juízo futuro.

2.º - Abandonam pouco a pouco, e gradualmente, os seus deveres particulares, como são: a oração, o refreamento das concupiscências, a vigilância em si mesmos, a dor dos pecados, etc.

3.º - Vão esfriando no cumprimento dos deveres públicos, como: a leitura e pregação da palavra , o trato com outros cristãos, etc.

4.º - Começam a censurar as pessoas piedosas, e isto duma maneira infernal, para terem desculpa aparente de lançarem fora a religião, com o pretexto dalgumas fraquezas que descobriram naqueles que a professam.

5.º - Passam a aderir e a assossiar-se a homens carnais, lúbricos e levianos.

6.º - Em seguida entregam-se secretamente a conversações carnais e levianas, estimando ver fazer outro tanto a alguns que são tidos por honrados, para contestarem o seu procedimento e poderem prosseguir mais ousadamente.

7.º - Enfim, começam a mofar abertamente de certos pecados, dizendo que são de pouca monta, e:

8.º - Endurecendo-se desta maneira, manifestam-se tais quais são. E assim, lançados no abismo da miséria, se um milagre da graça o não evita, perecem para sempre nos seus próprios enganos.

Capítulo XX

Cristão e Esperança passam pela terra habitada, atravessam o rio da Morte, e dão entrada na gloriosa cidade de Deus

Depois das agradáveis práticas que acabo de referir, vi, em meu sonho, que os peregrinos tinham já passado a terra encantada, e estavam à entrada do país de Beulá (Isaías 62:4-12; Cantares 2:10-12).

Mui doce e agradável era o ar desse país que atravessavam, e onde se alegraram por algum tempo. Recreavam-se em ouvir o canto das aves e a voz das rolas, e em ver as flores que juncavam os prados. Nesse país o dia é permanente, brilhante o sol em todo o seu esplendor, pelo que está inteiramente fora dos limites do Vale da Sombra da Morte e do domínio do gigante Desespero; nem dali se avista a menor parte do Castelo da Dúvida.

Achavam-se os peregrinos muito próximos da Cidade para onde iam, e mais duma vez encontram habitantes delas, pois os Resplandecentes costumavam passear por aqueles sítios, que ficavam por assim dizer, dentro dos limites do céu. Foi nesse país que se renovou o contrato entre o Esposo e a Esposa, e, assim como eles se rejubilam mutuamente, assim goza com eles o seu Deus. Não faltava ali, nem trigo, nem vinho, pois havia abundância de tudo quanto tinham buscado em toda a sua peregrinação.

Ouviam-se grandes vozes, que partiam da cidade, exclamando: "Dizei à filha de Sião: Eis aqui vem o teu Salvador, eis aqui a sua recompensa com Ele".

Finalmente, os habitantes do país chamaram-se povo santo, redimidos do Senhor, etc.

Ditosos eles! Quanto mais se internavam naquele país, maior era o seu regozijo; e, quanto mais se aproximavam da cidade, tanto mais perfeita e magnífica era a vista que se patenteava a seus olhos. Era a cidade construída de pérolas e pedras preciosas, as ruas calçadas a ouro, de modo que o brilho natural e o reflexo dos raios do sol fizeram com que Cristão adoecesse de desejos. Esperança também se sentiu atacado desta enfermidade, pelo que se detiveram um pouco para descansarem, exclamando no meio da sua ansiedade: Se encontrares o meu amado, fazei-lhe saber como de amor estou enfermo; (Cantares 5:8). Em breve ser fortaleceram e, achando-se mais dispostos a arrastar com a enfermidade, prosseguiram no seu caminho, aproximando-se da cidade, cada vez mais.

À beira da estrada havia excelentes vinhas e deliciosos jardins. Encontraram o jardineiro e perguntaram-lhe a

quem pertenciam vinhas e jardins tão formosos. Respondeu-lhes que eram propriedade do Rei, e que tinham sido plantados para seu deleite e consolação dos peregrinos. Mandou-os entrar nas vinhas, e ofereceu-lhes os mais primorosos cachos; mostrou-lhes os passeios em que o Rei se deleitava; e terminou por convidá-los a dormirem ali.

E vi que, enquanto dormiam, falavam mais do que em toda a sua viagem; e, tendo notado isso, disse-me o jardineiro: ;Não tens de que te admirar. É da natureza do fruto destas vinhas entrar suavemente e falar aos lábios dos que dormem.; (Cantares 7:9).

Quando acordaram, prepararam-se para entrar na cidade, mas, como já disse, sendo esta de ouro fino (Apocalipse 21:18), era tal o reflexo do sol, e tão altamente glorioso, que não puderam contemplá-los com a face descoberta (II Coríntios 3:18). E vi que lhes saíram ao encontro dois homens com vestidos reluzentes como o ouro, cujos rostos eram brilhantes como a luz, e lhes perguntaram donde vinham, onde se haviam hospedado, que dificuldades e perigos, que consolações e prazeres, tinham encontrado pelo caminho. Satisfeitas estas perguntas, disseram-lhe: ;Só vos faltam duas dificuldades a vencer: entrareis, em seguida na cidade.

Cristão e o seu companheiro pediram-lhes logo que os acompanhassem. Os homens responderam que aceitavam da melhor vontade, mas preveniram-nos de que teria de vencer pela própria fé, e assim caminharam juntos, até avistarem a porta.

Chegados ali, vi que entre eles e a porta havia um rio; mas não havia ponte alguma por onde se pudesse passar, e o rio era muito profundo. Ao vê-lo, os peregrinos ficaram muito assustados, mas os homens que os acompanhavam disseram-lhes: Ou haveis de atravessá-lo ou não haveis de chegar à porta.

Não há outro caminho? Perguntaram os peregrinos.

Há, responderam os homens, mas só para dois, que são Enoque e Elias, aos quais foi permitido passar por cima do rio desde a fundação do mundo, o que a mais ninguém foi permitido até agora.

Começaram então os peregrinos, e especialmente Cristão, a desconsolar-se a olhar para um e outro lado; mas não podiam encontrar caminho por onde evitassem o rio. Perguntaram aos dois companheiros se a água era igualmente profunda em todo o rio. Responderam-lhes que não, mas que isso lhes devia ser indiferente, porque o encontrarem-na mais ou menos profunda dependia da fé que tivessem no Rei do país.

Decidiram-se, pois, a entrar na água; mas, apenas o fizeram, começou Cristão a submergir-se, e a bradar a Esperança: Afundo-me nestas águas, passam sobre mim todas as ondas.

Respondeu-lhe Esperança: Tem coragem, irmão! Eu alcancei o fundo, e acho-o seguro.

Ah! Meu amigo, exclamou Cristão, rodearam-me as dores da morte, e não verei a terra que mana leite e mel. Nisto caiu sobre Cristão grande horror e obscuridade, de modo

que nada podia ver. Perdeu parte dos sentidos, de modo que não podia recordar-se nem falar com acerto de nenhum dos doces refrigérios que tinha encontrado no caminho. Todas as palavras que pronunciava davam a entender que tinha horror e se aterrorizava de morrer naquele rio e de não chegar a entrar pela porta da cidade. Os circunstantes também observavam que ele tinha dolorosos pensamentos do pecado que cometera, tanto antes como depois de se fazer peregrino. Igualmente se notou que o afligiam aparições, fantasmas e espíritos maus, o que se depreendia das palavras que soltava.

Mui grande era o trabalho de Esperança para conservar fora da água a cabeça de seu irmão. Algumas vezes submergia-se inteiramente, o que o deixava quase meio morto. Tratava-se de o consolar, falando-lhe da porta e dos que ali estavam esperando, mas Cristão respondia: É a ti, é a ti que esperam; sempre foste Esperança desde que te conheço; ah! Por certo que, se eu fosse aceito por Ele, levantar-se-ia para me ajudar, mas, por meus pecados, trouxe-me ao laço e abandonou-me nele. Nunca, respondeu Esperança: esqueceste sem dúvida o texto em que se diz dos maus: Não atendem à sua morte e não há firmeza na sua ferida; não participam dos trabalhos dos homens, nem com os homens serão flagelados (Salmos 73:4-5). Estas aflições e trabalhos, por que estás passando neste rio, não são sinal de que Deus te haja abandonado; e apenas servem para te experimentar, e para ver se te lembras do que tens recebido da sua bondade, e se vives Dele nas tuas aflições.

Estas palavras fizeram com que Cristão ficasse muito pensativo, pelo que Esperança acrescentou:

Confia, irmão, Jesus Cristo te sara. Ao ouvir isto, Cristão exclamou em alta voz: Sim, o vejo, e ouço que me diz: "Quando tu passares pelas águas eu serei contigo, e os rios não te submergirão" (Isaías 43:2).

Assim iam se animando mutuamente, e o inimigo nada pôde contra eles, de modo que os deixou, como se estivesse acorrentado, até passarem o rio. A profundidade das águas ia decrescendo, e em breve encontraram terreno em que puderam firmar os pés.

Que grande consolação experimentaram, quando viram outra vez na margem oposta os dois Resplandecentes que, saudando-os, lhes diziam: Somos espíritos administradores, enviados para serviço em favor dos que hão de ser herdeiros da salvação. E cada vez se aproximavam mais da porta.

Deve-se notar que a cidade está edificada sobre uma grande montanha, mas os peregrinos subiam-na com facilidade, porque iam pelo braço dos Resplandecentes; além do que tinham deixado atrás de si, no rio, os seus vestidos dos mortais. Subiam, pois com a maior agilidade, apesar de estarem mais altos do que as nuvens, os fundamentos sobre que se assenta a cidade. Com que prazer eles transpuseram as diversas regiões da atmosfera; falando entre si docemente, e cheios de consolação por terem atravessado o rio a salvo, e por terem a seu serviço tão gloriosos companheiros!

Quão agradáveis lhes era a conversação que tinham com os Resplandecentes! Ali, diziam eles, há uma glória e uma formosura inefáveis; ali está o monte Sião e a Jerusalém

Celestial, a companhia de muitos milhares de anjos e os espíritos dos justos já perfeitos (Hebreus 12:22-24). Já estais perto do Paraíso de Deus, onde vereis a árvore da vida e comereis do fruto inacessível. Recebereis, quando entrardes, vestidos brancos, e o vosso trato e conversação com Rei durará pelos dias de toda a eternidade (Apocalipse 2:7; 4:5; 22:5). Não tornareis a ver ali o que víeis e sentíeis na região inferior da Terra, isto é, dor, enfermidade, aflição e morte, porque tudo isso é já passado (Isaías 65:16-17), Ides juntar-vos com Abraão, com Isaque, com Jacó, e com os profetas, a quem Deus livrou do mal futuro, e ora descansam em seus leitos, por haverem andado em justiça. Ides receber consolação por todos os vossos trabalhos, e gozo por toda a vossa tristeza: recolhereis o que semeastes, isto é, o fruto de todas as vossas orações, e das lágrimas e sofrimentos que pelo Rei passastes no caminho da vossa peregrinação (Gálatas 6:7-8).

Cingireis coroas de ouro, e gozareis a perpétua vista e presença do SANTO, porque ali o vereis como Ele é (I João 3:2).

Servireis continuamente com louvores, com vozes de júbilo e com ação de graças. Àquele a quem desejáveis servir no mundo com bastante dificuldade, por causa da fraqueza da vossa carne. Os vossos olhos regozijar-se-ão com a vista, e vós mesmos com a doce voz do Altíssimo; recuperareis a companhia dos amigos que vos precederam, e recebereis com alegria todos aqueles que vos precederam, e recebereis com alegria todos aqueles que vos seguirem no lugar santo. Servos-ão dados vestidos de glória e de majestade, e quando o Rei da glória vier das

nuvens, ao som da trombeta, como sobre as asas do vento, vireis vós com Ele; quando se assentar no trono do julgamento, assentar-vos-eis a seu lado; quando pronunciar a sentença contra os que obraram iniqüidade, ou sejam anjos ou homens, tereis também voz nesse julgamento; e, quando voltar para a cidade, voltareis com Ele ao som da trombeta e ficareis com Ele para sempre (I Tessalonicenses 4:13-17; Judas 14:15; Daniel 7:9-10; I Coríntios 6:2-30.

Quando iam chegando à porta, eis que uma multidão das hostes celestiais saiu ao seu encontro, perguntando: Quem são estes e donde vieram? Responderam os Resplandecentes: São homens que amaram nosso Senhor quando estavam no mundo, e tudo deixaram pelo seu santo nome; enviou-nos Ele para os trazermos aqui, e temo-los acompanhado na sua desejada viagem, para que entrem e contemplem o seu Redentor face a face, com grande gozo. E as hostes celestiais deram vozes de júbilos, e exclamaram: Bem-aventurados os que são chamados à ceia do Cordeiro. (Apocalipse19:9).

Ao ouvirem estas palavras, os músicos do Rei tocaram em seus instrumentos suaves melodias, que ressoavam nos céus, e com vozes e gestos de alegria, cantando e fazendo soar seus instrumentos, saudaram uma e mil vezes aos que vinham do mundo. Puseram-se uns à direita, uns à esquerda, uns adiante, outros atrás, como para os acompanhar e perseverar nas regiões superiores, enchendo os espaços de sons melodiosos, de modo que parecia que o próprio céu tinha vindo recebê-los; era a marcha triunfal mais formosa que se tem visto.

Tudo indicava aos dois peregrinos quão bem-vindos eram à cidade, e com quanta alegria eram recebidos. Já a avistavam, já ouviam os alegres repiques de todos os sinos que saudavam a sua chegada. Oh! Que pensamentos tão alegres e arrebatadores lhes acudiam ao verem o júbilo da cidade, a companhia que iam gozar, e para sempre! Que língua ou que pena poderiam exprimi-los?

Ei-los chegados à porta da cidade, sobre a qual viram gravadas, com letras de ouro, as seguintes palavras: ;Bem-aventurados aqueles que lavam as suas vestimentas no sangue do Cordeiro, para terem parte na árvore da vida e para entrarem na cidade pelas portas.; (Apocalipse 22:14).

Bateram com força, e logo apareceram por cima da porta os rostos dos que moravam lá dentro... Enoque, Moisés, Elias...que, perguntando quem batia, obtiveram esta resposta: São dois peregrinos que vieram da cidade da Destruição, pelo amor que têm ao Rei deste lugar. Então, cada um dos peregrinos entregou o pergaminho que recebera no princípio, e, tendo sido esses documentos levados ao Rei e lidos por Ele, mandou abrir as portas aos peregrinos, para que entrasse a gente justa, guardadora da verdade. (Isaías 26:2).

Vi-os, então, entrar, e que, depois de terem transposto a porta, foram transfigurados e receberam vestidos que resplandeciam como ouro, e harpas e coroas que lhes foram entregues, para que, com as primeiras entoassem louvores, e as segundas lhes servissem de distintivo de honra. Ouvi tornarem a repicar os sinos da cidade, em sinal de regozijo, ao mesmo tempo que os ministros do Rei diziam aos peregrinos: "Entrai no gozo do nosso Senhor!" (Mateus 25:23). E eles responderam com alegria

e efusão: "Ao que está assentado no trono, e ao Cordeiro, seja bênção, honra e glória e poder, para todo o sempre!" (Apocalipse 5:13).

Aproveitei o momento em que se abriam as portas para eles passarem, e olhei para dentro; eis que vi a cidade que brilhava como sol; as ruas eram calçadas a ouro, e passeava por elas uma multidão de homens com coroas na cabeça, palmas e harpas de ouro nas mãos, cantando louvores.

Vi também que uns tinham asas, e que cantavam sem interrupção: ;Santo, Santo, Santo é o Senhor.; E tornaram a fechar as portas, e eu fiquei de fora, cheio de pesar, pois anelava por entrar e gozar as coisas que tinha visto.

Pena foi que o meu sonho não acabasse com tão doces impressões. Depois de fechadas as portas, olhei para trás e vi Ignorância, que chegava à margem do rio; passou depressa e sem metade das dificuldades que os peregrinos tinham encontrado. E aconteceu assim, porque estava ali um barquinho chamado Vã-Esperança, que o ajudou a passar na sua barca. Ignorância subiu também a montanha em direção à porta, mas ninguém foi ao seu encontro para o ajudar, nem para lhes dirigir uma palavra de estímulo ou de consolação. Chegando à porta, olhou para o letreiro que a encimava. Começou a bater, supondo que franqueariam a entrada, mas os que lhe apareceram por cima da porta perguntaram-lhe donde vinha e o que queria. Respondeu-lhes Ignorância: Comi e bebi presença do Rei, e Ele ensinou nas nossas ruas. Dá-nos então o diploma para o mostrarmos ao Rei. Ignorância procurou em seu seio, mas nada encontrou. Não tinha diploma algum. Disseram-lhe, pois: Não tens diploma? Ignorância nada respondeu.

Comunicado o Rei o que acontecia, ordenou Ele aos Resplandecentes que atassem Ignorância de pés e mãos, e o lançassem fora; e vi que o levavam pelos ares até a porta que eu tinha visto na fralda da serra, e que dali o precipitaram.

Fiquei surpreendido; mas serviu-me isto de importante lição, pois fiquei sabendo que da porta do céu há caminho para o inferno, do mesmo modo que o há na cidade da Destruição.

E nisto. . . acordei, e vi que tudo fora um sonho .

http://www.femissionaria.blogspot.com.br/2014/03/o-peregrino-john-bunyan.html